

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Messias de Moraes Ferreira

**Chamados e Interpelados à Justiça e ao amor:
uma Teologia da vocação e suas implicações éticas**

Mestrado em Teologia

São Paulo - SP

2021

Messias de Moraes Ferreira

**Chamados e interpelados à justiça e ao amor:
uma Teologia da vocação e suas implicações éticas**

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Donizete José Xavier.

São Paulo - SP

2021

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, pelo Dom da vida e da vocação recebida que, a cada dia, consigo responder ao chamado com alegria e disposição.

Agradeço aos professores com os quais tive a oportunidade de trocar ideias e somar esforços na busca pelo conhecimento, seja durante as aulas ou mesmo durante a participação em eventos externos.

E a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram na concretização deste trabalho. A todos o meu muito obrigado!

FERREIRA, Messias de Moraes. **Chamados e interpelados à justiça e ao amor: uma Teologia da vocação e suas implicações éticas**. 2020. 171 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objeto material a Justiça e o Amor enquanto chamado de Deus aos homens e mulheres e por objeto formal a Teologia da vocação. Busca articular Teologia, Fenomenologia e Antropologia, como uma abordagem da teologia da vocação centrada na ideia do chamado-resposta. Para tanto, partirá da experiência religiosa do homem e de sua dependência em relação a Deus. Como padre presente e atuante na Igreja do Brasil, mais especificamente na Igreja de São Paulo, torna-se imperativo o estudo aprofundamento sobre questões importantes da Igreja. Uma delas está relacionada à vocação. Tem como objetivo aprofundar-se no estudo e entendimento do que é a vocação e do fenômeno que se apresenta no mundo moderno a partir as considerações do pensador Paul Ricoeur, Rubio, Oliveira, Maia, Comblin, Boff, Xavier e dos documentos do Magistério da Igreja. Portanto, é um estudo de caráter exploratório, qualitativo e bibliográfico. Os resultados encontrados apontam para um desvelamento do desejo de Deus de que todos almejem e busquem a Santidade como um projeto de vida, alinhado à uma proposta de verdadeira fraternidade, à uma concepção de um Reino de paz e amor que se desdobra na prática da Justiça, por meio do resgate da dimensão do profetismo na história humana, pautado na Palavra de Deus, que orienta e inspira homens e mulheres a buscarem sentindo para sua existência, a viverem intensamente e com significado.

Palavras-chave: Existência humana. Teologia da vocação. Fenomenologia. Justiça

ABSTRACT

This research has as its material object Justice and Love as a call from God to men and women as a formal object the Theology of vocation. It seeks to articulate Theology, Phenomenology and Anthropology, as an approach to vocation theology centered on the idea of the call-response. For that, it will start from the religious experience of man and his dependence on God. As a priest present and active in the Church of Brazil, more specifically in the Church of São Paulo, it is imperative to study in depth on important issues of the Church. One of them is related to vocation. It aims to deepen the study and understanding of what is the vocation and the phenomenon that presents itself in the modern world from the considerations of the thinker Paul Ricoeur, Rubio, Oliveira, Maia, Comblin, Boff, Xavier and the documents of the Church's Magisterium. Therefore, it is an exploratory, qualitative and bibliographic study. The results found point to an unveiling of the desire of God that everyone longs for and seeks Holiness as a life project, aligned with a proposal of true fraternity, with a conception of a Kingdom of peace and love that unfolds in the practice of Justice, by rescuing the dimension of propheticism in human history, based on the Word of God, which guides and inspires men and women to seek feeling for their existence, to live intensely and with meaning.

Keywords: Human existence. Theology of vocation. Phenomenology. Justice.

ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	- Exortação Apostólica Pós Sinodal <i>Amoris Laetitia</i>
CF	- Campanha da Fraternidade
ChV	- Exortação Apostólica Pós Sinodal <i>Christus Vivit</i>
CIC	- Catecismo da Igreja Católica
CL	- Exortação Apostólica <i>Christifideles laici</i>
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRB	- Conferência dos Religiosos do Brasil
CTI	- Comissão Teológica Internacional
DAp	- Documento de Aparecida
DC	- Diretório para a Catequese 2020
DCE	- Carta Encíclica <i>Deus Caritas Est</i>
DGAE	- Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora
DH	- Declaração <i>Dignitatis Humanae</i>
DM	- Carta Encíclica <i>Dives in Misericordia</i>
DV	- Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	- Exortação Apostólica <i>Evangelium Gaudium</i>
EV	- Carta Encíclica <i>Evangelium Vitae</i>
FC	- Exortação Apostólica <i>Familiaris Consortio</i>
GeE	- Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i>
GS	- Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
ID	- <i>Imago Dei</i> – A pessoa humana criada à imagem de Deus
LG	- Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
LS	- Carta Encíclica <i>Laudato Sí</i>
OPAS	- Organização de Pesquisa Pan-Americana de Saúde
PO	- Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>
RM	- Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>

ABREVIATURAS DE TEXTOS BÍBLICOS

Am	-	Amós
At	-	Atos dos Apóstolos
Cl	-	Colossenses
Ct	-	Cântico dos Cânticos
Dt	-	Deuteronômio
Ex	-	Êxodo
Gl	-	Gálatas
Hb	-	Hebreus
I Cor	-	Primeiro Coríntios
I Jo	-	Primeira João
I Sm	-	Primeiro Samuel
I Tm	-	Primeira Timóteo
II Cor	-	Segundo Coríntios
Is	-	Isaías
Jo	-	João
Jr	-	Jeremias
Lc	-	Lucas
Lv	-	Levítico
Mc	-	Marcos
Mt	-	Mateus
Os	-	Oséias
Rm	-	Romanos
Rm	-	Romanos
Sl	-	Salmo
Tg	-	Tiago

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ESTRUTURA CONSTITUINTE DO HUMANO.....	13
1.1 Manifestação de Deus e a existência humana	15
1.1.1 Receptividade e obediência.....	17
1.1.2 Primado ontológico da manifestação de Deus.....	20
1.1.3 Prioridade epistemológica: a resposta do homem.....	31
1.2 Um colóquio de amor entre os amantes: dimensão religiosa	37
1.2.1 Primado absoluto da dimensão religiosa do homem.....	46
1.2.2 Acolhimento humano.....	48
1.3 A busca de sentido	52
1.3.1 Inquietude e identidade da pessoa.....	59
1.3.2 Dimensão vocacional.....	61
1.4 Algumas considerações	64
2 TEOLOGIA DAS VOCAÇÕES.....	68
2.1 Fundamentação Bíblica-teológica.....	70
2.1.1 Profetas.....	76
2.1.2 Discípulos.....	84
2.1.3 Comunidade.....	97
2.2 Aspectos da fenomenologia teológica das vocações.....	107
2.2.1 Paul Ricoeur – chamado resposta.....	109

2.2.2 Jean Luc Marion - O testemunho como resposta a vocação.	116
2.3 Hermenêutica das vocações.....	120
2.3.1 Liberdade	122
2.3.2 Amor	128
2.3.3 Justiça	138
2.4 Algumas Considerações.....	141
3 A UNIVERSALIDADE DO REINO DE DEUS	145
3.1 Reino de Deus e sua vocação	147
3.2 Reino de Deus que se expressa na justiça e no amor	165
3.3 Algumas Considerações.....	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
BIBLIOGRAFIA	187

INTRODUÇÃO

Aprofundar uma teologia da vocação no mundo moderno, é um grande desafio, mas ao mesmo tempo uma oportunidade para reavaliarmos o fenômeno vocacional, pelo viés da dinâmica do chamado e resposta, a partir de uma espiritualidade pautada no serviço e na intimidade com Deus. A análise desta relação entre chamado e resposta basicamente está inserida dentro uma perspectiva religiosa, haja vista que Deus criou o homem e não cessa de atraí-lo para si. Para tanto, partir-se-á da experiência religiosa do homem e de sua dependência em relação a Deus, pois, a vocação tem sempre como núcleo fundamental a promoção da vida em Deus, de um chamado a construir o Reino de Deus como corresponsáveis pela criação.

Com base nessa percepção nos propomos a desenvolver enquanto análise do chamado de Deus aos homens, uma leitura deste fenômeno à luz do sentimento de pertença, por uma economia do dom, com sua lógica de superabundância. Neste sentido as contribuições do pensamento de Paul Ricoeur, de Jean Luc Marion e do Magistério da Igreja trazidas por eles mesmo ou outros autores que deles fizeram uma releitura, servirão de subsídio para justificarmos a hipótese deste trabalho.

Portanto, o estudo busca articular Teologia, Fenomenologia e Antropologia, como uma abordagem da teologia da vocação centrada na ideia do chamado-resposta, partindo da experiência religiosa do homem e de sua dependência em relação a Deus.

Assim, a pesquisa se desenvolve a partir do primeiro capítulo com uma leitura da relação Deus e homem, concentrada na perspectiva do chamado envolve uma abertura acolhedora, marcada por uma atitude de resposta, exigindo assim, que se retome a teologia do chamado em sua articulação histórico-narrativa. O dado da Revelação de Deus no coração da história será decisivo, uma vez que essa dinâmica se torna envolvente por uma relação de doação e recepção, um entrelaçar do Deus que se revela e do homem que se torna capaz de acolher essa Revelação, e estabelece com Deus um colóquio de proximidade. É fato, adiantarmos que essa relação com Deus parte de uma necessidade humana em dar sentido à sua existência que se recusa a pautar suas esperanças na materialidade do tempo presente. O homem na medida que toma consciência de sua tenra e finita existência busca em

Deus as respostas mais profundas, capazes de sanar toda inquietude de seu coração, que Nele encontrará pleno repouso.

O mesmo Deus que chama é o Deus que envia, daí a importância de se investigar o sujeito destinatário do chamado que, com sua resposta, encontra-se envolvido em uma pedagogia sistemática do Amor, isto é, encontra-se preparado para testemunhar a experiência vivida na medida que se permite aprofundar no relacionamento com Deus e seu projeto de Salvação. A pontuação analítica da estrutura “chamado e resposta” sugere à prática teológica o tema da Vocação, compreendida como um colóquio entre os amantes, cuja implicações éticas se fazem necessárias dentro do contexto da existência humana. O Deus que aqui se revela é, *a priori*, o Deus que chama e, *a posteriori*, envia. Chamado e envio tornam-se um par semântico do acontecimento da Revelação de Deus.

Desta forma, o paradigma do “si” respondente do homem, encontra-se no acontecimento Jesus Cristo, o paradigma do sujeito respondente, por ter vivido o mistério de sua vida na eloquência da obediência e do serviço. Aqui nos perguntamos pela possibilidade de se pensar os aspectos cristológicos da vocação. Jesus como a Encarnação do Verbo de Deus interpela-nos à uma condição de seguidores, não só como seres criados, mas elevados pelo próprio Deus à condição filial. Se somos filhos, somos herdeiros de Deus e conseqüentemente corresponsáveis por seu Reino e na manutenção da criação.

Já no Segundo capítulo veremos que a Escritura e a Antropologia Teológica constituem, assim, o ponto de apoio para a construção de uma fenomenologia da vocação, que se desenvolve na abordagem de uma Antropologia do dom segundo as dimensões mais profundas do chamado, a saber, a prática do amor e da justiça. A Justiça está inserida no dinamismo do Reino de Deus, enquanto realização plena da vocação humana seja ela no âmbito pessoal ou social. O chamado de Deus à humanidade é um colocar-se como instrumento de justiça, de transformação social, que se desdobra intrepidamente no comportamento ético, através do testemunho convicto e maduro da fé. Será necessário um resgate da dimensão profética do chamado e da retomada de consciência discipular das comunidades cristãs, na perspectiva de uma relação amorosa, justa e da liberdade como dom.

No terceiro capítulo, presenciamos a universalidade do Reino de Deus, onde todos são chamados e convocados e darem uma resposta amorosa. Vemos também que, o papel da Igreja no mundo moderno tem suma importância no amadurecimento da fé de tantos leigos e leigas dispostos a deixarem-se seduzir e fascinar pela pessoa de Jesus, tendo como modelos inspiradores tantos santos e santas, que fizeram de suas vidas uma oportunidade de configurarem-se à vida do próprio Deus, que se deixaram moldar pela vontade de Deus, a ponto que que como Paulo pudessem afirmar “Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20), por isso sua ação pastoral e consagração ao Reino era de pessoas cuja esperança era seu alimento diário.

Esta pesquisa além de fomentar a recuperação do debate sobre a Teologia da Vocação pautando-se no percurso do sujeito convocado, é um convite a deixar-nos conduzir pelo caminho de Emaús (cf Lc 24, 13-35), nos quais os olhos se abrem e os corações ardem ao ouvirem aquilo que o Senhor tinha a lhes falar ao coração. A dualidade “chamado-resposta” é um par indispensável para que se possa compreender que Deus e o homem estão envolvidos numa história de amor, cuja exemplaridade e plena liberdade faz-se presente na pessoa de Jesus Cristo.

Os resultados encontrados apontam para um desvelamento do desejo de Deus de que todos almejem e busquem a Santidade como um projeto de vida, alinhado à uma proposta de verdadeira fraternidade, à uma concepção de um Reino de paz e amor que se desdobra na prática da Justiça, por meio do resgate da dimensão do profetismo na história humana, pautado na Palavra de Deus, que orienta e inspira homens e mulheres a buscarem sentindo para sua existência, a viverem intensamente e com significado.

CAPÍTULO I

ESTRUTURA CONSTITUINTE DO HUMANO

Entre os grandes problemas e desafios vivenciados nos tempos modernos, está justamente a crise de valores éticos e morais. Crise esta que atinge também a esfera religiosa, no cultivo das virtudes e dos valores cristãos que tem por objetivo suprir ou sanar alguns danos e anseios causados na humanidade por outros setores sociais. Quando falamos em Revelação de Deus aos homens nos reportamos ao objetivo pelo qual Deus criou a humanidade. O dado da Revelação pressupõe um querer de Deus, um desejo em criar e recriar em sua pedagogia própria do amor.

É notável na narração do Gênesis, o lugar de destaque que o homem ocupa no ato da criação, o qual onde recebe de Deus a missão de cuidar e zelar pelos demais seres criados. Criado para amar, o homem é convidado a voltar sua atenção para o cuidado com a criação, conseqüentemente com a vida em geral. Sendo criado por amor, deve compreender que tudo aquilo que existe na criação é por dádiva de Deus. O cuidado com a *Casa Comum* é fator moderador da qualidade de vida e de relacionamento do homem enquanto criação.

Papa Francisco na Carta Apostólica *Laudato Si* (2015), convoca-nos a voltarmos nosso olhar sobre alguns pontos cruciais; como o aquecimento global, poluição e mudanças climáticas, os problemas com a água, perda da biodiversidade, além das demais demandas que se referem à vida humana em si, como a desigualdade social, a fome e violência. Por outro lado, convida a humanidade a ter um olhar de compaixão. Deus ao chamar o homem não o desobriga de sua responsabilidade sobre os demais seres criados.

O documento da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS, nº24) diz que “o ser humano, na terra, é a única criatura que Deus quis por si mesma”, mas como citado acima, não o exclui da responsabilidade em humanizar o mundo através do cuidado com a criação. Deus criou o homem, chamando-o à existência *por amor*, chamou-o ao mesmo tempo ao amor e para o amor. Não obstante à criação, Deus cria esse homem à sua imagem e semelhança. Tema desgastantemente debatido, mas que não se esgota, presente nas reflexões da história desde a mais simples à

mais complexa abordagem, em conversas de roda ou em grandes Conferências e Concílios, é o tema da identidade humana e de sua missão.

Imagem e semelhança de Deus é o alicerce para uma vida de santidade, de doação e de clareza total sobre o sentido da existência. O ser humano foi feito para amar. Isso é verdade inata, pois, Deus insere no coração do seu ser criado o desejo de conhecer a Ele, Deus atrai o homem para si, para que esse homem enquanto criatura tenha acesso ao seu criador e posteriormente, estabeleça uma relação de amor entre Pai e filhos adotivos que encontram sua mais concreta personificação em Jesus Cristo.

Somos abarcados por uma sociedade onde o imediatismo e o relativismo imperam, frente a uma sociedade consumista e materialista, sustentada pelos instrumentos midiáticos, funde-se na necessidade de fortalecer as relações humanas e as solidificar, rompendo as barreiras criadas pelas relações momentâneas sem significados profundos.

Nesse ambiente desafiador algumas questões poderão auxiliar o desenrolar deste capítulo, como a reflexão sobre a dimensão do chamado vocacional partindo do sentido da existência humana; a existência e aceitação de um Deus que cria e revela-se ao homem somente por amor; uma reflexão epistemológica sobre a natureza humana diante de tanta modernidade e que ainda se rende ao desejo de buscar algo muito além do imediato, algo que dê sentido à sua existência. Por fim, a necessidade de uma reflexão dialógica e epistemológica para recuperar na humanidade os traços deixados por Deus no ato da criação.

Para esta relação dialógica de Deus que chama e o homem que responde, vemos a contribuição de Paul Ricoeur fazendo uma analogia entre o mandamento do amor e a prática da justiça, dois pontos cruciais que muito revelam sobre a identidade e essência do agir de Deus e também fazer um paralelo entre discurso e prática. Toda ação se origina de Deus, é Ele quem precede toda resposta humana, mas é Ele também que eleva o valor da criatura à condição de filhos e filhas de seu amor. É justamente o amor de Deus quem dá significado à existência humana dentro do projeto de Salvação.

1.1 Manifestação de Deus e a existência humana

A identidade humana está em foco, sendo assim o resgate do humano diante de um mundo globalizado e plural se torna fator essencialmente urgente. Uma reflexão tendo como ponto de partida a humanidade não nega necessariamente o dado da Revelação de Deus, mas o homem é a forma proximal e acessível de se conhecer a Deus, principalmente pela encarnação do Verbo “O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, visto que o homem é criado por Deus e para Deus” (CIC, nº 27). Mas não podemos deixar de frisar que a primeira iniciativa é sempre por parte de Deus. Ele cria, Ele chama, Ele se dá a conhecer e se permite ser conhecido pelo homem. O Diretório para a Catequese do ano de 2020, aponta que a Revelação é a grande obra educativa de Deus. O documento segue dizendo que:

Desde o início da história da Salvação, a Revelação de Deus se manifesta como iniciativa de amor que se expressa em tantas atenções educativas. Deus interpelou o gênero humano, pedindo uma resposta. Ele pediu a Adão e a Eva uma resposta de fé, em obediência a seu mandato; em seu amor, apesar da desobediência, Deus continuou a comunicar a verdade de seu mistério pouco a pouco, gradualmente, até a plenitude da Revelação em Jesus Cristo¹

O conhecimento de Deus e a apreensão de suas verdades, se dará a partir da escuta sincera por parte do homem, de uma intimidade cultivada pelo ouvido atento à Deus e à Sua vontade. O desejo de Deus é a realização plena da pessoa humana, que culminará na medida que esse homem se relacionar com Deus e os irmãos na prática do amor e da justiça. O sim generoso é o primeiro passo para abarcarmos uma teologia das vocações seguido por um processo de amadurecimento na fé, de forma integral ao ponto de que a vontade de Deus se torne também a própria vontade humana. “A fé só tem sentido e é verdadeira quando significa resposta à experiência de Deus, feita pessoal e comunitariamente. Fé é então expressão de um encontro com Deus que envolve a totalidade da existência” (Boff, 1994, p.18). Essa resposta fundamenta-se em uma corresponsabilidade global e atenta aos sinais dados pela criação, pelo clamor que vem da terra.

¹ Cf. DC, nº 157.

Essa responsabilidade perante uma terra que é de Deus, implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo, porque “Ele deu uma ordem e tudo foi criado; Ele fixou tudo pelos séculos sem fim e estabeleceu leis a que não se pode fugir” (Sl 148,5b-6). Consequentemente, a legislação bíblica detém-se para propor ao ser humano várias normas relativas não só às outras pessoas, mas também aos restantes seres vivo: “Se vires o jumento do teu irmão ou o seu boi caído no caminho, não te desvies deles, mas ajuda-os a levantarem-se. (...) Se encontrares no caminho, em cima de uma árvore ou no chão, um ninho de pássaros com filhotes, ou ovos cobertos pela mãe, não apanharás a mãe com a ninhada” (Dt 22, 4.6). Nesta linha, o descanso do sétimo dia não é proposto só para o ser humano, mas “para que descansem o teu boi e o teu jumento” (Ex 23, 12). Assim nos damos conta de que a Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, que se desinteressa das outras criaturas²

O texto base da Campanha da Fraternidade de 2020, vem fazer um paralelo entre respeito ao meio ambiente e respeito ao ser humano, assim como o contrário também é real, aqui recuperando a exortação apostólica de Papa Francisco, a *Laudato Si* (2015), aponta que:

Quando falamos de meio ambiente, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre natureza e a sociedade que a habita. Isso nos impede de comparar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. As razões pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade. Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza³

É neste contexto amplo vivenciado pelo homem chamado, que Ricoeur, busca entrelaçar as suas reflexões de modo a evidenciar as batalhas travadas no campo religioso, econômico e teológico além da sua própria consciência. Com efeito é no

² Cf. LS, nº 68.

³ Cf. LS, nº 139

confronto de sua própria consciência que o homem se percebe como “sujeito” da ação que irá responder ao chamado feito por Deus. Essa consciência possibilita uma dialética entre liberdade e responsabilidade. Liberdade para responder generosamente ao chamado de Deus e responsabilidade na resposta dada diante da trajetória do caminho e tudo o que esse sim contemplar. Por fim, são tantos os sinais que atestam que o “homem é capaz de Deus”, segundo o Catecismo da Igreja, pois “Deus não cessa de atrair esse homem para si”.

1.1.1 Receptividade e obediência

O homem chamado por Deus é também dotado de algumas características próprias que venham alavancar a experiência vocacional. Uma delas é a capacidade do ouvir na sua dimensão mais profunda, no qual ouvindo, crê; crendo experimenta; experimentando consegue livremente obedecer à voz que clama em seu interior. A humanidade é chamada para a liberdade antes de mais nada, o homem é potencialmente livre.

Se os homens são chamados para a liberdade – homens e mulheres de todos os povos, a raiz desta vocação está no próprio Deus. Deus é livre e por isso cria e chama para a liberdade. Criar seres sem liberdade não teria significado para um Deus que é simplesmente liberdade.⁴

A obediência do homem à Deus só alcança significado na medida em que ele tem a liberdade de aceitar ou não, pois, a liberdade é sim, parte constitutiva da identidade humana. A metodologia usada por Deus parte sempre do princípio libertador e nada do que é feito tendo o exercício da liberdade humana impossibilitada, assume caráter de verdade, de profundidade e de intimidade, até mesmo no campo da fé pressupõe liberdade para crer ou não. As definições sobre liberdade podem ser vistas por diversos aspectos e ângulos dependendo de sua gênese, mas em todos eles a mediação humana se fez necessária. Para que o povo de Israel buscasse a

⁴ COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998, 3ª ed. p.58.

liberdade, Deus usa de Moisés para apontar o caminho e fazer a mediação entre o povo e Deus, mas cabe aqui ressaltar que o convite é sempre de Deus.

A liberdade não é inata. Não aparece espontaneamente. É apelo, que, em última instância, vem de Deus. Esse apelo de Deus dificilmente será percebido se não houver mediações humanas – outras pessoas já no caminho da liberdade pela vida e pela palavra. Porém as palavras dos outros, mesmo as palavras da Bíblia, os exemplos de santos e heróis da fé cristão não teriam força se não houvesse uma atração forte, interna, inconfundível, que os acompanhasse.⁵

É justamente o desejo que Deus insere no coração da pessoa humana que revela e fundamenta sua capacidade de acolher a Revelação na dinâmica do chamado e resposta. Pela obediência o homem se abre à transcendência. O Catecismo da Igreja Católica, citando a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1965) destaca que é pela fé que a pessoa consegue submeter-se plenamente a Deus, acolhendo sua Revelação, que fala aos homens como amigos.

Por sua Revelação, “o Deus invisível, por seu imenso amor fala aos homens como a amigos, e com eles se entretém para convidá-los à comunhão consigo e nela recebê-los”. A resposta adequada a este convite é a fé. Pela fé, o homem submete completamente sua inteligência e sua vontade a Deus. Com todo o seu ser, o homem dá seu assentimento a Deus revelado. A Sagrada escritura denomina “obediência da fé” esta resposta do homem ao Deus que se revela.⁶

O lugar privilegiado que a pessoa humana ocupa na criação só pode ser caracterizado pela sua capacidade intelectual de refletir sobre seus atos e ações de forma consciente e por isso ser capaz de propor mudanças, pois, é ele, o homem dotado da capacidade de escuta do Deus que age na história desde o início, e convida a ultrapassar a natureza meramente humana.

Essa unidade original já está dada na vida concreta do cristão. Ele é um cristão que crê e é ao mesmo tempo, e na verdade como exigência de sua própria fé, uma pessoa que reflete sobre o conceito de toda a sua existência. Aí encontramos os dois momentos, a objetividade

⁵ COMBLIN, José. Op. cit., 1998, p.240.

⁶ Cf. CIC, nº 142-143.

teológica e a filosófica, e na vida pessoal ambas as realidades entram desde o início em unicidade pelo menos de princípio.⁷

A compreensão de uma humanida aberta à escuta e a obediência, coloca a pessoa como um ser capaz de Revelação, de acolher no mais profundo de seu âmago o amor de Deus e assim expresse com sua vida o amor por Deus, e consequentemente pela obra da criação.

O homem é o ente dotado de uma espiritualidade receptiva, aberta sempre à história, e em sua liberdade enquanto tal se encontra diante do Deus livre de uma possível revelação, a qual, caso se verifique, se efetua sempre mediante 'a palavra' em sua história, da qual constitui a mais elevada realização. O homem é aquele que escuta na história a palavra do Deus livre. Só assim ele é aquilo que deve ser. Uma antropologia metafísica só é completa quando concebe a si mesma coma a metafísica de uma *potentia oboedientialis* para a revelação de Deus supramundano⁸.

Para que haja uma maior compreensão desta abertura humana em acolher e obedecer o que Deus tem para a humanidade, é necessariamente preciso olhar para uma relação verdadeira de amizade, onde amando e amados, abandonam as suas consciências isoladas e alcançam o seu verdadeiro eu. É nessa dinâmica do encontro que deixamo-nos transformar e transpor a mentalidade meramente antropocêntrica sem deixar-nos reencontrar por Deus e nos interpelar pelo amor e pela justiça. Papa Francisco, aponta essa realidade quando nos convida a deixar-nos invadir pela Alegria do Evangelho.

Somente graças a este encontro- ou reencontro—com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegaremos a ser plenamente humanos quando somos mais de que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte de nossa ação evangelizadora.⁹

⁷ RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: Introdução ao curso de Cristianismo*. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989, P.22. (Coleção Teologia Sistemática).

⁸ PÍE NINOT, Salvador. *Teologia Fundamental (Trad): 7 (ágape)*- Salamanca: Ed. Secretariado Trinitário. 2009, p, 112.

⁹ Cf. EG, nº 8.

Sendo assim, o homem que ouve e se deixa interpelar pela voz de Deus, apreende e acolhe esta Revelação, buscando pautar e situar sua existência humana dentro do projeto da Salvação. Deus é o mesmo desde o princípio da criação do mundo e o homem continua a ser aquele a quem Ele chama sem cessar para si.

1.1.2 Primado ontológico da manifestação de Deus

O dado da Revelação de Deus é fonte pela forma com que Deus escolheu se manifestar ao homem. Em sua primeira carta, São João diz que “Deus é amor”. O amor é uma experiência sensível, vivenciada pela fé e pela vida, pela intuição e pela necessidade que o homem tem em enxergar amor, em ter a esperança, na necessidade de acolher o amor de Deus como a seu próprio amor. Quanto maior a esperança, tanto maior a união com Deus e com a criação. Deus se revela, se manifesta e se dá a conhecer por amor, nada foge de sua capacidade de amar.

Afirmarmos que Deus se manifesta por amor e que por amor sempre tomou a primeira iniciativa para que esse encontro com o homem acontecesse, nos dias atuais parece não ser algo tão complexo para a compreensão humana, mas nem sempre foi assim. Pensar que Deus na sua magnitude se dispõe em atrair para si os homens a quem Ele mesmo criou parece algo difícil de ser compreendido fora da pedagogia do amor. São diversas as tentativas para que o homem se volte para Deus, característica nada comum de um Deus todo poderoso. E de fato não é, pois desde os primórdios Deus procurou se manifestar de maneira a estar ao alcance do ser humano, uma Revelação Quenótica, de auto esvaziamento, se inclina para criar. Haught (1998, p. 31), fazendo menção à Jurgen Moltmann, sobre a revelação de Deus através da criação:

Deus retira-se de si mesmo para si mesmo, para tornar possível a criação. A sua atividade criadora para fora é precedida por esta humilde auto restrição divina. Neste sentido a auto humilhação de Deus não começa apenas com a criação, desde que Deus se dedica a este mundo: começa antes, é a pressuposição que torna possível a criação. O amor criador de Deus está fundamentalmente neste humilde, auto humilhante, amor de Deus. Este amor auto restrito é o começo do auto esvaziamento de Deus, que Fl 2 vê como mistério divino do Messias. Também para criar o céu e a terra Deus esvaziou-

se de toda a sua onipotência, que tudo enche, e como criador assumiu a forma de servo.¹⁰

Diferentemente dos deuses venerados no tempo da formação do povo de Israel e na Palestina, que vinculados aos poderes políticos vigentes aplicavam uma pedagogia pautada no medo e na retribuição mediante à sacrifícios, Deus escolhe o caminho da libertação, da salvação, da relação proximal e amorosa através de seu Filho como forma de se auto revelar aos homens. Escolhe um caminho em que a verdadeira fé se dá pela transformação dos corações, antes mesmo da dimensão sacrificial. Deus se revela como o Deus da Vida, que caminha com seu povo, que faz história com seu povo e que se concretiza e ratifica sua existência nos acontecimentos vivenciados na prática, da concretude da vida humana.

A história de libertação, que encontramos no livro do Êxodo começou com um grupo de pessoas e tomou proporções enormes no decorrer dos tempos. Estes foram chamados a deixarem sua crença em deuses diversos, sedentários, muitos com rostos e formas definidas, com localizações específicas e dentro de um tempo pontual deuses que priorizavam o interesse político, social e econômico. Alguns fatores dificultavam a compreensão humana daquela época sobre Deus, principalmente quando a relação até então, entre o povo e “deus” era pautada no medo oriundo de castigos, condenações e isso implicava até mesmo o apedrejamento em praça pública e demais punições.

O dado da Revelação está presente de alguma forma em todas as concepções de humanidade, como um emaranhado de ações divinas entrelaçados à ações humanas. Deus não escolhe o caminho dos sábios e entendidos para dar-se a conhecer, mas sim o caminho da proximidade, de maneira pessoal escolhe se revelar, a fim de acompanhar e ser presença na evolução do povo de Israel, um Deus que vê o sofrimento que se inclina para ouvir o clamor e desce através de Moisés para libertá-los.

O Senhor lhe disse: Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los

¹⁰ HAUGHT, John F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulinas, 1998. (Teologia sistemática), p. 31.

sair desse país para uma terra boa e espaçosa, terra onde corre leite e mel.¹¹

Deus se revela como Deus presente. Um Deus que começa a ser experimentado através dos despojados e marginalizados e que assume a luta de seu povo contra todo poder político opressor, que se posiciona em defesa dos excluídos. Segundo BOFF “Deus é experimentado na luta dos oprimidos e cativos na Babilônia. Dele se diz que escuta o grito do oprimido e abandona sua luz inacessível, desce para colocar-se ao lado dos injustiçados”¹² (cf Ex 3,4). Essa característica de Deus se faz presente na pessoa de Jesus Cristo, que não só anuncia a vontade de Deus Pai, mas demonstra com sua própria vivência a opção pelos mais simples. Sem medir seu amor age no coração da história humana. Como diz Rubio (2007) “Um Deus apaixonado pelo ser humano, que age no coração de nossa história, um Deus comprometido com a nossa libertação e com a nossa Salvação”¹³.

Deus é aquele que é, mas esta compreensão e aceitação da Revelação de Deus passa pela necessidade humana de um nome, necessidade de deixar de ser reconhecido como o deus que libertou o povo da escravidão tão somente, o deus desconhecido, o Deus de Moisés ou Abraão. Deus tem um nome, seu nome lhe confere essência, uma identidade proximal para seu povo.

O nome de Deus é promessa de seu estar aqui, de sua presença e de seu acompanhamento ativo e atuante. Atuante não de maneira neutra e objetiva, mas tomando posição, agindo em favor daqueles que não têm ninguém de seu lado, dos excluídos e dos oprimidos do poder. É este o significado verdadeiro do nome de Deus.¹⁴

O ‘Eu Sou aquele que sou’ (Ex 3,14) dirigido a Moisés, tem caráter ontológico, no sentido que essa definição ressalta a essência de Deus, onde o Seu nome expressa o Ser. Não existe nada além de seu nome, Deus é aquilo tudo o que ele faz.

¹¹ Cf. Ex 3,7.

¹² BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*/Leonardo Boff, Frei Betto. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 20.

¹³ RUBIO, Afonso Garcia. *Elementos de Antropologia Teológica*. Salvação Cristã: Salvos de quê e para quê? 4. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2007, p.40.

¹⁴ BLANK, Renold J. *Deus na história: centros temáticos da Revelação*/Renold J. Blank. São Paulo: Paulinas, 2005, p.71.

Sua ação é intrínseca ao seu nome e seu nome é essência de seu Ser. Jesus aos discípulos dizia que acima de tudo busquem a Deus, o seu Reino. Ao redor do nome de Deus a sociedade começa e se organizar, a ponto de doutores e reis sentirem-se ameaçados. Em nome de Deus, o povo começa a caminhar, a querer sair do Egito, se libertar da escravidão e buscar uma terra onde o Reino de Deus se fará presente. A simplicidade de Deus é tão evidente, que utiliza de pessoas simples, sem destaque social para realizar grandes proezas, não por eles mesmos, mas por Obra de quem os chamou.

Na narrativa do Êxodo 32,1 vemos a construção do bezerro de ouro pelo povo de Israel, recém libertado da escravidão do Egito, característica contrária à fé monoteísta. Mediante a demora de Moisés que subiu a montanha para falar com Deus, este povo constrói um ídolo para colocar no lugar desse Deus até então desconhecido. Um Deus não visível, e sendo não visível dificilmente poderia ser experimentado, conhecido, obedecido e conseqüentemente ser seguido. Aqui Deus age através de um homem, para conduzir e ajudar a fortalecer a concepção que este povo vai adquirindo sobre Ele.

O que importa é que, através de todo um processo histórico de conscientização, um grupo, incentivado por um líder, conseguiu encontrar no seu Deus o motor para um agir histórico, porque eles compreenderam que este Deus não só os incentivava, mas também os acompanhava com a sua presença e o seu poder: eis o elemento decisivo daquilo que podemos apreender das narrativas sobre a revelação.¹⁵

Embora seja gratuita, a Revelação de Deus acontece na história e acompanha a evolução histórica da humanidade, mas requer a participação dos homens. No Antigo Testamento, o amor de Deus não é um sentimento ou um simples comportamento, mas a ação de Deus, que se lembra de seu povo prisioneiro em terra estranha. A afirmação de que a ação de Deus sobre Israel é a manifestação de seu amor encontra clara explicação em Oséias: “Quando Israel era criança, eu o amava e do Egito chamei o meu Filho” (Os 11, 1).

¹⁵ BLANK, Renold J. Op. Cit., 2005, p.70.

Nada do que Deus propõe ao ser humano acontece fora do seu contexto histórico e relacional. Seu amor é concreto e experiencial, coloca o povo de Israel no centro da história e dá uma identidade a este povo, outrora escravizado. Mas Deus não queria ser para o povo como os demais deuses existentes, queria que o povo O visse como um Deus próximo que se inclina do alto céu para ouvir e atender o clamor daqueles que o invocavam. Deus age no cotidiano da vida humana do povo de Israel, ajudando com que esse povo se realize na história e celebre a libertação dada gratuitamente a ele e alcance a sua salvação.

E, além disso, decidindo abrir o caminho da salvação sobrenatural, manifestou-se a si mesmo desde o princípio, aos nossos pais. Depois da queda destes juntamente com a promessa de redenção deu-lhes a esperança da salvação.¹⁶

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 1995-1998, referindo-se à manifestação de Deus no mundo:

Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. E se o quer, deve ser de maneira adequada à situação de cada ser humano. Por isso mesmo, a ação salvífica de Deus precede a Igreja e sua missão. Desde a criação do mundo e do homem, Deus, em sua infinita sabedoria, percorre os caminhos de sua criatura e lhe promete a salvação. Mais: para que pudéssemos conhecê-lo e amá-lo, ele se deu a conhecer a si mesmo e o seu plano salvífico, 'em acontecimentos e palavras'. Estes revelam o sentido profundo do mistério de comunhão que Deus quer com todos em Cristo.¹⁷

Na Sagrada Escritura, Deus buscou de diferentes maneiras para se comunicar e dar-se a conhecer à humanidade e assim revelar ao homem seu amor de Pai. Iniciativa por parte de Deus é justamente o ato da criação, as alianças estabelecidas com os patriarcas e profetas, os sinais e promessas feitas àqueles que o ouviram e atenderam a sua voz. O Deus que cria o homem por amor é o mesmo que também sustenta esse homem na vivência e prática desse amor. Deus ama, mas também

¹⁶ Cf. Rm 2, 6-7.

¹⁷ Cf. DGAE, nº 75.

incentiva a humanidade a buscar as transformações necessárias para que possa respondê-Lo.

Deus que primeiro nos vê com sentimento de piedade, ou seja, de pertença. Ele nos amou primeiro (I Jo 4,10). Deus existe e se manifesta na natureza humana, se revela na história e se concretiza na evolução da mesma história. Deus cria o homem por iniciativa própria, mas o potencializa fazer um caminho que o traga para si. Escolheu se manifestar pela simplicidade e aos simples, por amor e pela salvação dos homens. Esse amor de Deus que vem ao nosso encontro de maneira pessoal, sendo que, ao mesmo tempo, é universal e individual, vendo-nos como obras criadas por Ele e para Ele, considerando nossas semelhanças e valorizando nossas particularidades, nivelando-nos, pois, ama-nos igualmente¹⁸.

A consciência sobre um Deus presente, não sedentário, que caminha com seu povo e que com ele se encontra, faz com que as informações sobre esse Deus se espalhem e cheguem aos ouvidos de muitos. Consequentemente a partir daí cria-se uma consciência voltada para o social, para a solidariedade, para a partilha do maná que vem como providência de Deus, que não abandona o seu povo em momento algum. O povo outrora escravo no Egito assume a característica ética e religiosa pertencente ao Deus que o libertou, características de uma Deus que não aceita ser trocado ou reconhecido parcialmente, que deseja que Israel que o povo seja o Seu povo eleito. À medida que a consciência sobre Deus aumenta aquele povo nômade e sem identidade assume o cuidado uns dos outros, a unidade se torna característica de um povo que vive e se comunica com Deus.

Deus, que “habita numa luz inacessível” (1Tm 6,16), quer comunicar a sua própria vida divina aos homens que livremente criou, para fazer deles, no seu Filho único, filhos adotivos. Revelando-Se a Si mesmo, Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes por si próprios.¹⁹

Aquilo que tanto Deus falou pelos profetas de maneira parcial, alcançou plenitude em seu Filho Jesus Cristo (cf Hb 1, 1-2) e não mais serão necessárias as diversas alianças seladas, pois, em Jesus se cumpre toda a vontade do Pai para a

¹⁸ PEREIRA, Simone. Amar: chamado divino, vocação humana. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 49

¹⁹ Cf. CIC, nº 52.

humanidade. “Deus amou tanto o mundo, que deu seu filho único, a fim de que todo aquele que crer nele não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). A Revelação está intrinsecamente ligada à Salvação, Deus se revela, pois, quer que todos os seus filhos e filhas alcancem a salvação. O Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), nos recorda que:

A salvação, que Deus nos oferece, é obra da sua misericórdia. Não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a Si. Envia o seu Espírito Santo aos nossos corações, para nos fazer seus filhos, para nos transformar e nos tornar capazes de responder com a nossa vida ao seu amor.²⁰

É por bondade de Deus que a revelação de Deus ao homem culmina na encarnação do Verbo, na qual se dá a completude da ação salvífica em relação à existência humana.

Quis Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo, e manifestar o mistério de sua vontade (cf. Ef 1, 9): os homens tem acesso ao Pai, e se tornam participantes da natureza divina por Cristo, Verbo encarnado, no Espírito Santo (cf. Ef 2; 2 Pd. 1, 4). Deus, invisível (Cl 1, 15; 1 Tm 1, 17), revela-se por causa do seu muito amor, falando aos homens como amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14s) E conversando com eles (cf. Br 3, 38) para convidá-los a estarem com Ele no seu convívio. A economia da Revelação implica gestos e palavras, intimamente ligados entre si. Os acontecimentos realizados por Deus na história da salvação manifestam e confirmam os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. As palavras, por sua vez, proclamam os acontecimentos e iluminam o mistério neles contido. A verdade profunda a respeito de Deus e da salvação humana brilha em Cristo, que é ao mesmo tempo, mediador e plenitude da Revelação²¹.

Encontramos em Jesus uma maneira proximal de alcançarmos as verdades sobre a manifestação de Deus, tanto que a *posteriori* chamará de Deus de Pai, de paizinho, que para nós soa como uma relação de carinho. O Deus desconhecido assume uma característica humana para não só dar-se a conhecer, mas para viver e conviver através de seu Filho no meio da humanidade que com tanto zelo criou. O

²⁰ Cf. EG, nº 112

²¹ Cf. DV, nº 2

Catecismo da Igreja Católica (nº 65), fazendo menção a São João da Cruz citando Hebreus.

Porque em dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra única – (e não há outra) – (Deus) tudo nos falou e de uma só vez nesta Palavra única e nada mais tem a falar. [...] De fato aquilo que falou parcialmente aos profetas, agora nos disse inteiramente em Seu Filho, nos dando o todo que é seu próprio Filho. Portanto, se alguém ainda quisesse interrogar o Senhor e pedir-lhe visões ou revelações, não só cometeria insensatez como ofenderia a Deus, por não fixar seu olhar unicamente em Cristo e buscar fora dele coisas diferentes ou novidades.²²

Jesus Cristo é o amor encarnado de Deus Pai, segundo a Encíclica *Deus Caritas Est* (2005), ressaltando que o amor de Deus se dirige ao encontro de situações que humanamente são inconcebíveis para tal compreensão, como por exemplo, deixar as noventa e nove ovelhas no deserto para ir atrás daquela que se perdeu, até encontrá-la (Lc 15,4), ou da mulher que procura o dracma perdido e quando o encontra faz uma festa (Lc 15,8). O documento segue dizendo que:

[...] Não se trata apenas de palavras, mas constituem a explicação do seu próprio ser e agir. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra si próprio, com o qual ele se entrega para levantar o ser humano e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical.²³

Jesus Cristo se torna para o homem a via direta para se alcançar o “Deus” até então desconhecido. O ser imagem de Deus assume sua definição mais completa e perfeita no Cristo em pessoa, e por Ele homens e mulheres vão até Deus. Com efeito, para “tornar-se” imagem de Deus, é indispensável que o ser humano participe ativamente na sua transformação segundo o modelo da imagem do Filho (Cl 3,10). O documento da V Conferência de Aparecida (2007) aponta que:

Uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre um sólido fundamento da Trindade-amor. A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço ao outro.²⁴

²² Cf. Hb 1, 1-2

²³ Cf. DCE, nº 12.

²⁴ Cf. DAp, nº 240.

Jesus Cristo é o mistério Absoluto que se deu na história da salvação, justamente para que através Dele todos sejam salvos pela força do Espírito de Deus na dinâmica relacional da Santíssima Trindade.

[...] os únicos mistérios realmente absolutos são a autocomunicação de Deus na profundidade da existência, que se chama graça, e na história, que se chama Jesus Cristo, realidades com as quais já está dado também o mistério da Trindade histórico-salvífico e imanente. E este mistério único pode plenamente fazer-se entender pelo homem, caso este se entenda a si mesmo como alguém que está orientado e remetido ao mistério a que chamamos Deus.²⁵

A evolução do cristianismo se deu de maneira gradativa no contexto histórico, que envolveu todas as dimensões sociais e políticas de sua época. Um fato nascido da liberdade da graça de Deus, que oportunizasse ao homem a construção de sua identidade como pessoa consciente e protagonista de sua história.

O cristianismo é um fato histórico, não um fato natural; de liberdade, não da necessidade. Enquanto acontecimento da história espiritual da humanidade se encontra determinado por alguns fatos e pela consciência que tiveram seus protagonistas de terem sido destinatários e receptores de uma manifestação pessoal de Deus especialmente qualificada, nova por seus conteúdos, não comparável e menos ainda redutível a outras manifestações que ele havia feito de si mesmo a outros povos anteriormente, e ao povo mesmo de Israel.²⁶

Deus se manifesta em plenitude por meio de seu Filho e chama quem Ele criou com o precioso dom da liberdade. Em Jesus Cristo o homem encontra novas possibilidades de adentrar àquilo que pela revelação Deus quis e quer mostrar. É interessante refletir sobre o cuidado que Deus tem em relação ao homem, o permitindo-lhe a possibilidade de ainda correspondê-lo ou não pelo exercício desta mesma liberdade. Somente quem aprendeu a essência do ato de amar, concede a liberdade a quem ama. É justamente a mediação de Jesus Cristo que permite ao homem conhecer a Deus enquanto ser vivente.

²⁵ RAHNER, Karl. Cit., 1989, p.23-24.

²⁶ CARDEDAL, Olegario González de. *El Quehacer de la teología. Génesis, estrutura, Misión*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008, p. 99.

Por meio de Jesus Cristo, por sua palavra, ações, morte e ressurreição, Deus se manifesta em plenitude da forma suprema que é possível aos homens conhecê-lo enquanto vivem em um corpo mortal. Jesus Cristo é o Filho e com seu destino inteiro, não só nos disse quem é Deus para os homens, senão que nos associou à relação filial em que ele vivia com Deus. Neste novo conhecimento de Deus, o homem tem feito a experiência de novas possibilidades. Desde essa revelação de Deus se esclareceu seu próprio ser e se descobriu, junto com novas possibilidades, novas carências, uma vez que se despertaram novas esperanças ante o futuro, às quais não poderá renunciar.²⁷

Por Jesus Cristo, o Filho de Deus, a vida humana é contemplada em sua totalidade, que somente se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa, entrando em comunhão com Seu amor.

[...] Deus criou um caminho para Se unir cada vez mais ao ser humano. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados. Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama das relações interpessoais que a vida impõe.²⁸

A fé em Jesus associa o homem à relação filial em que ele vivia com o Pai, e “nos ensina que a dignidade do ser humano tem sua raiz mais profunda no próprio Deus. O ser humano é dom de Deus”²⁹. Jesus revela uma perfeita unidade de amor que se refletia na relação trinitária e ao qual toda humanidade é chamada. Na teologia do *Imago Dei* (2004), essa conexão se apresenta de maneira dialógica, retrata que o documento:

Ilumina as conexões entre a antropologia e a cristologia. Sem negar a graça concedida ao gênero humano mediante a Encarnação, os teólogos querem reconhecer o valor intrínseco da criação do ser humano à imagem de Deus. As possibilidades que Cristo abre ao homem não significa a supressão da realidade do ser humano como criatura, mas sua transformação e realização segundo a imagem perfeita do Filho.³⁰

²⁷ CARDEDAL, Olegario González de. Op. Cit. 2008, p.99.

²⁸ Cf. EG, nº 113.

²⁹ Cf. DGAE, 2008-2010, nº 103.

³⁰ Cf. ID, nº 24.

O amor é a única via de acesso para a Revelação de Deus, que amando na gratuidade, cria e se revela por amor, fazendo da criação o ponto de partida para se chegar ao conhecimento de Deus. O amor é uma característica não só do agir de Deus, mas da essência de Deus, que é o próprio amor. Para viver e experimentar esse amor, por sinal, o homem deve conhecer a Deus. Na primeira carta de João 4,8 temos: “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor”.

O amor em Jesus Cristo passa a ser prática, testemunho, convite para que o homem faça a mesma coisa e vivencie o amor de modo que sua vivência contage a todos. O amor de Deus em Jesus Cristo chega ao ápice em tentar revelar à humanidade Seu amor de Pai. O amor-doação cumpre seu papel na forma mais ampla que possa haver, um amor que doa sua vida livremente e que não só doa, mas dá acesso ao seu Espírito para alcançar a participação na natureza divina. A Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1965), resgate este caráter da revelação como total doação de Deus:

Aprouve a Deus, que na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina [...] ³¹.

Esse amor é concretizado na vivência em comunidade. Deus chama o homem para viver em comunidade, lugar onde o amor se vive em gestos concretos de fraternidade e de solidariedade. Deus quer formar com a humanidade uma grande família.

A experiência desse amor gratuito e transformador gera fraternidade que se concretiza em comunidade de fé, nas quais a vida, com suas alegrias e dores, é partilhada. Através do relacionamento fraterno criam-se laços muitas vezes mais forte dos que o de sangue. ³²

Para que o homem possa adentrar aos mistérios da Revelação, o amor é condição e nada do que é feito tem sentido sem que antes o amor seja o princípio norteador de sua ação. A Revelação e a salvação que Deus oferece é dom de sua

³¹ PAPA PAULO VI. *Dei Verbum*. Encíclica. Sobre a Revelação Divina. Vaticano, 1965.

³² Cf. DGAE 2019-2023, nº 17.

vontade e de sua misericórdia, não há nada que o homem faça que o faça merecer tão grande dom. Desde o início afirmamos que a primeira palavra vem da parte de Deus. O próprio Deus suscita no coração humano a necessidade de dar uma resposta a esse amor. João Paulo II, ao falar sobre o amor Cristão, reforça que esse amor só pode ser possível, tendo como base o Amor de Deus, na Encíclica *Deus Caritas Est* (2005) diz que:

Deus é amor! Desse modo ele transforma a nossa impaciência e as nossas dúvidas em esperança segura de que Deus tem o mundo nas suas mãos a fé, que toma consciência do amor de Deus revelado no coração trespassado de Jesus na cruz, suscita por sua vez, o amor. Aquele amor divino é a luz que ilumina o mundo. O amor é possível, e nós, somos capazes de o praticar porque criados à imagem e semelhança de Deus.³³

Por fim, aquilo que Deus é e faz independe de quem o homem é. Deus é fiel, Deus é amor, mas acima de tudo Deus é justiça que resgata o ser humano escravizado pelo pecado social e lhe devolve a dignidade, pois, quer que todos sejam salvos. O amor é possível, pois somos criados para amar a Deus, sermos imagem e semelhança do criador.

1.1.3 Prioridade epistemológica: a resposta do homem

A Revelação ou desvelamento de Deus ao ser humano, enfaticamente se dá na história, lugar privilegiado para a comunicação de Deus mediante a salvação da pessoa humana. O mundo e a história são lugares privilegiados em que se dá a Revelação de Deus, é o espaço e o tempo no qual Deus se manifesta, é nessa realidade que a ação divina se entrelaça à ação humana.

O homem tem sido objeto de pesquisa desde os mais remotos tempos da filosofia grega. Muitos filósofos o estudaram com afinco e este por sinal viu-se na necessidade de buscar-se e de conhecer-se a ponto de dar um sentido concreto à sua própria existência. São João Paulo II, na *Encíclica Fides et Ratio* (1998) diz que:

A recomendação “*conhece-te a ti mesmo*”, esculpida no dintel de Delfos, para testemunhar uma verdade basilar que deve ser assumida como regra mínima de todo o homem que deseje distinguir-se, no meio

³³ Cf. DCE, nº 39.

da criação inteira, pela sua qualificação de homem, conhecedor de si mesmo.³⁴

Tal recomendação ocupa espaço nas reflexões cristãs até os dias atuais da antropologia teológica. Diante de tal quadro, não basta para o cristianismo perguntar tão somente quem é o homem dentro da dimensão universal, mas sim, quem é este homem para Deus, dentro da história da salvação, a ponto do próprio Filho de Deus se fazer homem e viver no meio da humanidade. O salmista já adiantava esta temática, “Quem é o homem para que dele Te lembres com tanto carinho? (Sl 8,5) e continua “Tu, o fizestes pouco menos que um deus e de glória e esplendor o corastes” (Sl 8,6). O salmista se coloca como admirador da ação divina, em questionar o que esse homem tem de tão valioso para que Deus o ame tanto, ou quem é esse homem para tal merecimento.

Ao observar tudo ao seu redor o homem se vê diferente de todas as demais criaturas, pois, não se reconhecia e não se identificava com nenhum ser criado, e Deus percebe a solidão deste homem. O texto continua dizendo que o homem foi envolto à um sono profundo e de sua costela, Deus criou a mulher. O homem ao se despertar reconhece nela sua completude, não só no sentido biológico, mas também na dimensão ontológica, “é carne da minha carne, ossos dos meus ossos” (Gn 2,23).

O homem e a mulher são chamados a serem cocriadores da vida junto à Deus através da unidade de seus corpos e sentimentos. Um outro eu que sendo igual a ele, se diferencia nas mais diversas características e singularidades. Aquilo que há na mulher como indivíduo, como ser criado, encontra sentindo no homem também como indivíduo, tornando assim esse momento um despertar para o encontro, de vínculos relacionais e empáticos. “Deus criou os dois primeiros seres humanos em relação um com o outro.... o ser humano não é um ser isolado, mas uma pessoa, essencialmente relacional (ID, nº 10).

Savian Filho citando Edith Stein, resgata um pensamento da autora que coloca o homem como um ser que se diferencia de todas as demais criaturas, mas que se

³⁴ Cf. FR, nº 1.

completa, interage, se reconhece, se desafia, se abre e se fecha mediante aos estímulos recebidos de um outro eu:

Ele (o homem) é um ser que diz de si “eu”. Nenhum animal pode dizer isso. Olho nos olhos de um animal e vejo alguma coisa que me olha. Vejo dentro da sua alma muda, prisioneira e aprisionada em si mesmo, incapaz de ir além de si mesma e chegar até mim. Olho nos olhos de um ser humano e o seu olhar me responde. Deixa-me penetrar na sua interioridade ou me rejeita. Ele é senhor da sua alma e pode fechar ou abrir as portas. Pode sair de si e penetrar nas coisas. Quando dois seres humanos se olham, um eu está diante de um outro eu. Pode ser um encontro que acontece na soleira da porta ou na interioridade. Quando é um encontro que acontece na interioridade o outro eu é um tu. O olhar do Homem fala³⁵.

Na busca incessante sobre si mesmo, o homem mergulha no desejo de conhecer-se, possuir e apreender as verdades sobre sua existência, sobre sua origem, o motivo pelo qual existe. Um fato ocorrido para elucidar tal colocação é justamente em que ao ser proibido por Deus em comer o fruto do conhecimento do bem e do mal, o homem se deixa seduzir pela voz da serpente, que semeia em seu coração o desejo do conhecimento, oferecendo ao homem a oportunidade de seus olhos se abrirem e se tornarem “iguais a Deus”, detentor do total conhecimento.

Não queremos aqui tocar no aspecto da obediência ou desobediência mediante tal oferta por parte da “serpente” em relação à exortação divina, mas justamente no ato de querer conhecer, em detrimento do conhecimento. É fato, que esse desejo de ir além nem sempre foi tão claro para o homem, por isso, historicamente, e por diversas vezes perdeu-se no caminho ao tentar compreender-se a si mesmo, fora do projeto de Deus, arriscou-se e acabou perdendo a possibilidade de viver eternamente no paraíso.

Embora neste contexto apareça a dialética entre a fé e a razão do querer conhecer e a obediência a Deus, o Catecismo da Igreja Católica diz que esse desejo do homem foi suscitado pelo próprio Deus, pois, “é sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair

³⁵ SAVIAN FILHO, Juvenal. *A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa*. 2016, p. 16. Disponível em: <https://ebookspucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologico/assets/2016/5.pdf> acesso em 19.12.2020.

o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso”³⁶.

Essa procura incessante do ser humano encontra sua dignidade na medida em que vocacionalmente se relaciona com Deus e a ele responde. Um convite de Deus ao homem que teve seu início desde o ato da concepção humana e que livremente se desenvolveu na medida em que se entrega e se abandona ao seu criador. Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965) vemos o Papa Paulo VI, exaltar a comunhão como o aspecto mais sublime da dignidade humana.

O aspecto mais sublime da dignidade humana está na vocação do homem à comunhão com Deus. Este convite que Deus dirige ao homem, de dialogar com ele, começa com a existência humana, pois, se o homem existe, é porque Deus o criou por amor e, por amor, não cessa de dar-lhe o ser. O homem só viverá plenamente segundo a verdade, se reconhecer livremente este amor e se entregar ao seu criador.³⁷

Evocando o tema da imagem de Deus, a Comissão Teológica Internacional sobre Comunhão e Serviço (2004) destaca que:

O Vaticano II afirma a dignidade do homem tal como esta é ensinada em Gn 1,26 e no Salmo 8,6. Segundo a visão conciliar, a imagem de Deus consiste na fundamental orientação do ser humano para Deus, fundamento da dignidade humana e dos direitos inalienáveis da pessoa humana. Dado que todo ser humano é imagem de Deus, ninguém pode ser obrigado a submeter-se a qualquer sistema ou finalidade deste mundo. O senhorio do ser humano no cosmos, a sua capacidade de existência social, e o conhecimento de Deus e o amor a Deus, todos estes são elementos que encontram suas raízes no fato de que o ser humano foi criado à imagem de Deus.³⁸

O homem tem a capacidade de mesmo de deparando com sua finitude usufruir potencialmente das possibilidades divinas que são eternas, na medida que se permite amar e deixar-se amar por Deus na medida em que busca a Sabedoria de Deus e em Deus para ajudá-lo a discernir sobre o caminho a seguir. Sabe que está condicionado pela sua natureza material, condicionado pelo mundo que o cerca, mas isso não o

³⁶ Cf CIC, nº 27

³⁷ Cf. GS, nº 19.

³⁸ Cf. CTI, nº 22.

impede de gradativamente almejar a transcendência, situando-se para além do ambiente que o condiciona.

O homem sempre tem consciência de sua finitude histórica, de sua procedência histórica, da contingência da sua própria partida. Com isso ele chega a situação muito peculiar que precisamente caracteriza a essência do homem: ao fazer a experiência de seu condicionamento histórico como tal, ele se situa em certo sentido para além deste condicionamento, mas, apesar disto não pode deixá-lo atrás. Situar-se desta forma entre a finitude e a infinitude é o que constitui o homem e se manifesta uma vez mais no fato de que precisamente em sua transcendência infinita e sua liberdade o homem se experimenta como imposto a si e historicamente condicionado.³⁹

Mas para que isso seja possível, é preciso conhecer as formas de manifestação de Deus, como Ele chama, através da escuta de sua Palavra e em meio a tantos desafios reconhecer a Sua voz, compreender Sua mensagem, pela fé e pela razão. A escuta de Deus é muito importante dentro desse contexto. Uma das primeiras orientações de Deus para o povo de Israel, foi justamente o ouvir “*Shemá Ysrael*” (Dt 6,4), o ouvir atentamente a voz de Deus que chama. É imprescindível levar em conta a inteligência sensível, que ultrapassa o viés meramente racional, porém não a exclui, mas a qualifica em função de experiências e vivências significativas que possam ultrapassar o intelecto.

Para se chegar a conhecer a Deus, o homem se arrisca a nadar contra a correnteza, onde ele é suscitado a dar uma resposta ao chamado de Deus. Por isso a quem é chamado, é dada também a possibilidade de responder com a mais ampla liberdade. Deus não pressiona ninguém. Lança o apelo, a proposta, deixando ao homem, a possibilidade de escolher o caminho para dar sua resposta. Para se ter a clareza de que a vontade de Deus é o melhor que o homem possa ter em sua vida, deverá percorrer um caminho pautado na intimidade, de uma escuta pautada no silêncio, mas não um silêncio intimista e de fechamento, mas um silêncio que nasce da necessidade em ouvir a voz de Deus e as propostas que Ele tem para cada um. Não se pode amar completamente aquele ou aquilo que não se conhece.

³⁹ RAHNER, Karl. Op. Cit., 1989, p.58.

O primeiro passo para que isso aconteça é justamente o querer, o homem se colocar como ouvinte daquilo o que Deus tem a lhe dizer, deverá acolher sua vontade a ponto de que essa vontade de Deus se torne também a sua própria vontade. Um querer, um desejo que perpassa a vontade humana, e se torne um clamor que emerge de suas estranhas, que transcenda toda sua existência, pois, sabe que somente assim se encontrará com ele mesmo, e encontrando consigo mesmo, encontrará com Deus na medida em que Dele fizer sua experiência.

O desejo não é um impulso qualquer. É um motor que põe em marcha toda a vida psíquica [...] A psique não deseja apenas isto ou aquilo. Ela deseja a totalidade. Não deseja a plenitude do homem, procura o super-homem, aquilo que ultrapassa infinitamente o humano, como afirmava Nietzsche. O desejo se apresenta infinito e confere caráter de infinito ao projeto humano. O desejo torna dramática e, por vezes, trágica a existência. Mas também, quando realizado, gera uma felicidade sem igual. Estamos sempre buscando o objeto adequado ao nosso desejo infinito. E não o encontramos no campo da experiência cotidiana. Aqui somente encontramos finitos.⁴⁰

Não pode haver conhecimento sobre o ser amado se não houver intimidade. Ao recordarmos a libertação do povo de Israel, vemos que a história de amor estabelecida consiste na profundidade entre o reconhecer em Deus seu único Senhor e a partir dessa descoberta, redescobrir sua felicidade na intimidade do relacionamento que se estabelece.

A história de amor de Deus com Israel consiste, na sua profundidade, no fato de que ele dá a Torá, isto é, abre os olhos a Israel sobre a verdadeira natureza do ser humano e indica-lhe a estrada do verdadeiro humanismo. Por seu lado, o ser humano, vivendo na fidelidade ao único Deus, sente-se a si próprio como aquele que é amado por Deus e descobre a alegria na verdade, na justiça – a alegria em Deus, que se torna a sua felicidade essencial.⁴¹

O salmo 138 já nos recorda que Deus nos conhece antes mesmo que viéssemos ao mundo, desde o mais profundo de nossas entranhas até a ponta do nosso cabelo. Esse movimento interno do homem em deixar-se seduzir pela vontade do Senhor é que o capacitará a dar-lhe tal resposta, a ponto de o cristão tornar-se

⁴⁰ BOFF, Leonardo. Op. Cit., 2015, p.55.

⁴¹ Cf. DCE, nº 9.

pelo seu ministério um outro cristo. Nisto o Catecismo da Igreja Católica corrobora para tal compreensão:

O homem: com sua abertura à verdade e à beleza, com seu senso do bem mora, com sua liberdade e a voz de sua consciência, com sua aspiração ao infinito e à felicidade, o homem se interroga sobre a existência de Deus. Mediante tudo isso percebe sinais de sua alma espiritual. Como “semente de eternidade que leva dentro de si, irredutível à só matéria, sua alma não pode ter origem senão em Deus.”⁴²

O homem começando a se questionar sobre a existência de Deus, começa a deixar-se afetar como o foi Jeremias, na medida em que escuta, reflete, e identifica que essa voz que o chama é a voz de Deus. O texto bíblico de Jeremias 20,7-13 elucida bem essa relação vocacional, assim, como o chamado e os obstáculos em responder ao mesmo. “Seduziste-me, Senhor; e eu me deixei seduzir!”, onde o profeta faz uma queixa a Deus por o haver introduzido num caminho de obstáculos e perigos, sem que venha socorrê-lo. Contudo, Jeremias está consciente da origem divina da sua vocação. Por isso, em vão tentou resistir e, pelo contrário, submete-se ao chamado de Deus.

O Deus que chama é o Deus que envia, e também Aquele que sustenta a caminhada de quem se coloca à caminho, daí a importância de se investigar o sujeito destinatário deste amor que assume característica de chamado que, em sua capacidade de resposta, encontra-se envolvido em uma profunda inteligência de amor, isto é, encontra-se preparado para testemunhar a experiência vivida. O amor, por ser a essência de Deus, também é a fundamental origem da vocação do ser humano. São João Paulo II, ao se dirigir às famílias do mundo inteiro, através da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (1981) dizia que:

Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão.

⁴² Cf. CIC, nº 33.

O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano⁴³

Deve-se ressaltar a iniciativa divina, mostrando que o chamado parte de Deus, mas é preciso mostrar também com a mesma ênfase e o mesmo entusiasmo, que o *apelo* do Pai é dirigido à pessoa humana *livre* (Mt 19,21; Gn 1,28-31). O chamado de Deus ao homem deve levá-lo a uma abertura que implique o servir e a doar-se em prol aos demais. “É próprio da maturidade do amor abranger todas as potencialidades do ser humano e incluir, por assim dizer o ser humano na sua totalidade”⁴⁴.

Não há como se chegar até Deus sem que antes o homem se torne o próprio homem. Pois, no encontro com Deus o homem não só se abre ao divino, mas participa desta aliança estabelecida entre ele e Deus. O homem é participante da aliança, nela ele encontra autenticidade e se fortalece na comunhão com Deus e na vivência de sua vocação.

A vocação, em todas as suas fases, é sempre também um evento de maturação humana; que deve ser vivido intensamente, a fim de que se torne também acontecimento espiritual, que marca para sempre a relação com Deus e com os homens⁴⁵.

Santo Agostinho, assim como tantos outros filósofos e teólogos fizeram da pessoa humana objeto de estudo, e o fizeram com paixão, haja vista a necessidade de reconhecer-se como imagem e semelhança de Deus, pois é sendo imagem de Deus que o homem vai até Deus.

A Comissão Teológica Internacional *Imago Dei* (2004) sobre a criação da pessoa humana como imagem de Deus, fazendo alusão alguns padres da Igreja, destaca que: “de acordo com Tertuliano, Deus criou o homem à sua imagem e lhe infundiu o seu sopro vital enquanto semelhança sua. Enquanto a imagem não poderá nunca ser destruída, a semelhança pode ser perder pelo pecado” (ID, nº 15). A

⁴³ PAPA JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio*. Exortação apostólica sobre a função da família cristã no mundo de hoje, n. 11. Vaticano, 1981.

⁴⁴ Cf DCE, nº 18.

⁴⁵ CENCINI, Amedeo. Construir cultura vocacional. Op. Cit., 2013, p. 43.

imagem de Deus presente no homem deve orientá-lo para o próprio Deus, sem se deixar contaminar pelo pecado que tem como fator primordial a desumanização e implicitamente a dessacralização da obra divina.

1.2 Um colóquio de amor entre os amantes: dimensão religiosa

O encontro entre duas pessoas quando sadio, pressupõe o encontro de duas identidades, mas que ao se encontrarem nenhuma se sucumbe a outra, mas encontrando-se verdadeiramente, este encontro provoca a comunhão, o diálogo e a reciprocidade mútua. A categoria do encontro tornou-se uma das mais significativas expressões na atualidade para se falar da relação Deus e o homem, isso porque, quanto mais o homem se relaciona e se funde no relacionamento com Deus, mais ele resgata e toma consciência de si, de sua essência, mais se redescobre na medida em que se deixa desafiar por aquilo que dele é exigido.

Papa Francisco na Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* (2016) dirigindo-se às famílias, na dimensão do encontro como meio de encontrar-se e ser encontrado por um outro, aponta a caridade, como amor de amizade que capta e aprecia o valor que o outro tem. A dinâmica do encontro, provoca alegria quando este é cerceado pela ternura e transparência que liberta todos aqueles que dentro dessa dinâmica estão envolvidos. Diz o santo Papa:

A beleza – o valor sublime do outro, que não coincide com os seus atrativos físicos ou psicológicos – permite-nos saborear o caráter sagrado da pessoa, sem a imperiosa necessidade de possuí-la. Na sociedade de consumo, o sentido estético empobrece-se e, assim, se apaga a alegria. Tudo se destina a ser comprado, possuído ou consumido, incluindo as pessoas. Ao contrário, a ternura é uma manifestação deste amor que se liberta do desejo de posse egoísta. Leva-nos a vibrar à vista de uma pessoa, com imenso respeito e certo receio de lhe causar dano ou tirar-lhe a sua liberdade. O amor pelo outro implica este gosto de contemplar e apreciar o que é belo e sagrado do seu ser pessoal, que existe para além das minhas necessidades. Isso permite-me procurar o seu bem, mesmo quando sei que não pode ser meu ou quando se tornou fisicamente desagradável, agressivo ou chato. Por isso, 'do amor pelo qual uma pessoa me é agradável, depende que lhe dê algo de graça'⁴⁶.

⁴⁶ PAPA FRANCISCO. *Amoris Laetitia*. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o amor na família. Vaticano, 2016, n. 128.

Toda ação dialógica necessariamente pressupõe um emissor e um ouvinte, que se revezam mediante sua ação em fala e escuta. O diálogo que Deus estabelece com o homem é feito com reverência, onde o Criador quer ser conhecido e amado pela sua criatura, e se o quer, a liberdade é ponto fundamental para que isso aconteça. Este encontro deve ter como característica principal o respeito à singularidade e a individualidade, sem que isso mergulhe na perigosa e desumanizante esfera do egocentrismo e do egoísmo, tão latente na sociedade pós-moderna. Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si* (2015) nos alerta que “um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado”. Segue dizendo que:

[...] quando o ser humano se coloca no centro, acaba dando prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a onnipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto, há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social.⁴⁷

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), Papa Francisco faz um alerta sobre o risco que a humanidade corre no mundo atual, causado por uma visão individualista, acarretando o esfriamento do fervor em fazer o bem e ao mesmo tempo convida para a necessidade de se ouvir a Deus, através de uma escuta que tem a ação do Espírito Santo, como fonte que jorra do coração de Cristo. Diz o Papa:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é a tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, não se ouve a voz de Deus, não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio

⁴⁷ Cf. LS, nº 122.

que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado⁴⁸.

Ao estabelecer com o homem este diálogo de amor, percebe-se que o amor se torna condição para que este encontro seja possível, um encontro baseado na fé, mas também na integração humana. O amor na Sagrada Escritura tem caráter de mandamento; “amarás o Senhor teu Deus de todo coração, de toda sua alma, e de todo seu entendimento” (Lc 10,27) “Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor” (I Jo 4,8) “[...] Que vos ameis uns aos outros assim, como Eu vos amei”, (Jo 15,12) “[...] amar o próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39b), “[...] pois ela muito amou” (Lc 7,47) “Simão filho de João, tu me amas mais do que estes outros? Sim, Senhor, Tu sabes que te amo” (Jo 21,15). O amor nestes versículos é condição, confirmação, conclusão e clareza de que o homem só se pode viver plenamente, se for pelo viés do amor, não só amor sentimento, mas um princípio de todo agir humano. Em Ricoeur (2019), “o amor é o guardião da justiça, na medida em que a justiça, da reciprocidade e da equivalência”⁴⁹.

A narrativa bíblica sempre descreveu o amor como algo pautado numa pedagogia da reciprocidade, do ouvir a voz daquele que nos chama e obedecer aos seus ensinamentos: “Se vocês obedecerem fervorosamente aos mandamentos que hoje vos ordeno, amando a Javé, o seu Deus, e servindo a Ele de todo o coração e com todo o seu ser, eu darei as chuvas da terra de vocês no tempo certo” (Ex.11,13). O amor de Deus por ser gratuito é um ato pedagógico, pois, além de ensinar o caminho do bem ao homem, Ele convida esse homem a deixar-se moldar e transformar, convida-o a fazer um caminho de conversão e de libertação de todas as amarras que o prendem. O amor de Deus ao homem imprime caráter de filiação, em um constante colóquio fraterno, filial e salvífico. Sim, a Palavra de Deus na vida humana salva e o liberta “Conhecereis a verdade e ela vos libertará” (Jo 8,32).

Ao refletir o amor como uma forma de encontro entre um indivíduo e um objeto, Ricoeur, destaca pelo viés da intersubjetividade a apreensão e elevação do ser amado

⁴⁸ PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. n. 2. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

⁴⁹ RICOEUR, Paul. *Amor e justiça*. Op. Cit., 2019. 2ª ed. – Nota introdutório sobre esta edição.

à uma posição significativa, em que impõe valor, imprime caráter e o ressignifica no ato de sua existência. O amor de Deus é quem eleva o valor do ser humano, e o potencializa mesmo em meio às suas limitações a fazer de si e de sua vida uma forma de corresponder ao amor nele depositado, fazendo de sua existência uma doação a Deus e aos irmãos e irmãs e isso implica deixar-se mover pelo bem, pela positividade das relações estabelecidas.

O diálogo que Deus estabelece com o homem, tem então como metodologia a eleição e a elevação, pois, é o amor de Deus que dispõe valor ao homem, que aumenta o seu valor. É o amor de Deus pelo homem que o ajuda a transcender a própria natureza humana e o coloca no centro da reflexão. O homem além de ser eleito entre todos os demais seres criados é elevado da condição de criatura a um ser chamado, de filho adotivo na medida em que se configura com a imagem do Filho de Deus, convidado a experimentar algo maior que o possa realizar vocacionalmente, resgatando o sentido de sua existência. O Documento do Sumo Pontífice Bento XVI, a Encíclica *Deus Caritas Est* (2005), fazendo referência à Santo Agostinho, segue:

A história de amor entre Deus e o ser humano consiste, precisamente, no fato de que essa comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser pra mim, uma vontade estranha que me impõe de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio.⁵⁰

Sobre Ricoeur em “Amor e Justiça (2019)”, na introdução do primeiro capítulo aponta que “falar de amor é fácil ou difícil demais. Uma maneira de abrir caminho entre esses dois extremos é tomar como guia um pensamento que medite a dialética entre amor e justiça”. Para ele fica claro que ao falar de amor de Deus, ou amor entre os homens o equilíbrio fundante está no exercício da justiça. O autor continua.

Proponho-me lançar uma ponte entre a poética do amor e a prosa da justiça. Trata-se de um confronto que não pode ser evitado, a partir do momento em que uma e outra afirmam uma pretensão no que se refere à práxis individual ou social (...) E, contudo, é à ação que amor

⁵⁰ Cf. DCE, nº 17.

e justiça se endereçam cada um à sua maneira, é a ação que um e outro reivindicam.⁵¹

Recordamos aqui as palavras de Jesus ao orientar a multidão que o seguia, ao se referir a si mesmo se coloca como aquele que não veio para abolir as leis existentes, mas levá-las à perfeição (cf Mt 5, 17-18), mas a vida sempre é o ponto de partida para a aplicação das leis. Ao se referir à prática da justiça como via de acesso ao Reino de Deus, exorta: “Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos céus” (Mt 5,20). Essa colocação de Jesus coloca a prática da justiça como condição para que o homem adentre ao Reino de Deus.

A prática da justiça deve gerir igualdade e não só, mas garantir a equidade, entre todos, a fim de que todos tenham acesso ao que lhes é de direito, que salvguarde sua dignidade, não apenas como regalias de uma classe dominante pautada apenas no utilitarismo formal, em interesses pessoais, sem levar em consideração o bem comum. Fazendo alusão à Paul Ricoeur, Luongo (2019) diz que:

A justiça plena não pode ser limitada por um utilitarismo, no qual quem domina o que é moral, justo, verdadeiro se prende aos grilhões da visão de um administrador limitado, em que o que importa é o resultado de uma maioria beneficiada. Ninguém pode ser sacrificado pelo bem comum, pois assim se estrangula a justiça material em favor da supremacia de uma justiça meramente formal [...] A justiça deve ser alcançada e deve ser acompanhada pela ética.⁵²

Para a Igreja, através do Catecismo da Igreja Católica, sendo a justiça uma das virtudes cardeais, ela é definida como:

(...) virtude moral que consiste na vontade e firme de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido. A justiça para com Deus chama-se ‘virtude de religião’. A justiça em relação aos homens nos dispõe a respeitar os direitos de cada um e a estabelecer, nas relações humanas, a harmonia que promove a equidade em prol das pessoas e do bem comum. O homem justo, muitas vezes mencionado nas Escrituras, distingue-se pela habitual correção de seus pensamentos e pela retidão de sua conduta para com o próximo.⁵³

⁵¹ RICOEUR, Paul, Op. Cit., 2019, 2ª ed.

⁵² LUONGO, Fernando de Oliveira. Teoria da Justiça. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p.277-278.

⁵³ Cf. CIC, nº 1808.

Em Lucas 6, 32-34 nos deparamos com o mandamento do amor não só a Deus, mas aos homens em geral, principalmente aos inimigos. “...amai vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca”. Amar na gratuidade sem fazer distinção entre amigos e inimigos. Ricoeur, caracteriza essa ação como “supraética”, pois, está relacionada ao transbordamento do amor em sua práxis, tendo como fonte inspiradora o próprio Deus que é “bom para com os ingratos e com os maus” (Mt 6, 35). O perdão e o amor aos inimigos é algo muito concreto para Jesus, é fácil amar quem nada nos prejudica ou difere do que acreditamos, ou como citado na Sagrada Escritura:

Se amardes aos que vos amam, que mérito tereis? Pois também os pecadores amam aos que os amam. E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que mérito tereis? Também os pecadores fazem o mesmo. E, se emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Amai pois a vossos inimigos, e fazei o bem, emprestai, sem disso nada esperar (Mt 6, 32-35).

Ricoeur destaca que: “O amor ao próximo, na forma extrema de amor aos inimigos, encontra no sentimento supraético da dependência do homem criatura seu primeiro vínculo com a economia da doação”⁵⁴. Esse desdobramento do amor numa realidade que ultrapassa as questões éticas é próprio de quem entendeu completamente sua dependência exclusiva de Deus, em que, justamente por ter recebido Dele é capaz de doar-se ao outro. Se fora justificado, perdoado, este homem também é capaz de perdoar a todos.

O perdão é uma forma de viver a justiça, de libertar aquele que por motivo de mágoa mantemos aprisionados em nossa memória, uma oportunidade de libertar a memória. Fato que a falta de perdão faz com que haja um desgaste enorme de energia humana, mingando seus potenciais e impedindo que a misericórdia aconteça na prática de nossas ações. Cavaleiro, ao citar Ricoeur, diz que “o perdão é uma espécie de cura da memória, o acabamento de seu luto; liberta do peso da dívida, a memória fica liberada para grandes projetos. O perdão dá um futuro à memória”⁵⁵.

⁵⁴ RICOEUR, Paul. Op. Cit., 2019, p.24.

⁵⁵ CAVALEIRO, Renan Maschio. Perdão In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p.227.

O diálogo com Deus deve fazer com que o homem vivencie a prática da justiça sem se deixar levar pelas injustiças cometidas contra a si próprio ou interesses aquém. O homem é chamado pela sua capacidade de amar e deixar-se ser amado, e isso o leva a comprometer-se com os outros e a superar o egoísmo. O comportamento moral deve ultrapassar a si mesmo de modo que sua prática norteie a ação, não porque o outro mereça, mas por ser uma dádiva de quem encontrou em Deus o sentido do seu agir. Para o Papa Bento XVI, o amor só crescer através do amar, de uma ação concreta.

O amor cresce através do amor. O amor é “divino”, porque vem de Deus e nos une a Deus, e, através desse processo unificador, transforma-nos em um nós, que supera as nossas divisões e nos fazem ser um só, até que, no fim, Deus seja tudo em todos.⁵⁶

Difícilmente entendemos sem grandes objeções a capacidade que Deus tem em amar a todos, sem distinção, mesmo àqueles que lhe ignoram, assassinam, roubam, estupram, expõe seus pequeninos que tanto preza. Passar por essa experiência de necessitados de perdão talvez facilite tal compreensão. O amor humano restringe o valor da vida em função dos erros cometidos, mas o amor de Deus olha o homem além de seus próprios erros, por isso, Deus é capaz de amar o pecador, mas não ama o pecado por ele cometido.

O amor de Deus tem sempre caráter qualitativo e equalizador, pois, coloca o homem sempre no mesmo patamar, o de filhos amados, e quer que todos sejam salvos, a partir de uma profunda experiência de amor. Em I Pedro 3,18, vemos que “Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de vos conduzir a Deus”. A morte de Jesus confere perdão e amor a todos e por todos.

O Papa emérito Bento XVI, continua “O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever, antes de mais nada, para cada um dos fiéis...” (DCE 20). Não há como fugir dessa tríade dimensional do amor, que, sendo Deus o amor se revela ao homem. O homem experimentando desse amor, acolhe a ação divina como sendo a

⁵⁶ Cf. DCE, nº 18.

sua própria vontade e acolhendo essa vontade é capaz de vivenciar a prática desse amor pelo viés da justiça.

1.2.1 Primado absoluto da dimensão religiosa do homem

A religiosidade sempre foi um fator marcante das sociedades antigas, e se estende através dos tempos atuais, garantida por lei na Constituição Federal de 1988 no artigo 5º que garante a liberdade religiosa para todos sem discriminação ou atentados contra cultos e templos. A diferença talvez, é que na antiguidade a religião era norte de toda prática social, a religiosidade estava atrelada diretamente aos poderes religiosos e partidários vigentes, que determinavam quem podia ou não servir aos deuses, que proliferavam a lei do puro e do impuro, quem podia ou não se aproximar da arca ou fazer ofertas ao Senhor seu Deus.

À medida que o cristianismo vai tomando corpo, a religiosidade deixa de ser cultural e exercitada somente por alguns no templo e passa a ser vital, onde a verdadeira adoração a Deus, parte da realidade de seu povo, retomando aqui a ação de um Deus itinerante que sai ao encontro do povo. O diálogo de Jesus e da mulher no poço de Jacó, próximo à Samaria exemplifica a imagem de Deus, no Filho, que se dá a conhecer utilizando de momentos corriqueiros da vida de seu povo. Jesus, interpelado pela mulher samaritana após um diálogo, ela pergunta onde é o verdadeiro lugar para se adorar a Deus, ali na montanha, lugar da tradição de seus antepassados, ou em Jerusalém? Outrora, ela não sabia com quem estava dialogando. Jesus, responde: “Mas, vem a hora - e é agora- em que os verdadeiros adoradores adorarão o pai em espírito e em verdade, pois, tais são os adoradores que o pai procura” (Jo, 4,23).

A relação de proximidade que Jesus estabelece com a Samaritana não a faz sentir-se acuada por ter seus pecados revelados, mas o diálogo libertador ali estabelecido faz com que a sede física de Jesus se torne a sede de uma mudança de vida para esta mulher. Nada é mais importante do que o ser humano se sentir acolhido em suas fragilidades sem que seja julgado e condenado, sem antes ser olhado com misericórdia e compaixão, pois “A com-paixão implica assumir a paixão do outro. É pôr-se no lugar do outro para estar junto dele, para sofrer com ele, para chorar com

ele, para sentir com ele o coração despedaçado”⁵⁷. E assim Jesus o fez, entrou na vida da samaritana sem que necessariamente ela se sentisse invadida ou até mesmo, julgada por suas escolhas.

Quando o ser humano se sente amado e aceito sente-se à vontade para seguir um itinerário de abandono à vontade de Deus. Jesus dialoga, dirige sua palavra, ouve, escuta, senta-se ao lado do poço, pede água. Essas são ações que expressam a proximidade de Jesus da pessoa humana, um encontro em que revela a ternura de Deus, que tem como paralelo a resposta da pessoa humana. O texto base da Campanha da Fraternidade 2020, resgatando o discurso do Papa Francisco aos participantes do Simpósio Nacional sobre a teologia da ternura de Deus, de setembro de 2018, expressa claramente a transformação humana pelo encontro com Jesus.

Quando o ser humano se sente amado, sente-se estimulado a amar e cuidar. Se Deus é ternura infinita, também o ser humano, criado à sua imagem, é capaz de ternura. “Então a ternura, longe de ser apenas sentimentalismo, é o primeiro passo para superar o fechamento em si mesmo, para sair do egocentrismo e deturpar a liberdade humana. A ternura de Deus leva-nos a compreender que o amor é o sentido da vida. Compreendemos assim que a raiz da nossa liberdade nunca é autorreferencial. E sentimo-nos chamados a verter no mundo o amor recebido do Senhor, a decliná-lo na igreja, na família, na sociedade a conjugá-lo no servir e no doar-nos. Tudo isso não por dever, mas por amor, por amor àquele pelo qual somos ternamente amados.”⁵⁸

A abertura para a dimensão religiosa revela-se como parte constitutiva do homem na medida em que é estrutural. O homem é capaz de Deus na medida em que se abre ao transcendente e ao se abrir torna-se participante da aliança. A vivência eficaz da religiosidade hoje é um grande desafio, principalmente com as facilidades tecnológicas que tem a tendência de cada vez mais mecanizar os processos de desenvolvimento humano. “Da teologia à Teofania, do Deus que faz experiência do homem ao homem que faz experiência mais plena dele, passiva e ativa, com toda a própria humanidade, mais global e sensível, justamente porque gerida por Deus”⁵⁹.

⁵⁷ Boff, Leonardo. *Direitos do coração: como reverdecer o deserto*. São Paulo: Paulus, 2015. P.200

⁵⁸ Cf. CF 2020, nº 135.

⁵⁹ CENCINI, Amedeo. Op. Cit., 2013, p. 41.

O paralelo fé e Razão na atual conjuntura volta a ser desafiador mediante o racionalismo, onde tudo pode ser explicado pela ciência, onde parece não haver nada no mundo que não possa ser visto, analisado e contemplado pelos vieses científicos. A teoria do “*Big Bang*” ainda é foco estudado em várias universidades educacionais, o evolucionismo ainda é um dos assuntos mais debatidos e ousados por muitas bancas universitárias e por vezes, feitas as defesas com tanto afincio que confunde aqueles e aquelas que não tem tanta clareza de sua fé.

A dimensão da proposta do chamado vocacional, passa essencialmente pela transformação da vida, do indivíduo humano, e conseqüentemente pela transformação do mundo no qual ele está inserido. São realidades intrínsecas que caminham paralelamente lado a lado e que jamais poderão se desvincular. A exortação de São Paulo apóstolo aos Romanos cai muito bem neste contexto sobre a necessidade de deixar-se transformar para transformar o mundo; “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 12, 2). Essa transformação só será possível quando o homem, responsável por seus atos e ações encontra em Deus a sua completa realização.

1.2.2 Acolhimento humano

O acolhimento humano da manifestação de Deus, passa por um processo de transformação, de reconhecimento e descoberta de si, de tomada de consciência sobre quem é ou não Deus. E se Deus é amor, o homem só se realiza sendo partícipe deste amor, da aliança estabelecida mediante a vocação do chamado. A religião como forma de experimentar a dinâmica da fé que eleva o homem à condição fascinante enquanto criatura humana, obra do amor e da escolha de Deus.

Este acolhimento de Deus na vida do homem passa necessariamente pela intimidade cultivada e alimentada pelo ouvir a Palavra, em identificar a voz de Deus, que fala pela sua Palavra e por fatos concretos e presentes. A Fé é um dado da relação entre Deus e o homem, que crendo aceita livremente o que Deus lhe revela. Não pode haver verdadeiro acolhimento a Deus por parte do homem se não houver a fé, essa atitude interior em acolher a vontade de Deus para sua vida. A igreja nos diz que:

A fé, é primeiro uma adesão pessoal do homem a Deus. Ao mesmo tempo e inseparavelmente, é o assentimento livre de toda a verdade que Deus revelou. Como adesão pessoal a Deus e assentimento à verdade que ele revelou, a fé cristã é diferente da fé em uma pessoa humana.⁶⁰

O dado humano sempre será o fator predominante para o estudo de quaisquer outras áreas das ciências. O homem é o centro e o ponto de partida de todas elas, que dialogando umas com as outras tentam desvendar a essência da vida humana e seus mistérios. A vida em sociedade potencializa homens e mulheres a desafiarem-se e a buscarem juntos a verdade. O chamado de Jesus aos seus discípulos embora seja de caráter pessoal, no sentido de que Ele se dirige à pessoa, se desdobra exponencialmente na vida em comunidade.

Rampazzo (2014) parte do princípio de que a reconstrução do mundo deve ser precedida por uma nova percepção do homem diante desse mundo. Não somente por um viés subjetivo, mas científico e antropológico. E por mais que seja estudado nunca se esgotam as tentativas de tentar entendê-lo e inseri-lo dentro de modelos e de delongas científicas. O homem rendido a Deus, se torna parte do mistério trinitário e elevado pelo Seu amor passa a ser visto e estudado de maneira fascinante. O autor segue:

A “reconstrução” do mundo passa, obrigatoriamente, por uma nova concepção do homem que aceita apenas uma civilização a serviço do homem e nunca contra ele. Nesta nova visão, o homem-cientista descobre o seu semelhante e começa a dialogar com ele, cada vez mais convencido de que ninguém tem o monopólio da verdade e de que se torna necessário construir uma “nova humanidade”, na qual os homens falam entre si e convivem de maneira autenticamente civilizada e solidária, assim, as ciências começam a dialogar entre si: nasce a interdisciplinaridade e o diálogo. A ciência dialoga com a filosofia e vice-versa⁶¹.

A vivência da vocação, cuja sustentabilidade está no relacionamento com Deus e sua reverência à vida como dom, pressupõe a adesão de uma vida justa, segundo os moldes do próprio Deus ou como já citado em Ricoeur, que não é tão fácil falar

⁶⁰ Cf. CIC, nº 150.

⁶¹ RAMPAZZO, Lino. Antropologia: religiões e valores cristãos. São Paulo: Paulus, 2014, p.10.

de amor devido sua íntima relação com a justiça, da reafirmação do amor como condição para se seguir a Deus e da prática da justiça como condição para se adentrar ao Seu Reino. Mondim (1980) se desafiando a responder ao fim último do homem agrega o fator do olhar além, da capacidade que o homem tem de buscar as realidades mais altas e futuras, diz que:

Em suma a vida humana é vida que atinge níveis espirituais elevados, níveis que procura sempre superar. O seu olhar está sempre apontando para frente. Por isso seu verdadeiro significado pode ser colhido apenas descobrindo a finalidade para a qual é orientada. Qual é a finalidade última do ser humano [...], mas o resultado é certo: O significado último da vida humana não pode ser tratado nem de baixo nem do passado, porque ele aponta sempre para o alto e para o futuro.⁶²

O homem é um ser que se desafia, planeja e almeja para sua vida algo que ultrapasse o tempo e o espaço presente. É um ser que mesmo diante de situações calamitosas que põe em descrédito o valor da sua vida, consegue ver beleza na vida que nasce, nas cores das flores, nos olhares ternos que se encontram e se envolvem pelo amor, que encontra beleza no pôr do sol e nas fases da lua. O homem é um ser que encontra admiração em si mesmo, reconhecendo-se como uma obra criada pelas mãos do seu Senhor, e tem a capacidade de maravilhar-se com isso.

O homem é um ser que, ao estar diante das coisas, sente admiração. Esse gratuito e desinteressado admirar, muito mais originário e radical que a busca útil, é o que está no início de toda humanidade autêntica. Admiração simplesmente e não pelo modo, forma, número ou mesmo beleza e grandiosidade das coisas, senão primária e radicalmente por sua fatualidade. Não se admira o homem do que existe ou do porquê são assim as coisas, senão em um primeiro momento se admira o homem antes de tudo de que as coisas sejam, quer dizer, de que haja ser e não o nada.⁶³

A Sagrada Escritura dá ênfase de que as coisas estão no mundo para serem admiradas e que tudo aquilo que o homem procura Deus já providenciou, a expressão “Deus viu que era bom”, expressa admiração, amor e zelo pela obra criada, relatada na narrativa do Gênesis 1, 1-31. A abertura do homem para com a manifestação de

⁶² MONDIN, Battista. *O Homem, quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. Trad. R. Leal Ferreira e M.A.S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980. (Coleção Filosofia), p. 61.

⁶³ CARDEDAL, Olegario González de. Op. Cit., p.17.

Deus surte efeito de admiração pelas obras criadas, reconhece em Deus o seu auxílio e proteção. Reconhecendo a presença de Deus esse homem se redescobre na esfera existencial e começa a questionar internamente sobre seu papel no mundo. Se abre ao transcendente, se abre à liberdade.

A experiência transcendental é a experiência da transcendência, experiência na qual a estrutura do sujeito e, conseqüentemente, também a estrutura última de todo seu objetivo concebível de conhecimento está presente conjuntamente e na identidade. Evidentemente essa experiência transcendental não é somente experiência de puro conhecimento, mas também da vontade e liberdade.⁶⁴

Um ser humano privado de satisfazer sua ânsia de buscar-se é um ser humano fadado ao fracasso e que conseqüentemente, carregará a vida como um fardo, e viverá de momentos em momentos com o único objetivo de satisfazer suas necessidades mais efêmeras e fragilizadas. Para Rahner (1989), a necessidade de encontrar-se é um movimento corajoso que o homem faz para dentro de si e mesmo isso, é parte de seu processo de libertação.

O homem olha para seu interior, para o seu passado e para o mundo que o rodeia, e constata, com horror ou com alívio, que pode alienar-se de si mesmo com referência a todos os dados concretos que constituem a sua realidade, atribuída de certa forma o que ele é, e o que ele não é.⁶⁵

A liberdade é parte constitutiva para a vivência da fé, assim, como sua autorrealização. A liberdade é um dom disponibilizado ao homem pelo próprio agir de Deus, que sendo livre, cria pessoas livres e as convida a viverem a liberdade de filhos e filhas de Seu amor. Na medida em que se experimenta como pessoa, mais consciente de si se torna, aceita ou rejeita ao que lhe é estranho ou lhe cause alívio. Para Rahner (1989, p. 43): “o homem experimenta-se, pois, como sujeito e pessoa precisamente à medida que se torna consciente de si como o produto do que lhe é radicalmente estranho”.

⁶⁴ RAHNER, Karl. Op. Cit., 1989, p.33.

⁶⁵ RAHNER, Karl. Op. Cit., 1989, p.41.

Podemos aqui concluir que vivência da dimensão religiosa quando parte do princípio da abertura e da liberdade humana, faz surgir a necessidade humana de se encontrar, se descobrir e de inserir dentro de uma dimensão maior de auto realização. Sente a necessidade de sentir-se um eu diante de um tu. Por isso, não podemos deixar que nada sucumba a dignidade humana ou tire do homem a liberdade de ser e de buscar-se enquanto um “eu” rendido à um “Tu”.

No decorrer da vida, em várias circunstâncias imprevisíveis, a pessoa sente esse apelo. Cada um sente-o à sua maneira. É um apelo para ser “eu”, um “eu” único, totalmente diferente dos outros seres humanos encontrados, um “eu” que se enraíza nunca corpo bem definido, numa situação igualmente definida. O apelo pode ser fraco ou forte. Alguns nem chegam a percebê-lo por falta de acompanhamento. Se não há acolhida no ambiente, o apelo sequer pode ser ouvido.⁶⁶

Por fim, para se ouvir o apelo que brota do coração, o homem deve sempre se colocar como aquele disposto a ouvir e ao ouvir lançar-se conscientemente na missão de transformar a sociedade secularizada em Reino de Deus.

1.3 A busca de sentido

A busca pelo sentido da vida, sempre esteve no cerne de todo pensamento e agir humano, desde os primórdios da humanidade, tanto no pensamento filosófico com a mitologia grega e nas contribuições religiosas pautadas numa realidade epistemológica, mas auxiliado por uma vertente escatológica, onde o homem existe para alcançar o seu fim último. A religiosidade, aponta que esse sentido ou fim último do ser humano só pode ser encontrado em Deus. Por busca podemos entender um movimento interno do ser humano que se nega a aceitar que sua existência se reduza tão somente à materialidade do tempo presente e do agora.

O drama existencial sobre sua origem nunca foi tão intenso e visível como nos últimos séculos, um fato que colabore influentemente com tal realidade pode ser

⁶⁶ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. 3ª ed. – São Paulo: Paulus, 1998, (Temas de atualidade), p.240-241.

justamente a explosão dos meios de comunicação social, que trouxe muitos benefícios à humanidade em suas diversas realidades como num clicar de dedos termos acesso à um mundo em movimento constante, mas também grandes desafios sem que a própria humanidade tenha instrumentos efetivos para lidar com esses meios. A vida humana exposta de tal maneira remete à uma concepção descartável das relações estabelecidas, como se houvesse devido as rápidas transformações sociais, um enfraquecimento da consciência humana dos valores vitais que deveriam reger a vida em sociedade. “A educação da consciência é uma tarefa d toda a vida [...] Uma educação da consciência garante a liberdade e gera a paz do coração⁶⁷.

A imagem da pessoa humana está se descaracterizando, dando espaço a ideologias que coloca o ser humano em função das mudanças, não o contrário. Em tempos da antiguidade víamos a mudança como uma necessidade para a evolução, hoje muda-se rapidamente sem objetividade, sem mesmo levar em consideração a necessidade comum e com isso formando uma sociedade cada vez mais escrava de seus caprichos e necessidades secularizadas. Um mundo que existe tão somente para satisfazer desejos imediatos. O homem se depara com uma pluralidade de verdades que tomam cada vez mais espaço em suas decisões, não há clareza duradoura de suas vontades.

O mundo atual passa por um enfraquecimento da consciência, como fruto da complexidade e fragmentação que nascem da imprevisibilidade da história e das rápidas transformações que ocorrem na vida social. Isso leva o ser humano a ter que conviver com uma forte crise de valores, de cultura, tradições, princípios e regras⁶⁸.

O número de pessoas que procuram as edições publicadas sobre autoajuda cresce de maneira alarmante, na maioria das vezes sem o acompanhamento de um profissional ou orientador espiritual. Os motivos são inúmeros, mas quase todos eles tangem ao sentido da vida: conflitos e traumas emocionais, a incapacidade de lidar com as perdas, da aceitação da morte, do rompimento das relações afetivas, a violência ou rejeição por parte da família e amigos, os bullyings, a falta da observância

⁶⁷ CIC, nº 1784.

⁶⁸ CASTILHO, Edson Donizetti. Voltar-se para o essencial: Uma reflexão sobre a educação para os valores. Campinas-SP: Arte Brasil, 2002, p. 14

da justiça social que o impede de cuidar dos seus com dignidade, e até mesmo àquelas que colocam em dúvida a veracidade da doutrina cristã.

O Vazio existencial é um fenômeno muito difundido no século XX. Isto é compreensível; pode ser atribuído a uma dupla perda sofrida pelo ser humano desde que se torno um ser verdadeiramente humano. No início da história, o homem foi perdendo alguns dos instintos animais básicos que regulam o comportamento animal e asseguram sua existência. Tal segurança, assim como o paraíso está cerrada ao ser humano para todo o sempre. Ele precisa fazer opções. Acresce-se ainda que o ser humano sofreu mais outra perda em seu desenvolvimento mais recente. As tradições, que serviam de apoio em seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez. Nenhum instinto lhe diz o que deve fazer e não há tradição que lhe diga o que deveria fazer; às vezes ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja o que os outros fazem (conformismo), ou ele faz o que as outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo)⁶⁹.

Somos seres essencialmente limitados e por isso, o desânimo constantemente se faz presente, mas ao mesmo tempo somos paralelamente alimentados pela ânsia de superação, de sair do conformismo para a recusa da crença de que a vida humana se esgote na materialidade do tempo presente. Mas por mais que haja a ânsia de buscar algo a mais, muitos se perdem na crise da própria vontade de sentido, um sentido não por algo abstrato, mas algo concreto. Deus é concreto. Frankl (2017) neste sentido diz que:

É justamente essa vontade de sentido que hoje se encontra amplamente frustrada. Cada vez mais o ser humano moderno é cometido de uma sensação de falta de sentido, que geralmente vem acompanhada de uma sensação de vazio existencial⁷⁰.

O autor ainda continua fazendo uma relação tendo o tédio e a indiferença como resultado dessa crise de sentido em que a humanidade se depara. Prossegue dizendo que “Nesse sentido o tédio representa uma perda de interesse pelo mundo, enquanto, a indiferença significa uma falta de iniciativa para melhorar ou modificar algo no mundo”. A busca incessante do homem por um sentido, tem por finalidade satisfazer

⁶⁹ FRANKL, Viktor E. Em busca do sentido da vida: Um psicólogo no campo de concentração. Trad. Walter O. Schupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre; Sulina, 1987; São Leopoldo, Sinodal, 1987, p. 73-74.

⁷⁰ FRANKL, Viktor E. A presença ignorada de Deus. Trad. Valter O. Schupp e Helga H. Reinold. 18ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017, p. 100.

a necessidade que este homem tem de se encontrar ou de encontrar sentido para sua própria existência e consequentemente sentido para seu agir. Para Frankl (1987):

A busca pelo sentido pelo homem é a principal motivação de sua vida e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é único e específico, uma vez que tem que ser, ou só pode ser tornado real por ele; só então o sentido adquire importância que satisfará sua vontade de sentido⁷¹.

As estatísticas frente a realidade de suicídio e homicídio invadem as telas dos computadores, jogos e TVs como se fossem uma solução para acabar com os problemas oriundos dos questionamentos sobre o sentido (ou não) de sua existência ou do valor da vida do outro, atingindo de forma drástica as novas gerações, através de jogos e brincadeira justamente para levar ao suicídio ou homicídio, rompendo com os laços familiares e a tradição. Quem pode decidir quando uma vida começa ou termina? Sendo assim, a Organização de Pesquisa Pan Americana da Saúde (OPAS), atualizando os dados em 2018 sobre suicídio, chegou aos seguintes gráficos:

- Cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos. Para cada suicídio, há muito mais pessoas que tentam o suicídio a cada ano.
- A tentativa prévia é o fator de risco mais importante para o suicídio na população em geral.
- O suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos.
- 79% dos suicídios no mundo ocorrem em países de baixa e média renda.
- Ingestão de pesticidas, enforcamento e armas de fogo estão entre os métodos mais comuns de suicídio em nível global.⁷²

São João Paulo II dirigindo-se aos fiéis, sobre a inviolabilidade da vida humana, na Encíclica *Evangelium Vitae* (1995), aponta como fonte do atentado contra a vida e a dignidade humana uma profunda crise de valores, sem fundamentos claros e

⁷¹ FRANKL, Viktor E. Op. Cit., 1987, p. 70.

⁷² OPAS. Organização de Pesquisa Pan Americana da Saúde. **Folha informativa – Suicídio**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 22 mai. 2020.

objetividade, formando uma nação cada vez mais vazia de si, sem consciência de seus valores, deveres e direitos, diz o Papa que a essa crise;

...vêm juntar-se as mais diversas dificuldades existenciais e interpessoais, agravadas pela realidade de uma sociedade complexa, onde frequentemente as pessoas, os casais, as famílias são deixadas sozinhas a braços com os seus problemas. Não faltam situações de particular pobreza, angústia e exasperação, onde a luta pela sobrevivência, a dor nos limites do suportável, as violências sofridas, especialmente aquelas que investem as mulheres, tornam por vezes exigentes até ao heroísmo as opções de defesa e promoção da vida.⁷³

Estamos em pleno século XXI, e o ano de 2020, cujo primeiro semestre está sendo marcado pela pandemia devido a proliferação do Covid-19, um vírus conhecido popularmente como Corona vírus e que vem colocar em evidência o valor da vida humana ou sua desvalorização, frente ao mercado financeiro. Um país que exporta grande parte dos seus produtos, fonte de muitas riquezas naturais, e que em plena pandemia revela milhares de desempregados dependentes de valores mínimos oriundos de propostas governamentais para poderem manter os seus familiares com mínimo de dignidade. A violência aumenta cada vez mais, principalmente dentro dos lares, no seio familiar, as agressões contra mulher por parte daqueles que deveriam gerenciar o núcleo familiar evolui de maneira alarmante, os abusos contra menores, e consumo de droga atenta contra a família descaracterizada, deixando de ser o lugar de segurança e de amor.

Papa Francisco se manifestou de diversas maneiras em pronunciamentos mediante a pandemia, de maneira fraterna e proximal com dezenas de ligações para o mundo inteiro, mas ao mesmo tempo muito categórico e pontual em suas colocações. Coloca a virtude da esperança como eixo norteador da ação cristã. Alerta que esta pandemia, revela uma outra pandemia que a anos atinge a sociedade humana, que é justamente a pandemia da fome, da miséria e da cultura do descartável. Em sua homilia, por ocasião da Solenidade de Pentecostes deste ano de 2020, alerta aos fiéis sobre o mal causado pelo narcisismo, vitimização de sua atual situação sem olhar para o sofrimento dos demais.

⁷³ Cf. EV, nº 11.

Há – por assim dizer – três inimigos do dom; os principais são três: o narcisismo, a vitimização e o pessimismo. O *narcisismo* leva a idolatrar-me a mim mesmo, a comprazer-me apenas com o lucro próprio. O narcisista pensa: «A vida é boa, se eu ganho com ela». E assim chega a dizer: “*Por que deveria eu doar-me aos outros?*” Nesta pandemia, faz um mal imenso o narcisismo, o debruçar-se apenas sobre as próprias carências, insensível às dos outros, o não admitir as próprias fragilidades e erros. Mas o segundo inimigo, a *vitimização*, também é perigoso [...] No drama que vivemos, como é má a vitimização! Como é mau pensar que ninguém nos compreende e sente aquilo que sentimos nós! Isto é o fazer a vítima. Por fim, temos o *pessimismo* [...] O pessimista insurge-se contra o mundo, mas fica inerte e pensa: “*Assim para que serve doar-se? É inútil.*” Agora, no grande esforço de recomeçar, como é prejudicial o pessimismo, ver tudo negro, repetir que nada voltará a ser como antes! Pensando assim, aquilo que seguramente não volta é a esperança. Nestes três – o ídolo narcisista do espelho, o deus-espelho; o deus-lamentação: “sinto-me alguém nas lamentações”; e o deus-negatividade: “é tudo negro, é tudo escuro” – encontramos-nos na *carestia da esperança* e precisamos de apreciar o dom da vida, o dom que é cada um de nós.⁷⁴

O excesso de narcisismo e pensamentos que colocam o homem como vítima da situação influencia predominantemente no sentido e valorização da vida. Orienta-nos a olharmos sempre para o outro e não só nos considerarmos como centro da ação, mas sair de nós e ter a coragem de lançar-nos à prática da caridade. Mas, antes de mais nada, convida-nos a olhar no mais íntimo de nós mesmos e ver o que nos impede de doar-nos uns aos outros, a tomada de consciência é determinantemente urgente. O medo, o pessimismo faz com que seja minguada a esperança, o amor, a fé e a caridade. Por isso impele que o Espírito Santo de Deus venha em nosso socorro.

São diversos os momentos em que o “Não tenhais medo” (cf Is 41,10) assume caráter permanente, para que a humanidade não seja entregue ao medo ou se renda a ele de maneira paralisante. Fazendo alusão aos discípulos amedrontados e inquietos pela agitação do mar, mas que somente encontram a paz quando Jesus acalma o mar e a tempestade cessa. A esperança para Francisco deve ser um agente ativo, não uma mera espera de que as coisas aconteçam sem que humanidade modifique sua forma de olhar uns para os outros. Se dirigindo ao povo vitimizados pela epidemia do coronavírus (COVID-19) diz:

⁷⁴ VATICANO. *La Santa Sede*. Disponível em:

www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200531_omelia-pentecoste.html. Acesso em 05 jun. 2020.

A todos aqueles que foram atingidos diretamente pelo coronavírus, aos doentes, aos que morreram e às famílias. Num mundo oprimido pela pandemia, que coloca uma dura prova à nossa grande família humana, é preciso responder com o contágio da esperança. Sejamos mensageiros de vida, em tempos de morte.⁷⁵

O texto base da Campanha da Fraternidade (2020) nos auxilia na compreensão sobre o sentido da vida, partindo do pressuposto do sentir compaixão e mover-se na transformação da sociedade, que necessariamente passa pela transformação do estilo de vida em sociedade e a priorização do ato de compadecer-se e cuidar amoroso da obra da criação.

O sentido da vida, nós o encontramos no amor, entre outros aspectos, se traduz na capacidade de se compadecer e cuidar. Por essa razão, um dos primeiros passos do nosso agir não poderia ser outro senão este: como discípulos missionários daquele que é Vida, resgatar o sentido do viver no horizonte da fé cristão proclamando a beleza da vida.⁷⁶

A contemplação de Cristo humano sempre será norte para aqueles que padecendo pelas situações impostas em sociedade e que por vezes, desumanizantes. Para este enfoque orienta as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023).

Contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa comprometer-se com todos os que sofrem, buscando compreender as causas de seus flagelos, especialmente as que os jogam na exclusão. A ausência de sentido para a vida é a fonte de grande sofrimento. De fato, a correria do cotidiano, a exigência de metas e desempenho e a lógica da eficiência afetam a qualidade de vida na sociedade atual, cada vez mais urbanizada, individualizada e consumista. O vazio tende a colocar em crise o sentido da vida para muitas pessoas. A frustração, especialmente de jovens, emerge quando não se consegue alcançar o desempenho sugerido pela sociedade de infinitas possibilidades. Também os cristãos são afetados por essa crise de sentido que gera cansaço, depressão, pânico, transtornos de personalidade e até suicídio. Essa situação ocorre porque se vive em

⁷⁵ VIDA E AÇÃO. *Papa pede que as pessoas não cedam ao medo*. Francisco também apela para fim das guerras e da fabricação de armas, o perdão das dívidas dos países mais pobres e mais solidariedade. Redação, 12 abr. 2020. Disponível em: www.vidaacao.com.br/papa-pede-que-as-pessoas-nao-cedam-ao-medo. Acesso em: 05 jun. 2020.

⁷⁶ Cf. CF 2020, nº 161.

uma sociedade que sustenta tudo ser possível, especialmente com o avanço das novas tecnologias.⁷⁷

Em Cristo que sofre encontra-se sentido para tudo o que a humanidade também padece e este encontro se dá no silêncio para uma escuta profunda e fecunda. O encontro com Deus é também encontro consigo mesmo e seus anseios mais profundos. Na busca de suas inquietudes o homem se redescobre como necessitado da graça de Deus e transcende a si mesmo em direção ao amor, à Deus. “O amor, constitui a capacidade de apreender outro ser humano em sua genuína singularidade [...] Em última instância, cada pessoa é insubstituível; senão por outros, o é por quem o ama”⁷⁸.

1.3.1 Inquietude e identidade da pessoa

“O coração do homem vive inquieto enquanto não repousar em Deus”, retomando o pensamento de Agostinho de Hipona, a inquietude humana é combustível para o motor que move o homem na busca incessante de sua mais plena realização. Na medida que a sociedade se expande o homem se vê sem referências ou modelos em quem se inspirar para ser. Santo Agostinho, neste aspecto, descreveu bem em suas Confissões essa realidade humana, de querer buscar fora aquilo que está dentro e que, há tantos anos procurava.

Tarde te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova... Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração [...] Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava... Mas Tu Te compadeceste de mim e tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te. Entrei no meu íntimo sob a Tua Guia e consegui, porque Tu Te fizeste meu auxílio. Tu estavas dentro de mim e eu fora [...] “Os homens saem para fazer passeios, a fim de admirar o alto dos montes, o ruído incessante dos mares, o belo e ininterrupto curso dos rios, os majestosos movimentos dos astros. E, no entanto, passam ao largo de si mesmos. Não se arriscam na aventura de um passeio interior”. Durante os anos de minha juventude, pus meu coração em coisas exteriores que só faziam me afastar cada vez mais d’Aquele a Quem

⁷⁷ Cf. DGAE 2019-2023, nº 110.

⁷⁸ FRANKL, Viktor E. A vontade de sentido: fundamentos da logoterapia; [Tradução Ivo Studart Pereira]. – Ed. ampl., incluindo o posfácio “A desguruficação da logoterapia” - São Paulo: Paulus, 2011, p. 29. Coleção Logoterapia.

meu coração, sem saber, desejava [...] Eis que estavas dentro e eu fora! Seguravam-me longe de Ti as coisas que não existiriam senão em Ti. Estavas comigo e não eu Contigo [...] Mas Tu me chamaste, clamaste por mim e Teu grito rompeu a minha surdez... “Fizeste-me entrar em mim mesmo... Para não olhar para dentro de mim, eu tinha me escondido. Mas Tu me arrancaste do meu esconderijo e me puseste diante de mim mesmo, a fim de que eu enxergasse o indigno que era, o quão deformado, manchado e sujo eu estava”⁷⁹

Agostinho começa a estabelecer com Deus um diálogo pautado no amor, amor este que retira o homem da surdez, o livra da cegueira, o liberta dos entraves causados por seu desejo de conhecer-se e conhecer a Deus. Reconhecendo que perdeu tanto tempo procurando um sentido para sua vida e não se deu conta de que o tempo todo Deus estava ao seu lado, não só ao seu lado, mas dentro dele. Agostinho define que para se viver bem o homem deve apoiar-se em Deus e em cumprir a Sua vontade. Estabelecem ali um diálogo aberto, profundo e repleto de descobertas, pois sabe que somente em Deus encontrará o que tanto procura.

Cardeal (2008), ao pensar no homem como um ser inquieto, se fundamenta em uma inquietude que brota do mais profundo do seu ser, como uma pulsão interior que o desinstala e o arranca de sua comodidade.

O homem é aquele animal que inquire um sentido para a existência, porém que, sobretudo está inquieto pelo enigma de sua própria vida, por seu mistério pessoal. Radical inquietude a sua que o faz viver como realização sempre incipiente de um movimento que o propulsa para adiante e de uma pulsão interior que o arranca a cada um centro próprio para algo que estando fora do eu o atrai e o concentra; estranha coincidência, portanto, de egocentrismo e heterocentrismo.⁸⁰

A necessidade de se ver dentro de uma dinâmica que o desinstala vem ao encontro dessa busca que o homem vem trilhando desde sempre. Um coração desejoso de amar jamais cessa de buscar o ser amado, pois sabe que somente N’ele encontra sua mais plena realização. “Se a alma procura a Deus, muito mais o Seu amado a procura”. O Catecismo da Igreja Católica diz que:

⁷⁹ AGOSTINHO, Santo. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulinas, 198, Livro X.

⁸⁰ CARDEDAL, Olegario González de. Op. Cit., 2008, p.124.

A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. Portanto, homem em sua totalidade é querido por Deus. Muitas vezes, na sagrada Escritura, o termo alma designa a vida humana ou a pessoa humana inteira. Entretanto, designa também o que há de mais íntimo no homem e o que há nele de maior valor, aquilo que mais particularmente o fazer ser imagem de Deus: “alma” significa o princípio espiritual no homem.⁸¹

O homem através de sua humanidade, se rende à capacidade de amar, de perdoar, de interrogar-se sobre si mesmo, de buscar-se no mais profundo de seu âmago. O homem é o único ser no mundo que vive entre a necessidade e a liberdade. Somos criados livremente, mas só encontraremos sentindo na medida em nos reconhecemos necessitados da graça de Deus, que nos levará a dar uma resposta coerente ao seu chamado. “Todos os homens são chamados ao mesmo fim, o próprio Deus.”⁸². Ser chamado é ser convocado, é ser enviado em nome de Deus, pela força inspiradora do Espírito Santo.

1.3.2 Dimensão vocacional

Embora em Deus encontra-se o total descanso da alma que incessantemente busca a esse Deus, a paz encontrada nunca será sinal de inquietudes, pois, até mesmo a mais tênue intimidade com Deus faz do coração humano um eterno buscar-se e um eterno compadecer-se por dores e calamidades que atingem a vida humana. Nesse universo de transformações repentinas o homem é chamado a seguir os passos da pessoa de Cristo, sem que deixe de viver os entraves de sua natureza humana. Ser cristão e ser humano deve ser vivido de forma equilibrada. Pela natureza humana transformada e imbuída pela graça de Deus é que o homem chega até Deus e ainda, leva sua Palavra a outros homens e mulheres dispersos pelo mundo inteiro, mas que em nome de uma grande ideal se unem em um grande banquete da Palavra e da Eucaristia.

A dimensão vocacional só pode ser vivenciada plenamente a partir de um coração inquieto, que se reconhecendo como pessoa, se desafia a buscar sua

⁸¹ Cf. CIC, nº 362-363.

⁸² Cf. CIC, nº 1878.

realização no Cristo, que não se contenta com o que lhe é apresentado, mas se coloca com aquela que busca pelo seu amado, nos Cantares da Sagrada Escritura; “Abro ao meu amado, mas o meu amado se foi. Procuro-o e não o encontro. Chamo-o e não me responde” (Ct 5,6). O amado sempre responde aquele que o ama, desde que o coração de quem ama reconheça a sua voz mesmo no meio de uma multidão e se desprenda de tudo o que lhe causa distração e que desvie seu olhar do Seu grande amor. Uma das explicações bíblicas para este versículo é a busca, o encontrar “passando por eles contudo, encontrei o amado da minha alma” (Ct 3,4). A Carta Encíclica *Laudato Si* (2015), pelas palavras de Papa Francisco, faz um desdobramento sobre a paz que se estende ao cuidado com o Meio ambiente, dom supremo do ato gerador de vida.

A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se em um equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. A natureza está cheia de palavras de amor; mas, como poderemos ouvi-las no meio de ruídos constante, da distração permanente e ansiosa, ou do culto de notoriedade? Muitas pessoas experimentam um desequilíbrio profundo, que as impele a fazer as coisas a toda velocidade para se sentirem ocupadas, em uma pressa constante que, por sua vez, as leva a atropelar tudo o que tem ao seu redor. Isso tem incidência no modo como se trata o ambiente. Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença ‘não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada.’⁸³

O coração humano deixa de ser inquieto quando consegue em meio aos desafios do mundo presente contemplar o Criador, como cita a Encíclica acima, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada. A amor tem essa característica de observar o ser amado e a maneira com a qual ele se revela a nós. Tendo isso em vista, a necessidade da contemplação, da meditação e da reflexão, esta atitude é que coloca o coração humano à disposição para acolher o que Deus tem para ele. Segundo Boff⁸⁴ (2015),

⁸³ Cf. LS, nº 225.

⁸⁴ ⁸⁴ Boff, Leonardo. Direitos do coração: como reverdecer o deserto. São Paulo: Paulus, 2015.

a aceitação dos próprios limites e a capacidade de desapegar-se são como provações para a auto realização. Segue o autor:

Todos vivemos dentro de um arranjo existencial que, por sua própria natureza, é limitado em possibilidades e nos impõe barreiras de toda ordem, de lugar, de profissão, de inteligência, de saúde, de economia, de tempo. Há sempre um descompasso entre o desejo e sua realização. E as vezes nos sentimos impotentes perante o dado que não podemos mudar.⁸⁵

O desejo que inquieta o coração na busca do sentido, é um motor que põe em movimento toda a vida humana em sua totalidade e integralidade. Boff segue dizendo que “só o infinito se adéqua ao desejo infinito no ser humano. Só então termina a viagem rumo ao coração e começa o sábado do descanso humano e divino”⁸⁶.

Os caminhos percorridos pelo homem na busca de sentido são diversos, passando pela ciência, pela filosofia, pelas correntes existencialistas e religiosas, mas parece que só encontra sua resposta quando resolve se tornar responsável por seu próprio caminho, um caminho de descoberta, de confrontos ideológicos, de conflitos humanos e existenciais, de batalha interior ao se deparar com suas lutas e seus medos mais profundos, principalmente o medo do desconhecido. Tudo isso, para pragmatizar a busca de um equilíbrio existencial, que não se restrinja apenas na conquista de sua autonomia ou de bens materiais, mas sim, o da consciência dogmática de uma necessidade pautada em se questionar sobre si. Sim, para o homem o buscar sentido para sua existência é como a ereção de um dogma, o sentido mais elevado de sua condição humana. Para diversos filósofos, nos diz Mondim (1980), o homem é visto por diversos aspectos:

O homem econômico de Marx; o homem instintivo de Freud; o homem angustiado de Kierkegaard; o homem utópico de Bloch; o homem existente de Heidegger; o homem falível de Ricoeur; o homem hermenêutico de Gadmer; o homem problemático de Marcel; o homem cultural de Gehlen; o homem religioso de Luckmann.⁸⁷

⁸⁵ BOFF, Leonardo. Op. Cit., 2015, p.71.

⁸⁶ Boff, Leonardo. Direitos do coração: como reverdecer o deserto. São Paulo: Paulus, 2015, p.93

⁸⁷ MONDIN, Batista. Op. Cit., 1980, p.13.

Por fim, o homem econômico, instintivo, angustiado, utópico, existente, hermenêutico, problemático, cultural e religioso encontra sua mais plena e completa realização em Deus, autor e criador de sua história.

1.4 Algumas Considerações

O tema vocação perpassa a vivência do amor e da prática da justiça, pois, é um deixar-se encontrar pelo amado que é o próprio Cristo e não há nada mais importante nesta relação do que estar ao lado e com o seu amado. No cântico dos cânticos, a pessoa que procura por seu amado pode ser comparada a um homem que necessitado de dar à Deus uma resposta, que se propõe a remar contra a correnteza para se encontrar e deixar-se encontrar pelo seu Senhor, passando por uma multidão, superando desafios, e tentando a todo custo identificar a voz de Deus que o chama à vida e a fazer de sua vida inúmeras possibilidades para bem servir. Para ele, nada é mais importante do que realizar-se realizando a vontade do seu Senhor, pois, sabe que se assim não for nunca encontrará sentido em sua tenra existência, e que sem a presença de Deus se resume a uma existência medíocre e alienada.

A Vocação é uma das maneiras de dar-se, de doar-se, de entregar-se a um projeto maior, tendo como fundo de ação a liberdade. Para se responder a Deus é preciso ter liberdade e reconhecer-se como uma pessoa livre, e sendo livre é capaz e atender a voz que o chama e compreender para que é chamado. “A vocação para a liberdade é o único absoluto que encontramos na vida. Não procede nem da natureza, nem da corrente de vida biológica, nem de outras pessoas. O seu valor incondicional é a presença de Deus em nós”⁸⁸.

Retomando o pensamento de Ricoeur, que o amor tem a capacidade de elevar o objeto amado, de dar valor além do que ele por si só valha. A dimensão do chamado vocacional é umas das mais belas formas que Deus oferece ao homem para a vivência da solidariedade, da doação, da entrega total de sua vontade ao serviço aos irmãos, da transformação da Vontade de Deus em sua própria vontade. A vocação humana é uma forma de alcançar a plena realização humana na história.

⁸⁸ COMBLIN, José. Vocação para a liberdade. São Paulo: Paulus, 1998, p.242- (Temas de atualidade)

O homem é chamado a conhecer a Deus estabelecendo com Ele um diálogo alinhado pelo convite de Jesus Cristo “Vinde e vede” (Jo 1,39). Chamou-os para a vivência do amor que se desdobra na prática da justiça. Este é um caminho árduo, mas de grandes descobertas, em que o homem se redescobre como ser criado, vivente, potencializado de vontade, mas acima de tudo se descobre como um ser desejado por Deus, muito além do espaço físico que ocupe universo imenso.

A necessidade de crer para que possa compreender a ação de Deus na vida humana está entrelaçada a necessidade de resposta. O homem ao ser interpelado pelo amor e pela justiça vê-se na necessidade em dar uma resposta a Deus e enquanto isso não acontece a inquietude humana jamais cessa. O homem tem a necessidade de se encontrar, de buscar-se e realizar-se humanamente em todas as suas dimensões, principalmente sobre sua vocação. Lembrando que uma pessoa bem situada na sua vocação e missão, consegue fazer grandes transformações na sociedade. Promovendo uma experiência pessoal e comunitária do êxodo, da Páscoa, da morte e Ressurreição, bem como da escravidão e da libertação, visando sempre a plena realização do Reino de Deus.

Quando o homem descobre o valor da semente plantada em seu coração, responde com o cuidado de fazer com que essa semente frutifique, floresça e alcance tantos outros corações pelo testemunho de suas vidas, tanto quanto ele mesmo foi alcançado pela graça de Deus. Não há nada de bom que o homem faça que passe por despercebido aos olhos de Deus, pois é Deus mesmo que o impulsiona. O homem encontrando seu verdadeiro sentido é capaz de transmitir a presença de Deus aos outros pela vivência de uma santidade vivenciada na perspectiva do chamado, chamando este que nasce do coração de Cristo, cabeça da Igreja.

A partir desta verdade irrefutável de que Deus se manifesta ao ser humano, numa relação de amor e num diálogo afetivo ao coração, vemos o ser humano como um ser religioso, que também busca e que dialoga com o Absoluto a partir do momento em que se permite vivenciar essa relação. Buscando assim o sentido para sua existência, para sua vida, procurando sanar suas inquietudes devido a influência do meio em que vive e das interferências de valores e contravalores. Diante disto já poderemos refletir sobre a Teologia das vocações, de Um Deus que chama, acolhe e envia para uma grande missão, mas também por um homem que se descobre e redescobre enquanto criatura amada por Deus e eleita.

Ao ver o chamado na Bíblia, temos tantos relatos de simplicidade e grandeza. Deus que chamou Abraão (Gn 12, 1-3), onde vemos a revelação de Deus, a promessa e a benção. Ele inspirado por Deus aspirou grandes coisas, e assim aconteceu, sucessivamente a Isaque e Jacó, que muda o nome para Israel, e vemos um povo que caminha com Deus. Povo escolhido, povo convocado, assim vemos no documento *Lumen Gentium* (1964), do Concílio Vaticano II. No chamado de Moisés (Ex 6,2-13), Deus que ouviu o clamor do povo e chama Moisés para uma grande missão: libertar o povo. Vemos aqui uma experiência fundante do povo de Israel, da Antiga Aliança, a experiência da ação libertadora de Deus, de um Deus que se compadece do povo.

Deus que suscita os profetas, homens inspirados por Deus, com o pé na realidade, falam de Esperança, de justiça, de conversão. Encontramos também no novo Testamento o chamado de Maria (Lc 1, 26-32). Uma jovem menina, que diz sim ao projeto de Deus. A vocação de João Batista (Lc 1,15) que veio preparar os caminhos do Senhor. Temos a vocação e missão de Jesus, Filho de Deus, logo no começo do texto de Lucas (Lc 4,14-20).

Há ainda o chamado dos 12 apóstolos (Mt 10,1-7). Nos Evangelhos, de maneira especial no Evangelho de São João (Jo 1, 35-51), temos a dinâmica daquele é chamado, que fez a experiência com Cristo, que se torna o chamador; temos também o chamado ao amor a justiça, no Sermão da Montanha (Mt 5-8). Temos também a Igreja que nasce do peito aberto de Jesus na cruz (Jo 19,33-35), onde de seu coração jorrou sangue e água, os sacramentos da Igreja, a água símbolo, sinal do Batismo, porta de entrada da vida cristã.

Nos Atos dos Apóstolos, o dia de Pentecostes (At 2,1-13), a manifestação pública da Igreja, onde vemos os Apóstolos assumindo sua missão de Evangelizar, com fé e coragem; vemos o chamado de Paulo e sua grande ação missionária, dialogando com as culturas, levando a fé. Somos Igreja, Povo de Deus, convocado para uma grande missão, vocacionados ao reino ao Amor à Justiça, uma Igreja toda vocacional, que promove a cultura vocacional, vocacionados à vida, vocacionados a sermos discípulos e missionários de Jesus, as vocações específicas, a laical.

Na *Christefideles Laici* (1987) (Vocação e Missão dos Leigos na e no mundo), cada leigo, consciente de ser sal e luz (Mt 5, 13-16) do mundo, fermento na massa

transformando a sociedade, a vocação familiar, famílias a Igreja doméstica, como nos diz o Documento *Familiaris Consortio* (1981) (A função da família cristã no mundo de hoje), berço da fé, do amor, da esperança, da justiça, da formação do caráter, da personalidade da pessoa, vocação à vida religiosa, como nos diz a exortação Apostólica *Vita Consecrata* (1994) (Vida Consagrada), a partir de um carisma de um dom específico, seguindo a espiritualidade o jeito de ser do fundador da ordem religiosa ou sociedade apostólica.

O Espírito Santo é criativo e vem, as tantas ordens religiosas, tantos grupos que vem para ser luz, ser vida nas diversas realidades, pluralidades do contexto humano, vida religiosa Dom de Deus. A vida sacerdotal, marcada com o sacramento da ordem *Presbyterorum Ordinis* (1965), diáconos, padres e bispos, a serviço da Igreja e do povo de Deus, e um sacramento serviço. Jesus falou no lava-pés o maior é aquele que serve, assim este ministério é um ministério por excelência do serviço, o diácono a serviço da Palavra, o que prepara o altar e dos pobres, principalmente dos pobres, vemos que ele se faz presente nas três mesas: a mesa da Palavra, a mesa da Eucaristia e a mesa dos pobres.

O padre assim como o diácono está a serviço das três mesas, porém, é aquele que oferece o sacrifício, que cuida de uma comunidade específica alimentando esta comunidade com a palavra, com a Eucaristia, e levando a paz a reconciliação no sacramento da confissão e dos enfermos. O epíscopo, sucessor dos Apóstolos, tendo como missão santificar o seu povo, cuidar do rebanho em plena comunhão com o bispo de Roma, sucessor de Pedro. Todos os chamados, convocados, devem ser agentes do Reino de Deus de transformação social, promovendo o reino da vida, a dignidade humana, o mundo pode e deve ser melhor e nós somos estes que consciente de nossa missão construiremos a civilização do amor, da justiça. Uma Igreja em Missão. Povo de Deus, Povo Sacerdotal, Nação Santa, que vive sua santidade na história humana.

CAPÍTULO II

TEOLOGIA DA VOCAÇÃO

Pensar em teologia das vocações pode ser comparado à tentativa em querer resgatar na humanidade os traços deixados por Deus no ato da Criação, quando Deus chamando o homem à existência, infunde-lhe seu sopro de vida, seu *Ruah*, que consequentemente acompanha e move os anseios mais intensos do coração humano e estimula sua inquietude na medida em que se deixa seduzir pela voz do Senhor que o chama sem cessar. Neste segundo capítulo, veremos que a maior e primeira vocação a qual todos somos chamados é a vocação à vida, a vida como dom. Mas não podemos entender vocação sem que esta esteja relacionada à condição de Mistério. Pois não é algo que possa ser explicado pelo que vemos e ouvimos no dia a dia, mas nasce e acontece no mais profundo do coração humano ou como diz a própria Sagrada Escritura, desde as entranhas Deus conhece o mais íntimo do ser humano, antes mesmo que este nascesse (cf Jr.1,4).

Por ocasião do 57º dia Mundial de Oração pelas Vocações do ano de 2020, Papa Francisco, recorda que vocação é antes de tudo agradecimento a Deus, por chamar homens e mulheres e os capacitá-los para enfrentar as dificuldades inerentes à sua condição humana, diz o Papa que “a primeira palavra da vocação é a gratidão”. Gratidão pela confiança que Deus deposita em cada ser humano, ao qual Ele mesmo chama e confia. Toda a humanidade é chamada à mesma finalidade, que é o próprio Deus. Nada acontece na vida humana sem que antes Deus tenha conhecimento.

A vocação à vida humana dá início às demais vocações estabelecidas, mas todas culminam na vocação à santidade. A santidade perpassa todas as diferentes vocações que hoje conhecemos. Santidade na vida laical, na vida religiosa, sacerdotal, matrimonial, enfim, santidade expressa no testemunho concreto da ação humana. Santidade e justiça são dois pilares que sustentam a fé e consequentemente a identidade do discípulo e da discípula de Jesus Cristo.

Para Ricoeur, em “Amor e justiça” Deus é sempre aquele que se antecipa a qualquer ação humana, é Ele quem vai ao encontro, capacita, confronta e coloca homens e mulheres na posição de acolher a Sua voz. Deus se coloca ao lado, se coloca a caminho juntamente às pessoas a quem Ele chama. Mas essa relação só

encontra eco quando há uma profunda transformação interior. O testemunho é a forma mais completa da adesão do homem à Deus. Com isso Xavier (2020) citando Jean Luc Marion, nos ajudará a refletirmos sobre uma teologia pautada no testemunho, não só discursivo, mas que transforma o interior do vocacionado e da vocacionada. Por isso, a dimensão vocacional, enquanto realização da vida humana, passa necessariamente pelo crivo da liberdade e do amor como princípio de toda ação e se desdobra na prática da justiça, pois, “trata-se de uma afirmação da liberdade pessoal e, por isso, da necessidade de questionar em profundidade as próprias convicções e opções”⁸⁹.

A experiência vocacional é um acontecimento que se dá dentro da própria história humana. Não há como pensar vocação sem pensar no exercício da liberdade humana. Resgatar a figura profética dentro deste contexto se faz cada vez mais necessário, principalmente quando a pobreza desumaniza tantos irmãos e irmãs à mercê de uma sociedade materialista. O desafio em ser discípulos e missionários de Jesus Cristo não pode ter maior peso do que a verdadeira solidariedade à qual todos somos chamados. Ninguém pode ficar fora da comunidade de Jesus, todos devem ser acolhidos e participantes ativos da vida em comunidade.

O amor será sempre o princípio de qualquer ação de Deus no mundo, de Deus na vida humana, de Deus no decorrer da história, de Deus no encontro com o homem, seu ser amado, mas também o amor será sempre aquele que fará suscitar no homem o desejo não só de ser amado, mas ser amor no mundo em que vive e dar testemunho desse amor de maneira concreta.

O amor em sua compreensão mais plena, faz com o vocacionado faça escolhas em sua vida. Para se seguir o caminho do Reino, há renúncias, escolhas, e uma compreensão de que o chamado feito por Deus tem caráter universal, e por isso, todo aquele que é chamado, deve compreender essa dinâmica do serviço ao outro, a uma inserção em uma comunidade de fé. Segundo Martinez; “O seguimento é livre, porém

⁸⁹ Cf. DAp, nº 53.

implica certas condições irrenunciáveis [...] Porém, em todo o caso, se desejam entrar na dinâmica do Reino de Deus, não há outro caminho que o seguimento de Jesus”⁹⁰.

2.1 Fundamentação Bíblico Teológica

Vocação antes mesmo de ser um convite ao homem, revela a manifestação e ação de Deus, Ele é o autor da vida e convida a todos para Ele, Ele é o início do chamado e da natureza vocacional, assim também como é a finitude deste chamado. É Deus quem se antecede a toda ação humana, se revela, se identifica e envia a quem chamou em Seu próprio nome. Segundo Cencini (2013):

Antes de qualquer coisa, digamos claramente que a vocação não fala imediatamente do chamado, de nós e daquilo que cada um é chamado a ser e a fazer; vocação cristã fala antes de tudo de Deus, revelando-se um aspecto fundamental de sua identidade divina. E diz-nos que nosso Deus é um Deus que chama e que chama porque ama. Não poderia deixar de chamar, aliás, de *chamar*, porque nele o chamar é voz do verbo amar: chama para manifestar o próprio amor, para exprimir sua atenção e preocupação (o ciúme bíblico) em relação à pessoa chamada como se fosse única para Ele; Deus sabe contar somente até um.⁹¹

Sendo assim é fato recordar que toda ação se origina da parte de Deus, que chama o homem para ser feliz e o chama porque sabe que somente Nele este homem encontrará descanso e as respostas para suas inquietudes. O Papa Francisco retomando a Exortação Apostólica *Christus Vivit* (2019), faz uma definição de vocação no seu sentido amplo de ser, direcionando a todo povo de Deus, mas principalmente aos jovens em seus mais diversos contextos.

A palavra «vocação» pode-se entender em sentido amplo como chamada de Deus. Inclui a chamada à vida, a chamada à amizade com Ele, a chamada à santidade, etc. Isto tem um grande valor, porque coloca toda a nossa vida diante de Deus que nos ama, permitindo-nos compreender que nada é fruto dum caos sem sentido, mas, pelo

⁹⁰ MARTINEZ DIÉZ, Felicísimo. Vida religiosa: carisma e missão profética. Trad. Valdir José de Castro. – São Paulo: Paulus, 1995, p. 63 (Tempo de libertação)

⁹¹ CENCINI, Amedeo. *Construir cultura vocacional*: Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 25 (Coleção Pastoral vocacional)

contrário, tudo pode ser inserido num caminho de resposta ao Senhor, que tem um projeto estupendo para nós.⁹²

O chamado vocacional se desdobra em dois aspectos fundamentais voltado para a tomada de consciência sobre si mesmo e também sobre o serviço aos outros: Por que Deus chama e qual é o objetivo desse chamado? Sobre isto Cencini (2013) continua:

A vocação já é em si mesma, sinal do amor de Deus pelo homem, independentemente de seu conteúdo. O Deus-que-chama é um Deus amigo do homem, interessado em sua vida e em sua felicidade, visto que sabe que a criatura será feliz somente se realizar até o fundo o projeto divino. O ser humano chamado por Deus é um ser pensado por um Deus extrovertido, que quer partilhar e ser compartilhado, pela Trindade Santíssima que quer amar e deixar ser amado, pelo Mistério bom que quer revelar e revelar-se.⁹³

Na Sagrada Escritura vemos a necessidade que Deus tem de trazer o homem para si, mas ao mesmo tempo a realização deste homem quando se coloca no seguimento de Jesus Cristo, quando se redescobre no caminho como uma pessoa de fé e pela fé age dentro da dinâmica do Reino. Segundo Goulart (2003):

O caminho é aquela vocação que Deus grava no coração da criatura, desde o primeiro instante em que lhe concede a existência. Ele oferece livremente a vocação. E a criatura, ao descobri-la, aceita livremente, pois quer ser feliz. Ela vê que essa vocação é o melhor caminho, o mais breve e o mais seguro para ela alcançar a sua própria felicidade.⁹⁴

As vocações são diversas, assim, como também são diversas as maneiras com que Deus escolheu para se dar a conhecer e se revelar ao homem. Toda realização do homem tem cumprimento no serviço ao mundo: “A própria vocação, a própria liberdade e a própria originalidade são dons de Deus para a plenitude e o serviço ao mundo” (DAp, nº 111). Os tipos de chamados que Deus faz na Sagrada Escritura tem

⁹² Cf. ChV, nº 248.

⁹³ CENCINI, Amedeo. *Construir cultura vocacional*: Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 25-26 - (Coleção Pastoral vocacional)

⁹⁴ GOULART, José Dias. *Vocação para servir*: siga a sua e saiba por quê. – São Paulo: Paulus, 2003, p. 53 - (Comunidade e Missão).

uma conotação singular em todos eles; nenhuma pessoa foi chamada por Deus para viver voltada tão somente para si ou para os seus, mas ao contrário, muitos tiveram que abandonar-se a si mesmo e aos seus familiares, terras e nações.

Foram experiências únicas, místicas e concretas, mas acima de tudo uma relação construída com compromisso e fidelidade, o que não quer dizer livre de inseguranças por parte de quem fora chamado. Ser chamado por Deus pressupõe algumas características fundamentais daquele que responde. As idades e contextos dentro do qual Deus realiza o chamado são diversos, mas sempre baseado no respeito e na liberdade de quem é chamado. Uma coisa é fato; todo vocacionado a fé é chamado a ser sinal de esperança, a ser porta voz da esperança. A Igreja nos diz que:

A virtude da esperança corresponde ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O ânimo que a esperança dá preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade.

A esperança cristã retorna e realiza a esperança do povo eleito, que tem a sua origem e modelo na *esperança de Abraão*, o qual, em Isaac, foi cumulado das promessas de Deus e purificado pela provação do sacrifício. «Contra toda a esperança humana, Abraão teve esperança e acreditou”.⁹⁵

O chamado de Deus a Abraão é muito significativo na história de Israel, pois é ele quem abre caminho para as demais experiências. Essa relação de Deus e Abraão tem como instrumento catalizador de toda a ação, a fé de Abraão que vê além na medida em que se coloca a caminho. O sair de sua terra e se colocar a caminho para uma nova terra, só foi possível pela fé e ao mesmo tempo pela intimidade e escuta do seu Senhor. Deus dirige sua Palavra a Abraão, Ele não é um “Deus mudo”, mas um Deus que fala, que se comunica, que se faz presente e dá-se a conhecer pelo seu povo. Na Encíclica *Lumen Fidei* (2013) Papa Francisco cita que:

Esta palavra comunica a Abraão uma chamada e uma promessa. Contém antes de tudo, uma chamada a sair da sua própria terra, convite a abrir-se a uma vida nova de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado. A perspectiva, que a fé vai proporcionar a

⁹⁵ Cf. CIC, nº 1818-1819.

Abraão, estará sempre ligada a este passo em frente que ele deve realizar: a fé “vê” na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus. Mas tal Palavra contém ainda uma promessa: a tua descendência será numerosa e serás pai de um grande povo (cf. Gn 13,16;15,5;22,17). É verdade que a fé de Abraão, enquanto resposta a uma Palavra que a precede, será sempre um ato de memória; contudo esta memória não se fixa no passado, porque, sendo memória de uma promessa, se torna capaz de abrir ao futuro, de iluminar os passos ao longo do caminho. Assim se vê como a fé, enquanto memória do futuro, está intimamente ligada à esperança.⁹⁶

No relato do Gênesis vemos a orientação de Deus a Abraão, “Sai de sua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, e te abençoarei; engrandecerei o teu nome; sê uma bênção” (Gn 12,1-2). Ter uma terra e uma descendência pressupõe ser uma pessoa que encontrou graça diante de Deus, que foi escolhido, por isso, foi abençoado com terras e descendências. Abraão recebe também a missão de unir, dar corpo ao povo disperso. Toda proposta de Deus vem acompanhada de grandes realizações, mas também grandes desafios que provam diariamente a nossa fé.

Uma outra figura importante dentro da dimensão vocacional é Moisés. Deus revela sua lei a Moisés e o envia em seu Nome. Moisés tem uma relação face a face com Deus e D’ele se torna porta-voz. Embora, assim como aos outros profetas, Moisés tentou se esquivar, mas deixou-se consumir, assim como a sarça ardente pela voz e vontade de seu Senhor. Enfrentou grandes desafios desde que fora concebido, criado dentro de uma etnia que escravizava seu povo de origem, os hebreus. Aos poucos Moisés vai tomando consciência de seu chamado e amadurecendo sua concepção diante das mudanças.

Iahweh disse: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e, para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os

⁹⁶ Cf. LF, nº 9.

estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas.⁹⁷

Nesse episódio vemos um Deus que desce para ouvir e atender o clamor do povo escravizado e humilhado, sem identidade e sem esperança. Moisés assume um papel importante nesse processo, como profeta da esperança. Começa a descobrir a presença de Deus em sua vida, tendo como sinal revelador dessa presença, a sarça (cf. Ex 3,1-6) que não se consumia ou que era “consumida” pelo fogo, mas não perdia sua forma, sua aparência e essência. O consumir-se neste caso, está relacionado à vida de Moisés que se deixa consumir por Deus.

Moisés caminha do êxtase diante da sarça ardente para a libertação de um povo humilhado, assume a liderança deste povo e inaugura a revelação da Lei de Deus para este povo. De um povo disperso Israel passa a ser uma comunidade construída sobre a igualdade, que defende e acolhe a todos, partilha das responsabilidades sociais, estabelece uma religião de caráter libertador e não mais de opressão e acima de tudo, uma sociedade reconhecida pela aliança estabelecida com Deus.

Antes desse acontecimento do chamado de Deus a Abraão nada se sabia sobre sua vida. Abraão recebe de Deus uma missão já com uma idade avançada, mas acredita e se lança. Já Moisés tem seu destino trilhado desde o seu nascimento, conduzido pelas águas na inocência de um bebê, e já como homem e pelas águas do Mar vermelho leva o povo à liberdade. Em Samuel vemos o chamado a uma pessoa mais jovem, que tem sua primeira experiência de ouvir a voz de Deus ainda na infância e que precisou da ação de uma outra pessoa, o profeta Elí para ajudá-lo a discernir de quem era a voz que o chamava (cf I Sm 3,1-21) e de fato Samuel responde ao seu Senhor e cresce como um grande profeta do Senhor.

Em Amós, vemos um profeta de linguagem peculiar e firme, não muito delicado em suas colocações. Prevê um futuro sombrio sobre Israel. Reconhecido como profeta do amor e da justiça. Uma característica firme de seu profetismo é justamente a denúncia contra toda injustiça, principalmente as injustiças sociais que travam

⁹⁷ Cf. Ex 3, 7-10.

sempre a dura batalha desigual entre minoria imperante e a maioria sobrance. Onde o pobre é explorado e o fraco cada vez mais oprimido. Amós denunciava e pregava sobre luxo, orgulho (cf Am 3, 9-12), denunciava os falsos cultos e os cultos aos falsos deuses (cf Am 4,4-5); advertia em nome de Deus (cf Am 4,6); faz apelo à conversão, não diferente de todos os demais profetas e Jesus Cristo que colocam a conversão como condição. Amós tinha plena convicção de que Deus queria ver a justiça correr como um riacho, onde a vida brotasse como fonte de justiça e de bem.

Um outro exemplo de chamado é aquele que Deus faz Jeremias, este, no primeiro momento tentou dar desculpas e esquivar-se, mas que se deixou seduzir pela voz do seu Senhor, mediante a não ter mais argumentos ou até mesmo outra forma de ser diferente. “Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci; antes que você fosse dado à luz, eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações” (Jr 1,5).

As bem aventuranças de Jesus traçam um itinerário de chamados que entrelaçam a vida de todos aqueles e aquelas que chamados por Deus, tem o seu Reino como meta. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Pois, são aqueles que ardentemente desejam ver um mundo novo, em que o oprimido possa levantar a cabeça e fazer ouvir a sua voz. “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,10).

Uma vez que são aqueles que remam contra a maré, opondo-se à idolatria do sucesso, do poder e do dinheiro. Estes, ao optarem pela pobreza, serão perseguidos, já que o seu testemunho de uma vida simples, honesta e pura constitui uma acusação e uma ameaça contra aqueles que esmagam a cabeça dos miseráveis, “vendem o justo por prata e indigente por um par de sandálias” (Am 2,6) e tem as mãos manchadas pelo sangue de inocente, pois são como os escribas e fariseus que: “bloqueais o Reino dos Céus diante dos homens! Pois vós, mesmos não entraís, nem deixeis entrar os que o querem!” (Mt 23, 13-14). O pobre vexado por causa da sua justiça pode sentir-se feliz, em nome da primeira bem-aventurança: o Reino de Deus é seu, já nesta vida.

Vida doada, vida consagrada, vida entregue a Deus é vida vivenciada na santidade dos filhos de Deus, em que todos são chamados a viver a vida de Deus no dia a dia de suas ações, cuja participação na vida da comunidade e da igreja é

imprescindível para o amadurecimento para tal. A santidade é uma resposta ao chamado de Deus, que chama ao discipulado. Mas não um discipulado das boas intenções, e sim um discipulado comprometido com o Reino, que vive uma espiritualidade que se fundamenta em assumir o batismo com total responsabilidade e compromisso e que se traduz na busca da santidade.

Todos os homens e mulheres são chamados a fazer parte desta proposta de amor da parte de Deus, são convidados a fazerem parte das bem aventuranças anunciadas por Jesus, que ao receberem o convite “Vinde benditos de meu Pai, possui por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25,34). A Igreja nos recorda que as bem aventuranças nos imprimem identidade e também nos direcionam a viver a vocação cristã na esperança das promessas e bençãos de Deus.

As bem aventuranças traçam a imagem de Cristo e descrevem sua caridade; exprimem a vocação dos fiéis associados à glória de sua paixão e ressurreição; iluminam as ações e atitudes características da vida cristã; são promessas paradoxais que sustentam a esperança nas tribulações; anunciam as bençãos e recompensas já veladamente antecipadas aos discípulos.⁹⁸

Todos são convidados para trabalharem na vinha do Senhor e contribuir para a missão de Jesus e da Igreja no mundo, como instrumento de Salvação. Ser chamados e ser enviados em nome de Jesus Cristo imprime caráter de partícipe da vida do próprio Deus, sempre atentos ao sopro do Espírito e às mudanças do mundo, tornando cada vez mais neste mundo o Reino de Deus presente.

2.1.1 Profetas

O profetismo tem sua raiz na virtude da esperança, o profeta necessariamente é um homem da esperança, pois, a mensagem trazida ao mundo pelos profetas deve levar esses mesmos homens a viverem com esperança enquanto peregrinos nesta terra. São diversos os exemplos de pessoas que exerceram na história a dimensão profética, pessoas que se posicionaram contra toda estrutura que viesse colocar em

⁹⁸ Cf. CIC, nº 1717.

risco o valor da vida e os valores que norteavam a vida em sociedade, um profetismo que questionava principalmente as estruturas religiosas vigentes e que não visavam o cumprimento da vontade de Deus, se afastando do seu real significado. Ser profeta é ser instrumento da esperança, semeador da esperança.

Assim foram os profetas de Israel, que são os ícones da profecia. O profeta aparece quando o povo deixa de ter esperança e se torna prisioneiro do presente – quando se tem a impressão de estar prisioneiro por um pensamento único, obcecado por uma religião que sacraliza os poderes dominadores; quando a esperança está sendo substituída pelos desejos ou pelos ressentimentos – porque os desejos foram reprimidos; quando o povo se esqueceu da esperança, então os profetas levantam a voz.⁹⁹

O profeta surge dentro de um contexto no qual ele mesmo vivencia e participa, agindo e sofrendo todas as demandas existentes. Profetismo e vida são inseparáveis. A vida do profeta também é fator decorrente e comprobatório daquilo que Ele anuncia e denuncia, a necessidade do testemunho aqui é inevitável e inquestionável.

Em primeiro lugar, a profecia não se separa da pessoa do profeta, pois, este profetiza com toda a sua vida. A profecia não é um discurso, mas ação pública de grande visibilidade. A pessoa do profeta levanta-se no meio do seu povo. O profeta não fala somente com palavras, mas fala com toda a sua vida.¹⁰⁰

O profeta se dirige ao povo em geral, denunciando as injustiças, abrindo os olhos daqueles que estão cegos e não enxergam nem mesmo as injustiças dentro e contra o povo de Deus, quando este se afasta de sua missão e quer ser e vier como qualquer outro povo. O profeta denuncia as estruturas corruptas no campo político e religioso, por conseguinte por sua ação profética ele se torna alvo de perseguições por parte daqueles que querem manter as estruturas, que beneficiam uma minoria e aqueles que ocupam os postos de alto escalão, mas que governam para si mesmo. Essa dimensão profética é resultado, e só pode ser fruto de uma intimidade pautada na fidelidade a Deus, afinal, o profeta é o porta voz do próprio Deus.

⁹⁹ COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. – São Paulo: Paulus, 2004, p.71.

¹⁰⁰ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. – São Paulo: Paulus, 2008, p.12.

Na sagrada Escritura, os maiores exemplos de profetas estão no Antigo Testamento, tanto porque em Jesus Cristo, se completou toda a revelação de Deus e a partir Dele tudo o que Deus teria a dizer ao homem se concretizou e foi feito por e através dele. Os primeiros profetas visavam uma aliança com Deus pautada nos valores éticos, de modo que a teoria tivesse plena realização na prática, principalmente na maneira de tratarem os pobres e marginalizados. São os pobres e marginalizados aqueles que sempre estiveram em evidência diante de toda pregação dos profetas e do agir do próprio Deus. Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) destaca que:

No coração de Deus ocupam lugar privilegiado os pobres, tanto que até Ele mesmo “Se fez pobre” (2Cor 8,9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, pelo “sim” de uma jovem humilde, de uma pequena povoação perdida na periferia de um grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; ele foi apresentado no Templo justamente com dois pombinhos – a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2,24; Lv 5,7); cresceu num lar de simples trabalhadores e trabalhou com suas próprias mãos para ganhar o pão.¹⁰¹

Deus falava a um povo que fora libertado por Ele, mas que se perdeu em meio a tantos pecados, vícios e se renderam a tantas estruturas de morte. A ponto de o próprio Deus através do profeta Amós abominar suas festas, rituais, penitências, jejuns e oferendas se não houvesse uma verdadeira conversão do coração e uma adesão à vontade de Deus.

Eu odeio, eu desprezo as vossas festas e não gosto de vossas reuniões, porque, se me oferecis holocaustos..., não me agradam as vossas oferendas e não olho para o sacrifício de vossos animais cevados. Afasta de mim o ruído de teus cantos, eu não posso ouvir o som das tuas harpas!¹⁰²

As palavras do Profeta soam de forma tensa e com verbos que expressam indignação e descontentamento, mas nos dá a clareza de que o profetismo não leva em consideração as ações externas sem que antes, sejam enraizadas na verdade, na

¹⁰¹ Cf. EG, nº 197.

¹⁰² Cf. Am 5, 21-23.

justiça e no desejo fiel de se agradar a Deus. O profeta é um escolhido por Deus, para agir em nome de Deus e ungido por Deus individualmente.

Contrariando aos costumes vigentes, quando as sucessões eram uma maneira de manter o poder e garantir a continuidade de apenas alguns nestes cargos, cargos que necessariamente não eram considerados como um serviço para salvaguardar os direitos do povo ou fruto de uma tomada de consciência voltada para aqueles que mais sofrem. Sem grandes demagogias ou aprofundamentos, vemos que embora os contextos sejam diferentes, a concepção deste tipo de governo ainda assombra a sociedade moderna. Comblin (2008) diz que:

O profeta é escolhido e enviado por Deus. Não recebe nem mandato, nem autoridade de nenhum poder humano – nem dos reis, nem dos sacerdotes, nem dos doutores. Não é profeta por herança ou por ser membro de uma casta. Cada profeta é escolhido individualmente e não pode transmitir sua função aos seus descendentes.¹⁰³

A manutenção das estruturas e a centralização do poder sempre foram fatores que impediram a libertação e o desenvolvimento do povo nos aspectos sociais, políticos, étnicos, religiosos e conseqüentemente humanos, pois, é difícil buscar a realização humana vivendo como escravos e tendo renegados seus direitos mais básicos. Os profetas se tornaram um perigo para aqueles que mantinham esse tipo poder. Comblin (2008) ainda continua a dizer que:

O profeta nunca é esperado. Faz irrupção numa sociedade sem ter avisado. Incomoda tanto o povo quanto os chefes do povo porque contesta a ordem estabelecida. Denuncia o que todos querem esconder, e anuncia calamidades e derrotas – que não é o que o povo e o rei querem ouvir. Exige conversão.¹⁰⁴

O profeta nunca age em nome de si mesmo e seu profetismo não é pautado na conveniência ou pactos oriundos de estruturas que coagem a liberdade humana. O verdadeiro profetismo tem a fidelidade a Deus como ponto de partida de toda a sua ação. O profeta por ser do meio do povo também sente suas dores e por sentir, tenta de todas as formas suscitar e despertar a consciência do povo para que se voltem ao

¹⁰³ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2008, p.34.

¹⁰⁴ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2008, p.35.

Senhor e mudem suas práticas. Apela de todas as formas para que voltem para a aliança que tinham com Deus. O profeta embora seja anunciador da vontade de Deus para com seu povo, se coloca como anunciador também de calamidades que poderão acontecer se o povo não mudar seu modo de viver. Nisto Comblin (2008) diz que:

Os profetas são vítimas da mesma acusação que a eles fizeram em todos os tempos: o profeta que anuncia desgraças é acusado de provocá-las e castigado por causa delas. Os castigados não são aqueles que provocaram os desastres, mas aqueles que os anunciaram. Sabemos disso por experiência.¹⁰⁵

Na Sagrada Escritura vemos claramente essa realidade olhando como exemplo o profeta Jeremias, que não sendo diferente de qualquer outro ser humano também reclama, se lamenta e por vezes, tenta se desviar ou fugir de tudo o que dele Deus exige ou dele espera. Ser profeta em todos os tempos sempre significou remar contra a correnteza e sofrer perseguições, testar suas forças, ver suas energias desgastadas a ponto de rejeitar a própria missão, referindo-se a ela como um fardo.

Tu me seduziste, *lahweh*, e eu me deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste. Sirvo de escárnio todo o dia, todos zombam de mim. Porque sempre que falo devo gritar, devo proclamar: “Violência e opressão!” Porque a palavra de *lahweh* tornou-se para mim opróbrio e ludíbrio todo dia. Quando pensava: “Não me lembrarei deles, já não falarei em seu nome, então isso era em meu coração como fogo devorador, encerrado em meus ossos. Estou cansado de suportar, não aguento mais.”¹⁰⁶

O profeta sofre de tal forma que em seus momentos de fraqueza chega a amaldiçoar o dia de seu nascimento. Mas Jeremias tem a certeza de “*Quem*” o chamou, por isso, se rende a este chamado. Não se rende às ameaças e perseguições dos poderosos se seu tempo. Os profetas colocam suas vidas em risco, pois, acreditam naquilo que Deus tem para eles. Eles já não mais anunciam pensando só no agora do tempo presente, mas no Reino de Deus que se estende.

As causas das denúncias e lamentos dos profetas são inúmeras; exploração, marginalização, comercialização da religiosidade, manipulação e escravidão.

¹⁰⁵ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2008, p.36.

¹⁰⁶ Cf. Jr 20, 7-9.

Podemos afirmar que essas mesmas causas ainda estão presentes na modernidade, acompanhadas pela degradação do meio ambiente, tráfico humano, poluição e mal uso dos bens naturais, a desigualdade social, miséria, fome, suicídios, homicídio, e tantos outros aspectos que ferem a dignidade humana. Um outro foco de denúncia eram os falsos profetas que surgiam sustentados por filosofias diversas que visavam as adivinhações, mas sempre e tão somente à serviço dos sacerdotes ligados aos templos. Para Comblin (2008):

Os falsos profetas são naturalmente os que se acham verdadeiros. Formam como que uma classe ligada aos templos, próxima dos sacerdotes, embora seu trabalho seja diferente. Os profetas praticam a adivinhação. Orientam a política dos reis, comunicando-lhes a atitude dos deuses. Assemelham-se aos profetas das outras religiões dos povos vizinhos de Israel. A mensagem deles é semelhante à mensagem dos profetas dos povos vizinhos. Eles confirmam o modo de ser tradicional do seu povo, sem relação com a ética, isto é, com os pobres. Falam de coisas relacionadas com a guerra ou com a vida do templo, mostrando as exigências dos deuses.¹⁰⁷

Os deuses servidos pelos profetas são aqueles sedentários, que promoviam à exploração do povo, causando total dependência desse povo aos reis e sacerdotes, os mesmos deuses vigentes no perídio da libertação do povo de Israel das amarras do Egito. A suposta mediação entre o povo e os deuses só era validada se passasse por esses falsos profetas. Concepções contrárias ao Deus de Israel que agindo na história, caminha e acompanha seu povo, de forma itinerante.

A mais plena manifestação de Deus na história humana é a figura de seu próprio Filho Jesus Cristo, Sua Palavra feita carne, feito vida e nascido de uma mulher que também surge fisicamente no e do meio do povo. Se vê como um profeta, pois, sabe que veio ao mundo para cumprir a vontade de Deus para a humanidade. O fato de em Jesus se cumprir tudo o que Deus falou pelos profetas, não quer dizer que os antigos profetas perderam sua importância, mas o contrário; Jesus busca como referência os profetas do Antigo testamento e contextualiza suas palavras na história. Na sinagoga em Nazaré Jesus faz uso das palavras do Profeta Isaías (cf Is 61,1), e conseqüentemente, declara que o tempo se cumpria naquele dia.

¹⁰⁷ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2008, p.45.

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no atentos. Então começou a dizer-lhes; “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura.”¹⁰⁸

Diferente da profecia de Isaías a palavra graça nos lábios de Jesus substitui a expressão vingança. Não será mais um dia de vingança, mas um ano da graça do Senhor, onde Deus usa das experiências mais diversas e humanas para ensinar e educar a humanidade no Seu caminho. O profetismo de Jesus embora seja 100% de obediência a Deus Pai, tem como finalidade, aproximar a humanidade de Deus, não mais um Deus temível, vingativo, mas um Deus amoroso, paterno, que quer ter o coração do homem para si. Mas, assim, como as palavras ditas pelos profetas do Antigo Testamento, Jesus também veio chamar a todo o povo à conversão e mudança de vida. Deus em Jesus continua ser Aquele Deus que no Antigo Testamento, se inclinou para ouvir e atender ao clamor de seu povo.

Jesus dá continuidade aos profetas do Antigo Testamento também no sentido de questionar as estruturas sociais, políticas e religiosas, que em uma somatória de intervenções escravizava o povo de Deus. Assim como no Antigo Testamento a vida de Jesus como profeta, era um fator evidente, pois, sua vida revelava os valores que acreditava, sobre sua visão de mundo, sua concepção sobre as leis e os profetas, e ao mesmo tempo sobre sua relação com Deus. Mas diferente dos antigos profetas que foram denominados percussores, Jesus se torna o modelo perfeito de profeta e profecia. Ele anuncia a Boa Nova da vontade de Deus e Nele se cumpre esse mesmo anúncio.

Uma dimensão não vista no Antigo Testamento como de fato é: Jesus não era reconhecido somente como profeta por aquilo que pregava ou vivia, mas também pelos milagres que realizava e sua autoridade sobre demônios, espíritos maus, sobre perdoar os pecados e sobre devolver a vida à Lázaro (cf Jo 11,1-29), ao filho da viúva de Naim (cf Lc 7,11-17) e da Filha de Jairo (cf Mt 9, 18-26). Sobre o cumprimento das leis, Jesus não veio para abolir as leis, mas levá-las à perfeição, pois as leis devem

¹⁰⁸ Cf. Lc 4, 18-21.

estar em consonância com a dignidade da vida humana. Para Jesus nada era mais importante do que a vida humana na sua integridade e essencialidade.

Jesus personifica uma realidade de proximidade, de acolhida, de resgatar os traços de Deus deixados na humanidade. A novidade trazida por Jesus está também na projeção de um reino futuro, de uma realidade que ultrapasse a materialidade do tempo presente e que faz com que aqueles que o seguem façam com um olhar de esperança por novos tempos. Um Reino onde todos viveremos como irmãos, filhos do mesmo Pai. Para isso a natureza do Templo deveria ser resgatada, instaurada em seu próprio corpo. Exortou a todos aqueles que faziam da casa de Seu Pai um covil de ladrões e lugar de comércio, relatado pelo evangelista João.

Tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do Templo, com as ovelhas e com os bois, lançou ao chão todo o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas e disse aos que vendiam pombas: “Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de Meu Pai uma casa de comércio”. Recordaram-se seus discípulos do que está escrito: O zelo por tua casa me devorará.¹⁰⁹

Jesus traz e resgata na história a centralidade e necessidade da vida em comunidade, onde todos são responsáveis na missão de anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, mas também em zelar pelos valores comuns. Ninguém pode ficar fora da proposta desse amor, por isso, a mensagem do Evangelho deve chegar a todas as criaturas, pois, é desejo de Deus que todos se salvem. Mas a consciência sobre o cristianismo deverá chegar aos homens através do próprio homem, não um homem perfeito, mas por homens simples e do meio do povo. Jesus se torna uma referência profética a ser seguida. O documento da V Conferência de Aparecida (2007) diz que:

Ao chamar os seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt 28,19; Lc 24, 46-48). Por isso, todo discípulo é missionário, pois, Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula como amigo e irmão. Dessa maneira, como ele é testemunha do mistério do Pai, assim, os discípulos são testemunhas da morte e ressurreição do Senhor até que ele retorne. Cumprir essa missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a extensão testemunhal da vocação mesma.¹¹⁰

¹⁰⁹ Cf. Jo 2, 15-17.

¹¹⁰ Cf. DAp, nº 144.

A vida de Jesus surgiu como um modelo inspirador para homens e mulheres, que ao conhecer ou saber sobre Ele, quiseram fazer a experiência de caminhar com o Mestre, seguindo seus passos e dando testemunho de suas obras. Em pleno século XXI ainda se vê a necessidade de vozes proféticas, que saiam do meio do povo e com o povo instauram uma nova civilização. Se ainda há fome, guerras, violência, exploração e tantas outras calamidades, é sinal de a necessidade da conversão ainda soa como um clamor. Os desafios são sempre inúmeros, mas a graça sempre acompanhará aquele ou aquela que hoje tem a coragem de se levantar no meio de uma multidão e gritar que a salvação é dom de Deus e que nossos pecados nos impedirão alcançá-la.

Por fim, Jesus como profeta instaura um novo tempo para o povo de Deus e para a Igreja e sua missão no mundo, ou como cita também o documento de Aparecida: “Ao participar dessa missão, o discípulo caminha para a santidade. Vivê-la na missão o conduz ao coração do mundo” (DAp, nº148).

2.1.2 Discípulos

O chamado a ser discípulo de Jesus Cristo, antes de tudo, é uma relação interpessoal e feito por Deus de forma pessoal, cada homem e cada mulher é chamado pelo nome e de forma única. “A teologia do discipulado e da missão nasce da pessoa de Jesus e se fundamenta no projeto do Pai” (CNBB 2010, nº 13). Um convite não só para segui-Lo, mas viver e conviver com Ele e Dele aprender. Nisto, na conclusão da V Conferência de Aparecida (2007) vemos que:

O primeiro convite que Jesus faz a toda pessoa que viveu o encontro com Ele é o de ser seu discípulo, para colocar os seus passos sobre as suas pegadas e formar parte da sua comunidade. A nossa maior alegria é ser seus discípulos! Ele chama cada um de nós pelo seu nome, conhecendo profundamente a nossa história (cf. Jo 10,3), para conviver com Ele e enviar-nos a continuar sua missão.¹¹¹

Seguimento e radicalidade são duas realidades que caminham paralelamente e jamais poderão ser compreendidas separadamente, pois, ambas fazem parte de

¹¹¹ Cf. DAp, nº 268.

uma proposta de verdadeiro seguimento de Jesus Cristo. Radicalidade no sentido de que a raiz central do nosso agir é o próprio Jesus Cristo. Porém, realidades que não estão enraizadas no sofrimento ou no seguimento penoso que mutila a dimensão afetiva daquele que segue. Martinez (1995), define a radicalidade como clareza e firmeza da fé, segue:

Radicalidade significa profundidade, consistência, firmeza na fé, no verão e no inverno, na noite escura ou na alvorada. Significa coerência com o projeto de vida evangélica. Radicalidade significa evitar jogar dos dois lados, ou a ambiguidade de vida, ou querer servir a dois senhores. A radicalidade evangélica é compatível com a debilidade, não com a mentira e menos ainda com a fraude. A radicalidade não significa desbastar o evangelho e suas exigências a tal ponto que caiba em todas as partes e se ajuste em qualquer projeto de vida. Esta é a grande tentação ou a grande traição ao evangelho por parte dos seguidores de Jesus, cristãos ou religiosos¹¹².

É justamente o fascínio amoroso pela pessoa de Jesus Cristo e sua missão que transforma o deixar pais, mães, terra, sonhos dos discípulos em uma realização plena da existência humana. “O acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo”¹¹³. No Evangelho, pelos escritos de Marcos (Mc 10,29) encontramos Jesus dialogando com seus discípulos sobre o desprendimento dos bens materiais como forma de seguimento: “Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filho ou terras por minha causa e por causa do Evangelho, que não receba cem vezes mais...” O seguimento de Jesus Cristo, como seus discípulos, passa necessariamente pelo processo da identificação e admiração pelo mestre. A V Conferência de Aparecida (2007) aponta que:

A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão a toda sua pessoa ao saber que Cristo o chama pelo nome (cf. Jo 10,3). É um “sim” que compromete radicalmente a liberdade do discípulo a se entregar a Jesus, Caminho, Verdade e Vida (cf Jo 14, 6). É uma resposta de amor a quem o amou primeiro “até o extremo” (cf. Jo 13,1). A resposta do discípulo

¹¹² MARTINEZ DIÉZ, Felicísimo. Vida religiosa: carisma e missão profética. Trad. Valdir José de Castro. – São Paulo: Paulus, 1995, p. 93 (Tempo de libertação)

¹¹³ Cf. DAp, nº 243.

amadurece neste amor de Jesus: “Eu te seguirei por onde quer que vás” (cf. Lc 9,57).¹¹⁴

O chamamento de Jesus não é simplesmente uma proposta para se formar um grupo de amigos ou uma comunidade, mas, um meio de fazer com que o Evangelho seja anunciado e pregado a todos os povos, sem exceção. Chamado e missão são características presentes na vida de quem se deixa fascinar por Jesus Cristo, e assim, tornar-se participante de sua missão. O documento de Aparecida (2007) continua a dizer “que quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro”¹¹⁵.

O chamado de Deus é inaudível, é mistério divino inexplicável, por isso exige escuta e intimidade. Deus nas mais diversas formas e circunstância se dá a conhecer e tornar possível essa relação de seguimento, aquele que segue, segue por amor à voz daquele que também por amor o chama. Na medida em que vai conhecendo a Deus e se reconhecendo como ser chamado por Ele, o homem se coloca como ouvinte e redescobre sua responsabilidade diante dos demais seres criados. À imagem do Criador que ama tudo o que existe (cf Sb 11,24), o homem e mulher são chamados a participar da Providência divina em relação às demais criaturas. “Daí a responsabilidade deles para com o mundo que Deus lhes confiou”¹¹⁶. A igreja nos orienta a olharmos a dimensão vocacional como uma forma concreta de doação, configuração e entrega ao Reino, uma maneira mística e cerceada pela liberdade de vivenciar na prática o ser imagem de Deus na imagem do Filho.

O fascínio e a consciência do sentido de pertença a Cristo, faz com que o discípulo se coloque na posição de tornar-se um novo homem, uma possibilidade de renascer para uma retomada de consciência sobre si e reavaliar os seus conceitos que devem ultrapassar os valores éticos, morais, e assim alcançar uma postura decisiva para sua vida. Nesta percepção a crise do sentido de pertença, muitas vezes

¹¹⁴ Cf. DAp, nº 136.

¹¹⁵ Cf. DAp, nº 145.

¹¹⁶ Cf. CIC, nº 373.

descaracteriza essa relação no campo religioso, que segundo Boff (2015) é um drama existencial do homem moderno, maior até que o ateísmo.

O drama do homem atual é ter perdido a capacidade de viver um sentimento de pertença, coisa que as religiões sempre garantiam. O que se opõe à religião não é o ateísmo ou a negação da divindade. O que se opõe é a incapacidade de ligar-se e religar. Hoje as pessoas estão desenraizadas, desconectadas da Terra e da alma, que é a expressão da sensibilidade e espiritualidade.¹¹⁷

O homem é chamado para uma experiência de vida nova com Jesus Cristo, através de sua profissão de fé e a relação que com Ele estabelece. Nisso, o Papa Bento XVI, na Encíclica *Deus Caritas Est* (2005) mostra que: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá a vida e, com isso, um novo horizonte e, dessa forma, um rumo decisivo”¹¹⁸. Para os dias atuais essa implicação tem total relevância, pois é uma condição para que o seguimento seja verdadeiro e produza frutos. Aqueles que se colocam a seguir os Seus passos, só o podem, se D’ele fizeram uma profunda experiência de fé e de vida, caso contrário, seu discurso nunca será suficiente para convencer nem a si próprio.

Reconhecer-se como discípulo e discípula de Jesus Cristo e ser eleito por Deus, são duas expressões completamente relacionadas entre si intimamente, pois, a espiritualidade que implica o seguimento de Jesus é uma espiritualidade da eleição, chamados e chamadas a seguir Jesus e ser acolhidos por Ele, dentro de uma dinâmica relacional de fascínio por sua pessoa e proposta. A V Conferência de Aparecida (2007) diz que:

O caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque lhe conhecessem a voz. O Senhor despertava as aspirações profundas de seus discípulos e os atraía a si, maravilhados. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena.¹¹⁹

¹¹⁷ BOFF, Leonardo. *Op. Cit.*, 2015, p.32.

¹¹⁸ Cf. DCE, nº 1

¹¹⁹ Cf. DAp, nº 277.

A maneira com que Jesus se achegou a cada um de seus discípulos revela muito de sua pessoa e de sua forma de viver, Ele mesmo procura por seus discípulos dentro de suas respectivas realidades e vai ao encontro de cada um deles, assim, como foi ao encontro da samaritana. Buscava o ser humano na sua essência, se importava com suas vidas e acima de tudo enxergava o potencial de cada um deles, não se prendia às limitações, aparências, mas via além, fixava neles o olhar e ali descobria amigos e irmãos. Não buscou os sábios e nem os doutores da Lei, mas pessoas que viviam no meio do povo, como povo e com o povo se fazia um. O fator familiar era também um diferencial na forma de Jesus ir ao encontro das pessoas.

O documento de Aparecida (2007) diz que “Jesus faz dos discípulos seus familiares, porque compartilha com eles a mesma vida que procede do Pai e lhes pede, como discípulos, uma união íntima entre com ele, obediência à palavra do Pai, para produzirem frutos de amor em abundância”¹²⁰. Diferente da concepção rabínica de discipulado Jesus inaugura uma nova forma de seguimento.

Jesus confere, portanto, um significado novo e original ao seu discipulado, essencialmente distinto e diverso do discipulado rabínico, o do mundo helenístico. Enquanto, no rabinismo, era o candidato a ser discípulo que procurava um mestre e lhe pedia permissão para acompanhá-lo, no caso de Jesus, é ele mesmo quem toma a iniciativa e chama, mesmo a quem não esperava por tal chamamento. É também ele que define o caminho do discípulo; este lhe está totalmente subordinado e dependente dele. Diversamente daquilo que faziam os rabinos, Jesus não ensina os seus discípulos a manusearem os textos sagrados, nem lhes passa as regras de interpretação das Escrituras. O discípulo é convidado para estar com ele para onde ele for. Jesus exige dele uma opção radical pela sua pessoa e pelo reino de Deus que ele anuncia.¹²¹

Ser chamado ao discipulado, assim como foram os profetas, significa também dar um salto qualitativo na fé, acreditar, crer, confiar na salvação trazida por Deus ao homem; um salto de amor que transforma o homem de dentro para fora, que nasce de convicções internas e enraizadas numa relação de amor atrai o homem

¹²⁰ Cf. DAp, nº 133.

¹²¹ SCHERER, Odilo Pedro. *Justo Sofredor: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo*. - São Paulo: Edições Loyola, 1995, p.258.

completamente para Si, partindo da relação originária de Jesus com seus discípulos, cujo seguimento se dá a partir da experiência do conviver.

O discipulado de Jesus é original, não apenas pela maneira como ele tem início ou pelas suas características, mas ainda pelas suas finalidades: Jesus chama ao seu seguimento, não para propor um novo caminho de ascese e de perfeição, que simplesmente pudesse ser aprendido e, depois, imitado e reproduzido, na busca da perfeição e santificação pessoal. Jesus também não chama simplesmente para ensinar uma doutrina que, depois, deva ser repetida dogmaticamente como “verdadeira”. A finalidade principal do chamado ao seguimento é esta: estar “com ele”, em sua companhia, ser introduzido no seu caminho, onde a ação libertadora da graça de Deus vem ao encontro dos homens e se lhes manifesta para, depois, ser feito testemunha de Jesus Cristo e de seu Evangelho.¹²²

Ser chamado para o discipulado é também antes de tudo um convite para estar com Jesus. Não mais uma fé em um Deus distante, mas um Deus próximo, que caminha e acompanha seu povo, agora através de e em Jesus Cristo. Na Encíclica *Lumen Fidei* (2013), Papa Francisco, aponta Jesus Cristo como centro da fé para que a salvação aconteça.

A nova lógica da fé centra-se em Cristo. A fé em Cristo salva-nos, porque é n'Ele que a vida se abre radicalmente a um Amor que nos precede e transforma a partir de dentro, que age em nós e conosco [...] A fé sabe que Deus Se tornou próximo de nós, que Cristo nos foi oferecido como grande dom que nos transforma interiormente, que habita em nós, e assim nos dá a luz que ilumina a origem e o fim da vida, o arco inteiro do percurso humano.¹²³

O processo de transformação interior, leva o discípulo a querer seguir, a dar a vida e a fazer de sua vida uma oferenda ao próprio Deus ou assim como São Paulo a exclamar: “Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo quem vive em mim” (Gl 2,20). A fé em Jesus Cristo está necessariamente alinhada à fé como Verdade, pois, Jesus é a própria verdade revelada à humanidade. É preciso crer com verdade nesta Verdade que é o próprio Cristo. Na *Encíclica Lumen Fidei* (2013), Papa Francisco continua:

Lembrar esta ligação de fé com a verdade é hoje mais necessário do que nunca, precisamente por causa da crise de verdade em que vivemos. Na cultura contemporânea, tende-se frequentemente a

¹²² SCHERER, Odilo Pedro. *Op. Cit.*, 1995, p.266.

¹²³ Cf. LF, nº 20.

aceitar como verdade apenas a da tecnologia: é verdadeiro aquilo que o homem consegue construir e medir com a sua ciência; é verdadeiro porque funciona, e assim tornar a vida mais cômoda e aprazível. Esta verdade parece ser, hoje, a única certa, a única partilhável com os outros, a única sobre a qual se pode conjuntamente discutir e comprometer-se; depois haveria as verdades do indivíduo, como ser autêntico face àquilo que cada um sente no seu íntimo, válidas apenas para o sujeito, mas que não podem ser propostas aos outros com a pretensão de servir o bem comum.¹²⁴

Enxergar a atual conjuntura, com os olhos da fé é um grande desafio para o discípulo e a discípula de Jesus Cristo, pois, são inúmeros os acontecimentos e ofertas que desviam o olhar do homem e o distraem no caminho. Atitudes como compaixão, ternura, solidariedade, delicadeza, caridade, gratuidade, e assim como tantas outras correm um sério risco de serem secularizadas pela indiferença social. Perceber o outro na sua limitação coloca os discípulos de Jesus Cristo, em um caminho difícil e que requer discernimento pautado na fé. Quem chama? Para que se é chamado e para onde se é chamado? São perguntas normais dentro de um processo de discernimento vocacional.

Deus sempre chamou e continua a introduzir seu chamado na realidade humana, chama para uma missão, para dar continuidade ao Projeto de Salvação que Deus inseriu desde início no coração do homem. A ação primária é sempre de Deus. O despertar vocacional é uma fase dessa trajetória, dessa dualidade entre chamado e resposta, entre Deus que cria e chama e o homem criado e chamado. Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018) diz que:

O discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; mas é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor. É-nos sempre útil, para sermos capazes de reconhecer os tempos de Deus e a sua graça, para não desperdiçarmos as inspirações do Senhor, para não ignorarmos o seu convite a crescer. Frequentemente isto decide-se nas coisas pequenas, no que parece irrelevante, porque a magnanimidade mostra-se nas coisas simples e diárias. Trata-se de não colocar limites rumo ao máximo, ao melhor e ao mais belo, mas ao mesmo tempo concentrar-se no pequeno, nos compromissos de hoje. Por isso, peço a todos os cristãos que não deixem de fazer cada dia, em diálogo com o Senhor que nos ama, um sincero exame de consciência. Ao mesmo

¹²⁴ Cf. LF, nº 25.

tempo, o discernimento leva-nos a reconhecer os meios concretos que o Senhor predispõe, no seu misterioso plano de amor, para não ficarmos apenas pelas boas intenções.¹²⁵

É importante lembrarmos que o discernimento no processo vocacional se faz de suma importância, pois, transcende essa necessidade da utilidade, mas está relacionado ao sentido da vida humana na sua essência, a vida de quem se coloca no caminho do discipulado. Continua a nos dizer o Papa Francisco:

É verdade que o discernimento espiritual não exclui as contribuições de sabedorias humanas, existenciais, psicológicas, sociológicas ou morais; mas transcende-as. Não bastam sequer as normas sábias da Igreja. Lembremo-nos sempre de que o discernimento é uma graça. Embora inclua a razão e a prudência, supera-as, porque trata-se de entrever o mistério daquele projeto, único e irrepetível, que Deus tem para cada um e que se realiza no meio dos mais variados contextos e limites. Não está em jogo apenas um bem-estar temporal, nem a satisfação de realizar algo de útil, nem mesmo o desejo de ter a consciência tranquila. Está em jogo o sentido da minha vida diante do Pai que me conhece e ama, aquele sentido verdadeiro para o qual posso orientar a minha existência e que ninguém conhece melhor do que Ele. Em suma, o discernimento leva à própria fonte da vida que não morre, isto é, conhecer o Pai, o único Deus verdadeiro, e a quem Ele enviou, Jesus Cristo (cf. Jo 17,3). Não requer capacidades especiais nem está reservado aos mais inteligentes e instruídos; o Pai compraz-Se em manifestar-Se aos humildes (cf. Mt 11, 25).¹²⁶

O caminho do discipulado pressupõe um caminho de descobertas, de tempo propício de maturação, de autoconhecimento e de acompanhamento qualificado, pois, se assim não for, os desvios buscados pelo homem o afastarão do verdadeiro seguimento de Jesus Cristo, dando vazão aos extintos egoístas e que podem levar à morte de seus anseios mais vitais. Toda ação que visa uma completa transformação da sociedade passa pela transformação do homem de forma integral, tanto mais do homem que se coloca como discípulo de Jesus Cristo e que tem a fé como elemento catalizador de sua ação.

A dimensão do ser chamado por Jesus para o serviço, se torna desafiador, quase que inconcebível o deixar tudo para não ter nada. Entender que o ter nada

¹²⁵ Cf. GeE, nº 169.

¹²⁶ Cf. GeE, nº 170.

diante do mundo é ter tudo diante de Deus requer uma forte decisão, clareza de fé e uma convicta certeza do amor de Deus. Por muitos anos seguir Jesus Cristo na radicalidade foi visto por muitos como loucura. Pois quem em sã consciência serve e segue a uma pessoa que morreu na cruz e ainda por amor? Somente é possível àqueles e àquelas que aderiram sua fé e deixaram-se fascinar pela pessoa de Jesus Cristo e Nele encontraram as respostas para seus anseios mais profundos.

O discipulado pressupõe um novo nascimento, um esvaziar-se de si para que “Cristo sejam tudo em todos” (Col 3,11b). O episódio com Nicodemos esbarra na dificuldade da compreensão daquilo que Jesus propõe ao homem. “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar pela segunda vez no seio de sua mãe e nascer?” (Jo 3,4). Um questionamento que talvez hoje devido aos instrumentos e subsídios que nos auxiliam na interpretação dos textos sagrados, parece ser inconcebível o fato de Nicodemos não ter entendido sobre este nascer de novo. Cabe lembrar que Nicodemos era alguém muito respeitado em Israel e por sua vez, religioso.

Mesmo para os dias atuais a compreensão prática do *nascer de novo* não é algo tão claro, pois, a tendência em dizer *sim* movido pela euforia do momento ou por uma fé superficial e intimista não comporta total entendimento deste novo nascimento, por isso, o movimento do voltar sempre para a vida velha se faz tão real na vida do discípulo, quando este se sente desmotivado e desencantado pelo caminho. O recado de Jesus a Nicodemos para a atualidade se faz pertinente e necessário “A menos que alguém nasça da água e do espírito, não pode entrar no Reino de Deus.” (Jo 3:5)

O episódio dos discípulos de Emaús (cf Lc 24,1-35) é exemplo concreto dessa tentativa de voltar para a vida velha, quando no desalento de sua tristeza e desencanto pela sua missão após a morte de Jesus, os dois discípulos abandonam Jerusalém para regressarem a Emaús. Nada parece ter sentido, pois, a esperança se esgotou e aquilo que outrora tinham visto e vivido com o Divino Mestre perdeu-se no momento da crucificação. Até que *alguém* se põe a caminho com eles e com eles faz memória desde Moisés, passando pelos profetas, ajudando-os a recordar de todas as experiências que tiveram ao serem alcançados pelo amor de Deus e o chamado direto e pessoal de Jesus.

O mesmo episódio que se deu com Nicodemos, acontece com esses dois discípulos, na medida em que lentamente não compreendiam a verdade apresentada por Jesus. “Não ardia o nosso coração enquanto ele nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32). O texto continua a dizer que “naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os onze e seus companheiros” (Lc 24,33). Após a experiência do Ressuscitado, fica difícil, não responder à sua vocação. Quando seus olhos se abriram, não puderam continuar a serem quem sempre foram e voltam para a trajetória do caminho.

As tentações de abandonar o caminho de Jesus Cristo ainda se fazem presentes na vida dos cristãos, onde a tendência de ficarem ancorados em uma vivência superficial de um cristianismo sem cruz e até mesmo sem Cristo coloca em risco a mística da fé cristã. Possibilidades em que o ter, o poder e o prazer são fatores essenciais para se viver bem neste mundo e atender as demandas da atual conjuntura social, que sofre com a necessidade de respostas imediatas. Desafio mais uma vez que coloca o discípulo de Jesus Cristo numa posição que exige discernimento e fé.

Mas a fé do discípulo não pode sobrevir aos desafios e tentações se não for conduzida pela ação da Igreja e principalmente pelo poder renovador do Espírito Santo. Mais uma vez aqui a fé tem caráter decisivo, pois, não é só seguir a Jesus, mas enxergar o mundo através dos olhos de Jesus. Papa Francisco ao escrever-nos sobre a fé, nos apresenta na Carta *Encíclica Lumen Fidei* (2013) a necessidade de termos em todos os âmbitos sociais pessoas que ajam sob a ação de Deus.

A plenitude a que Jesus leva a fé possui outro aspecto decisivo: na fé, Cristo não é apenas Aquele a quem acreditamos, a maior manifestação do amor de Deus, mas é também Aquele a quem nos unimos para poder acreditar. A fé não só olha para Jesus, mas olha também a partir da perspectiva de Jesus e com seus olhos: é uma participação no seu modo de ver.¹²⁷

Compreender essa dimensão de enxergar o mundo pelos olhos de Jesus faz com que o deixar familiares, terras, nações, sonhos, projetos pessoais para aderir à um projeto do próprio Deus, e isso implica seguir um Jesus pobre, andarilho, que não tem nem onde reclinar sua cabeça (cf Mt 8, 20b), ser menos assustador. Embora não

¹²⁷ Cf. LF, nº 18.

possamos negar que ainda isso é sim um grande desafio para o discípulo dos dias atuais, principalmente em uma sociedade onde todos querem ser servidos, reconhecidos e exaltados em suas conquistas e terem seus potenciais materialmente compensados. Esses desafios causam até mesmo um conflito espiritual. Carlos Mesters faz alusão a uma espiritualidade de conflito:

Por espiritualidade de conflito, entendemos a capacidade de transformar o próprio conflito em fonte de fé, esperança e amor. Como Jesus fez com a samaritana: apontou a fonte que estava dentro dela (cf Jo 4,13-14); como fez com os discípulos de Emaús: transformou a cruz, sinal de morte, em sinal de vida (cf Lc 24, 13-35)¹²⁸.

Se recordarmos a conversão de Paulo de Tarso, vemos esse conflito presente em todos os momentos e das mais diferentes formas em sua vida. Um jovem cuja fidelidade ao judaísmo tradicional, herança paterna, uma fidelidade que o levou à perseguição aos cristãos. A concepção de que a observância da lei era mais importante do que as obras, do que a gratuidade, deixava Paulo em uma situação de contradição. Na Carta aos Romanos (Rm 10,17) vemos: “Na realidade, não sou eu mais que pratico a ação, mas o pecado que habita em mim, isto é, na minha carne. Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero”. Mesmo depois de sua conversão Paulo não deixou de vivenciar alguns conflitos vivenciados por Paulo em suas viagens. Mesters (2017) destaca alguns desses conflitos encontrados por Paulo:

1. Conflito com os judeus que queria fazer o mesmo que ele, Paulo tinha feito antes de sua conversão. 2 conflitos provocados pela entrada dos pagãos na igreja; 3. Conflitos com os “falsos irmãos”; 4. Conflitos com os amigos: com Estevão (At 7, 58;8,1); com Barnabé (At 15,36-39); com Pedro (Gl 2,11-14); 5. Conflitos com a religiosidade popular manipulada pelo Império; 6. Conflitos com a mentalidade e a cultura diferentes dos gregos; 7. Conflito com o Império Romano que o levou à prisão e à morte¹²⁹.

Os conflitos vivenciados por Paulo eram duplamente penosos a ele, pois além dessas situações externas havia também aqueles conflitos de caráter pessoal. Em

¹²⁸ MESTERS, Carlos. Paulo Apóstolos: um trabalhador que anuncia o evangelho. São Paulo: Paulus, 2017, p.83, 17ª ed.

¹²⁹ MESTERS, Carlos. Op. Cit, 2017, 83.

toda Sagrada Escritura, não houve exemplo de discipulado mais conflituoso do que o de Paulo, mas talvez, nenhum desses conflitos tenha-lhe causado tanto arrependimento quanto a perseguição ao cristianismo, que o marcou até o fim de seus dias. Esses conflitos também se fazem presentes hoje talvez de maneira nivelada por uma psicologia que visa aproveitar o máximo que se pode a vida no tempo presente. Papa São João Paulo II, já dizia sobre a Vocação e missão no Leigo na Igreja e no mundo. Na Exortação Apostólica Pós Sinodal *Christifideles Laici* (1988) diz que:

Não se pode, por fim, esquecer um outro fenômeno que caracteriza a humanidade atual: talvez como nunca na sua história, a humanidade é todos os dias profundamente ferida e dilacerada pela *conflituosidade*. Trata-se de um fenômeno pluriforme, que se distingue do pluralismo legítimo das mentalidades e das iniciativas e que se manifesta na infeliz contraposição das pessoas, dos grupos, categorias, nações e blocos de nações. É uma contraposição que assume formas de violência, de terrorismo, de guerra. Mais uma vez, mas em proporções imensamente ampliadas, diversos setores da humanidade atual, querendo demonstrar a sua «onipotência», renovam a insensata experiência da construção da «torre de Babel» (cfr. *Gn* 11, 1-9), a qual, porém, gera confusão, luta, desagregação e opressão. E a família humana é assim dramaticamente desarticulada e dilacerada no seu seio.¹³⁰

Diferente dos tempos dos primeiros cristãos, dos apóstolos de Jesus, o cristianismo era vivenciado de forma nivelado, às escondidas e a fé professada dentro das catacumbas, a atualidade traz um cristianismo explícito, mas já garantido por lei o direito à liberdade religiosa, porém ao mesmo tempo o crescimento do pluralismo religioso se torna um grande empecilho, devido à proliferação dos inúmeros movimentos religiosos. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) Papa Francisco coloca essa proliferação como um desafio cultural para a fé católica.

A fé de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação dos movimentos religioso, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus. Isto, por um lado, é o resultado de uma reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista e, por outro lado, representa um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres, sobrevive no meio de grandes preocupações humanas e procura soluções imediatas para suas necessidades. Esses movimentos religiosos que se caracterizam pela

¹³⁰ Cf. CL, nº 6.

sua penetração sutil, vêm preencher, dentro do individualismo reinante, um vazio deixado pelo racionalismo secularista.¹³¹

Toda ação evangelizadora da Igreja ou de qualquer outra instituição que busca em Jesus Cristo a inspiração para seu agir deve levar em consideração um leque de situações que levam ao individualismo e ao consumismo desordenado. O individualismo ainda é o maior desafio a ser vencido, tanto por quê na atual sociedade há uma grande tendência de incentivo pensar em si mesmo antes de todos e tudo, acima e independente de qualquer outra circunstância. Essa concepção vem camuflada por uma falsa ideia de valorização da individualidade, que por sinal é muito importante, pois quando fecunda se torna geradora de vida. Essa forte tendência da acentuação na individualidade leva ao enfraquecimento dos valores comuns e impossibilita a abertura a um olhar sobre o todo. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2020), confere a esta realidade ligadas a outros fenômenos, tais como;

[...] a corrupção, atitude de quem só pensa em si, nos próprios interesses e ganhos, sequer olhando para os rastros de abandono e sofrimento que vai deixando pela vida. Liga-se ao triste e dilacerado comercio de drogas, para quem lucrar, a qualquer custo, implica gerar um número crescente de vítimas. Liga-se à violência, como atitude organizadora da vida em sociedade, que leva a enxergar a morte do outro como solução para os desafios e conflitos. Gera o esforço pela legalização da morte de quem ainda nem nasceu, bem como faz suscitar grupos de extermínio. Chega a quem, penando nas portas e sarjetas dos hospitais, não recebe o necessário atendimento e continua lutando contra a morte, em meio ao desespero. Divide a cidade em áreas controladas por poderes paralelos ao Estado de Direito. Inspira produções artísticas e se torna modelo de sucesso apresentado às novas gerações. Neste sentido, individualismo e violência são dois lados da mesma moeda.¹³²

Por fim, o caminho do discipulado além de ser uma experiência de doação de Deus ao homem e de entrega do homem a Deus, pressupõe uma progressiva construção, pois ser discípulo e discipula de Jesus Cristo é dom destinado a crescer, florescer e se fazer vida, pois, é um chamado, uma convocação à uma comunhão de

¹³¹ Cf. EG, nº 63.

¹³² Cf. DGAE 2019-2023, nº 52.

fé, que se vive e se concretiza no seio de uma comunidade. Um dia foram os doze a serem chamados, depois os setenta e dois, e conseqüentemente milhares e milhões de pessoas chamadas e escolhidas por Jesus a viverem a comunhão dos *discípulos* e *missionários* na Igreja e no mundo. Aparecida contribui com essa dimensão do chamado pela necessidade de “formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência”¹³³.

2.1.3 Comunidade

Nenhum ser humano foi chamado ao isolamento, pois, o chamado vocacional em sua natureza pressupõe o viver em comunidade, pressupõe uma abertura ao outro, uma entrega gratuita do que de mais belo há em prol de um projeto maior que se concretiza na edificação do reino de Deus. A vida em sociedade é algo inato à natureza humana.

O homem é um ser essencialmente sociável: sozinho não pode vir a este mundo, não pode crescer, não pode educar-se, não pode nem ao mesmo satisfazer suas necessidades mais elementares, nem realizar suas aspirações mais elevadas; ele pode obter tudo isso apenas em companhia com os outros. Por isso, desde o seu primeiro aparecimento sobre a terra, encontramos o homem sempre colocados em grupos sociais, inicialmente muito pequenos (família, o clã, a tribo) e depois maiores (a aldeia, a cidade, o estado)¹³⁴.

Mesmo aqueles que são chamados aos monastérios e clausuras são convidados a fazer do mundo e de tudo o que esse mundo condensa, objeto de sua entrega e doação. “A vivência cotidiana do amor fraterno em comunidade constitui uma forma privilegiada de testemunho cristão. [...] A vida fraterna em pequenas comunidades constitui o fundamento sólido para o testemunho da fé”¹³⁵.

No meio de uma multidão Jesus descobre pessoas que se deixam fascinar por suas propostas e que fascinadas por seus discursos e forma de viver, se colocam no

¹³³ Cf. DAp, nº 284.

¹³⁴ RAMPAZZO, Lino. *Antropologia: religiões e valores cristãos*. São Paulo: Paulus, 2014, p.42.

¹³⁵ Cf. DGAE, 2019-2023, nº 24.

caminho. Não há seguimento sem inserção em uma comunidade e muito menos à margem da comunidade. É inconcebível falar de seguimento e aceitar a solidão e o individualismo como realidades presentes em nossas comunidades. O Papa Bento XVI, na Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (2009) aponta a solidão como uma recusa do amor de Deus, reduzida a uma das pobreza mais profundas da vida humana.

Uma das pobreza mais profundas que o homem pode experimentar é a solidão. Vistas bem as coisas, as outras pobreza, incluindo a material, também nascem do isolamento, de não ser amado ou da dificuldade de amar. As pobreza frequentemente nasceram da recusa do amor de Deus, de uma originária e trágica reclusão do homem em si próprio, que pensa que se basta a si mesmo ou então que é só um fato insignificante e passageiro, um “estrangeiro” num universo formado por acaso. O homem aliena-se quando fica sozinho ou se afasta da realidade, quando renuncia a pensar e a crer num fundamento. A humanidade inteira aliena-se quando se entrega a projetos unicamente humanos, a ideologias e a falsas utopias. A humanidade aparece, hoje, muito mais interativa do que no passado, esta maior proximidade deve transformar-se em verdadeira comunhão. O desenvolvimento dos povos depende sobretudo do reconhecimento de que são uma só família, a qual colabora em verdadeira comunhão e é formada por sujeitos que não se limitam a viver uns aos lados dos outros.¹³⁶

A XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, voltado à juventude, necessariamente para a vivência da fé e o discernimento vocacional, descreve essa relação partindo do fascínio pela pessoa de Jesus Cristo, fascínio este que implica um sim sem excluir a cruz, implica a assumir essa cruz sem necessariamente abrir mão da liberdade de uma completa entrega de amor. Diz o documento:

De fato, Jesus não só fascinou com sua vida, mas também explicitamente chamou à fé. Encontrou-se com homens e mulheres que reconheceram, em seus gestos e palavras, o modo adequado de falar de Deus e de se relacionar com Ele, dando acesso àquela fé que leva à salvação: “Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz!” (Lc 8, 48). Por sua vez, outros que o conheceram foram chamados a se tornarem seus discípulos e testemunhas. Ele não escondeu daqueles que querem ser seus discípulos a necessidade de tomar a sua cruz todos os dias e de segui-lo no caminho pascal da morte e ressurreição. A fé pelo testemunho continua viva na Igreja, sinal e instrumento de salvação para todos os povos. A pertença à comunidade de Jesus sempre conheceu diferentes formas de seguimento. A maioria dos discípulos viveu sua fé nas condições comuns da vida diária; outros, por sua vez, incluindo algumas figuras femininas, participaram da

¹³⁶ Cf. CV, nº 53.

existência itinerante e profética do Mestre (cf. 8,1-3); desde o início, os apóstolos desempenharam um papel especial na comunidade e a Cristo estavam associados em seu ministério de orientação e pregação.¹³⁷

A narrativa do Atos dos Apóstolos nos apresenta uma modalidade de comunidade que tem como centro a vivência de fé em Cristo, a observância dos mandamentos, a vida de oração, o reconhecimento da gratuidade de Deus para com seu povo, a alegria em viverem unidos e a fidelidade amorosa à Deus que é Pai e que adota a humanidade como seus filhos e filhas.

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos.¹³⁸

Fazer parte ou ser chamado à vida em comunidade não quer dizer se tornar uma comunidade alienada do mundo ao seu redor, pois, “o sentido de comunhão e de pertença dos cristãos das primeiras comunidades não os segregava dos habitantes das cidades”¹³⁹, mas sim, ser um diferencial capaz de atrair e favorecer o testemunho de outras pessoas. O sentimento de pertença à comunidade alimentava uma perspectiva de que outros ao verem como estes viviam e conviviam quisessem fazer parte também.

O papel da comunidade no amadurecimento da fé sempre foi muito importante na vida dos discípulos de discípulas de Jesus Cristo, pois, é na comunidade que se formam as pessoas e é nesta comunidade que sua opção encontra projeção, se faz refletida e amadurece na medida que se desenvolve. Papa Francisco ao convidar à

¹³⁷ Cf. Doc 51, nº 83.

¹³⁸ Cf. At 2, 42-47.

¹³⁹ Cf. DGAE 2019-2023, nº 79.

humanidade a vida de Santidade no mundo atual, na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018) diz que;

A comunidade é chamada a criar aquele «espaço teologal onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado». Partilhar a Palavra e celebrar juntos a Eucaristia torna-nos mais irmãos e vai nos transformando pouco a pouco em comunidade santa e missionária.¹⁴⁰

A falta de compreensão do valor da dimensão comunitária faz com que o indivíduo se perca em uma fé voltada para si mesmo e a partir de si se expressa e forma sua concepção de vida e da vida ao seu redor. É comum presenciarmos em nossa sociedade discussões baseadas em opiniões meramente pessoais, sem embasamento, ou reduzida ao senso comum, mas que não visam o bem comum ou o amadurecimento da fé cristã. A comunidade é lugar de encontro e de reencontro, de seguimento, lugar de exercer o perdão e a misericórdia, oportunidade magna de concretização daquilo que Deus tem para a humanidade. “Nossas comunidades precisam ser lugar do olhar, do abraço e do afeto: olhar o outro e ver nele um irmão, imagem de Deus; acolhê-lo e perceber nele alguém que partilha de um destino comum”¹⁴¹.

A forma organizacional das primeiras comunidades primitivas no sentido da hermenêutica bíblica, sempre foi modelo e referenciais de valores para a atual conjuntura social e eclesial, pois, suas raízes eram de proximidade com o modelo deixado e desejado por Jesus Cristo, lugar onde os discípulos foram chamados a viver em comunhão com o Pai e entre si. A comunhão basilar da Santíssima Trindade orienta a formação das primeiras comunidades cristãs. A comunidade dos Atos dos Apóstolos retoma alguns princípios da experiência do Êxodo, em que a partilha dos bens era característica primordial para uma nova forma de viver a fé, “um só coração e uma só alma” (At 4, 32). A solidariedade de um Deus presente começou a ser reflexo nas ações de todos aqueles e aquelas que ouviram falar do Deus libertador.

¹⁴⁰ Cf. GeE, nº 142.

¹⁴¹ Cf. DGAE, 2019-2023, nº 134.

As comunidades primitivas tinham a escuta da Palavra como norte de suas ações, era a Palavra de Deus quem dava identidade e sustentabilidade à comunidade. Fazendo um paralelo com os dias atuais, é necessário resgatar no seio das nossas comunidades a centralidade da Palavra de Deus e redescobrir sua força na formação da identidade vocacional daqueles que seguem os passos do Divino Mestre. A Palavra de Deus oportuniza aos homens e mulheres de todos os tempos e lugares a apreenderem os desafios da modernidade que exige não só acolhimento, mas discernimento. Papa Francisco em meio a estes desafios ainda insiste na alegria do sinal de quem descobriu em Jesus e sua Palavra a sua mais sublime realização. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), o Sumo Pontífice aponta:

A Palavra possui, em si mesma, tal potencialidade, que não a podemos prever. O Evangelho fala da semente que, uma vez lançada à terra, cresce por si mesma, inclusive quando o agricultor dorme (cf Mc 4, 26-29). A Igreja deve aceitar essa liberdade incontrolável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando nossas previsões e quebrando nossos esquemas.¹⁴²

A evangelização nos dias de hoje é uma atividade cada vez mais desafiadora e ela só pode ser entendida se assumida em comunidade, lugar de afeto, de perdão e de misericórdia. As comunidades dos dias atuais precisam urgentemente superar as relações de superficialidades e mecanizadas e ultrapassar a esfera da utilidade das relações e pior, da materialização da vida. Os valores morais e éticos não podem mais ser sucumbidos por uma cultura de morte crescente e polarizada. *A Igreja em Saída* tão presente nos discursos, documentos e homilias de Papa Francisco se torna uma realidade emergencial, pois convida cada cristão e cada cristão, de todos os credos e idades, e em todos os tempos a “aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”¹⁴³.

É de supra valia resgatar urgentemente a dimensão profética das comunidades de base, comunidades cristãs, das comunidades eclesiais e assim do profetismo da vida dos discípulos de hoje. A Palavra de Deus que hoje recebemos é a mesma

¹⁴² Cf. EG, nº 22.

¹⁴³ Cf, EG, nº 20.

Palavra encarnada na história, centralizada na vida humana e que ultrapassa a finitude dos tempos para alcançar a todos os cantos da terra. A fé é o fio condutor para que essa Palavra chegue a todos os povos. A comunidade também evangeliza, pois, anunciar Jesus é um compromisso comunitário daqueles que experimentam o amor do Ressuscitado e deseja comunicá-lo a todos.

Jesus que chama é o mesmo Jesus que envia (cf. Mc 3,13-15). Ele chama para estar contigo e para sair em missão. Por isso, não se pode separar a vida em comunidade da ação missionária [...] As primeiras comunidades buscaram acolher, compreender e vivenciar esta integração entre a experiência comunitária da fé e a ação missionária (cf. At 12,1-5), testemunho que ressoa até hoje na vida da Igreja.¹⁴⁴

No decorrer dos séculos muitos movimentos eclesiais, Congregações e Institutos religiosos com as mais diversas formas de vivenciarem as vocações foram sendo suscitadas pela ação do Espírito Santo, mas também oriundas das necessidades apresentadas pelo mundo. Se olharmos os chamados na Sagrada Escritura, sempre tem caráter de serviço, de ir ao encontro, de defesa, de se impor contra toda estrutura de morte, contexto cujo pano de fundo é a dor e exploração de um povo. Todo carisma que surge na Igreja, surge dentro de uma experiência profética, de libertação, de êxodo, de saída de si para alcançar inúmeras possibilidades que se adéquam aos diferentes seguimentos e setores sociais e religiosos. As comunidades de hoje devem ser comunidades fraternas, evangélicas, lugar onde a Palavra de Deus encontra espaço no concreto da vida e em seus discursos, mais ainda, encontra vivência missionária.

Com obras e gestos a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se -se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro de ovelhas”, e as ovelhas escutam sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a acompanhar. Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência e evita deter-se a considerar as limitações. Fiel ao dom do Senhor, sabe também frutificar. A

¹⁴⁴ Cf. DGAE 2019-2023, nº 18.

comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda.¹⁴⁵

Reconhecer-se como uma comunidade em que Deus ocupa o espaço que é Dele por direito, não faz com que essa comunidade seja separada do mundo, mas sim que seja sinal de transformação para este mundo. Ser eleito, ungido, escolhido são terminologias que socialmente assumem caráter separatista. Mas nas comunidades cristãs não deve ser assim, a comunidade deve ser lugar onde o diálogo cooperativo e coletivo alcancem um patamar de verdade. Crianças e jovens devem encontrar em nossas comunidades as respostas para lidarem com uma sociedade tão conturbada e cercadas por ideologias que querem se impor como verdades absolutas, como o consumismo ou como um narcisismo que impede que o jovem alargue sua visão de mundo além dele mesmo e quando este não é visto como quer, procura subterfúgios que podem levá-lo à depressão e ao isolamento, como o uso da droga, o alcoolismo e uma sexualidade vivenciada sem nenhuma responsabilidade. A Conferência de Aparecida (2007) reconhece isso profundamente:

As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais profundas. Crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista, que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade. Afirmam o presente porque o passado perdeu relevância diante de tantas exclusões sociais, políticas e econômicas. Para elas o futuro é incerto. Assim mesmo, participam da lógica da vida como espetáculo, considerando o corpo como ponto de referência de sua realidade presente. Tem nova atração pelas sensações e crescem na grande maioria sem referência aos valores e instâncias religiosas. Em meio à realidade de mudança cultural, emergem novos sujeitos, com novos estilos de vida, maneiras de pensar, se sentir, de perceber e com novas formas de se relacionar. São produtores e atores da nova cultura.¹⁴⁶

Parece algo paradoxal vermos uma juventude que potencialmente poderia ser produtora e autora de nova cultura, e ao mesmo tempo percebê-la tão escravizada pela efemeridade das realidades que vivem e das relações que estabelecem. Nunca foi tão urgente e conseqüentemente tão sutil a necessidade de um olhar de garimpeiros como nos dias de hoje. Descobrir tesouros em uma sociedade onde as

¹⁴⁵ Cf. EG, nº 24.

¹⁴⁶ Cf. DAp, nº 51.

ninharias se tornam mais valiosas do que as reais riquezas, não parece algo tão simples assim. Trazer para fora um universo interno sucumbido por tantas informações e ofertas de auto realização é trabalho árduo para a Igreja. E ao aproximarmos essa juventude de nossas comunidades religiosas temos um grande desafio que se desdobra em dois aspectos cruciais. O primeiro está no testemunho de nossas comunidades para ajudar nossos jovens no seu amadurecimento humano, afetivo e espiritual e por conseguinte no discernimento de sua vocação; o segundo está em justamente em dar uma base sólida para esses jovens desabrocharem na fidelidade à vivência de sua vocação.

Sem grandes demagogias, frente à essa grande demanda social, nossas comunidades cristãs precisam fazer uma revisão sincera de seu apostolado e perceber os rumos que hoje Deus está apontando para a Igreja. Resgatar o forte desejo de fazer da vontade de Jesus Cristo o centro e o motivador de suas ações assume caráter de urgência. Perde-se muito tempo em resolver situações problemáticas entre pessoas que há anos participam de nossas comunidades, mas que não se deixam transformar por sua ação e consequentemente tornando a permanência da juventude algo mórbido e em alguns casos quase impossível. Queremos um jovem apaixonado por Jesus Cristo e seu projeto, na perspectiva da alegria pascal mesmo tendo passado pela cruz. Nisso exorta-nos o Papa Francisco “Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa”¹⁴⁷. A alegria deve ser um sinal visível daquele e daquela que encontrou em Jesus Cristo um sentido para sua existência.

Uma pesquisa realizada pela Conferência dos religiosos do Brasil sobre as “Novas gerações e Vida religiosa”, destaca-se entre as diversas perguntas aos jovens uma que diz respeito ao olhar do jovem sobre a igreja de hoje. As respostas são diversas, mas que nos ajudam a refletir sobre o olhar que o jovem tem sobre aquilo que os desanimam ou os fazem desistir de suas vocações. Entre eles estão motivos como:

[...] Pouco compromisso com os pobres e pouco envolvimento em questões sociais: aburguesamento, alienação, acomodação, falta de profecia. Fechamento ao novo; retrocesso; tradicionalismo; conservadorismo; doutrinas superadas; Problemas na vivência

¹⁴⁷ Cf. EG, nº 6.

comunitária: divisões; ciúmes; discriminações; falta de diálogo e de acolhida às pessoas. Desvalorização da Vida religiosa; conflitos principalmente com o clero. Problemas e desequilíbrio nas relações de gêneros; pouco espaço para as mulheres. Espiritualidade fraca, intimista e individualista¹⁴⁸.

É irrefutável a importância dessas pesquisas, pois, são oportunidades que possibilitam olhar-se no espelho, oportunidades de diagnosticar onde devem ser direcionados os olhares e a escuta dos sinais dos tempos. “Neste sentido, torna-se urgente um testemunho de amor fraterno muito eloquente, que ajude a superar os escândalos da divisão existente entre os seguidores de Jesus através do respeito, do diálogo e da profunda conversão a Cristo...”¹⁴⁹. Escutar é uma arte que nem todos sabemos vivenciar, mas é condição essencial para um diálogo maduro sobre os valores singulares da vida. Não pode haver vivência espiritual se não houver uma audaciosa escuta daquilo que Deus tem para o homem. E como bem contribuiu Paulo Freire (1997):

Escutar é obviamente algo que vai além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias.¹⁵⁰

Se quisermos atingir e responder aos ideais cristãos, a Igreja deve escutar para buscar meios adequados e dialógicos para ajudar a fazer de nossas comunidades lugares onde a fé e a vocação se desenvolvam e amadureçam. Mas também de fazer com as novas gerações assumam de maneira madura e convicta o papel que lhe cabe e ajudem a melhorar essa estrutura tão desafiadora a partir de suas convicções, adesões e vivência coerente de sua fé, para que as situações diagnosticadas acima

¹⁴⁸ Novas Gerações e vida religiosa/ Pe. Márcio Fabri dos Anjos (Org) – Aparecida, Sp: Ed. Santuário, 2004, p.42

¹⁴⁹ cf DGAE 2019-2023, nº 20

¹⁵⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. - São Paulo: Paz e Terra, 1997, p.133.

não se repitam na medida que vão amadurecendo. As novas gerações precisam ser fermento que animam as comunidades, agentes de transformação do mundo e no mundo.

Uma das características mais fortes da adesão a Jesus Cristo é a esperança. Da mesma maneira que a juventude responde aos desafios para sua permanência nas comunidades nesta pesquisa, uma outra pergunta se fez sobre aquilo que anima e leva os jovens a optarem pela Vida Religiosa, mas que podemos estender a toda estrutura religiosa. As respostas também foram inúmeras:

Abertura ao povo e às questões sociais; compromisso com a justiça; ações solidárias; pastorais sociais; profetismo. Opção preferencial pelos pobres. Missionariedade; missão inculturada; novas formas de evangelizar. Abertura ao novo, aos sinais dos tempos. Valorização da comunidade/povo; Igreja “Povo de Deus”; CEB’s; fraternidade entre os membros; ecumenismo. Protagonismo dos leigos e leigas; protagonismo das mulheres; valorização dos dons e carismas e cada pessoa; descentralização do poder. Espaço para os jovens: Pastoral da Juventude; Pastoral Vocacional; participação dos jovens nas pastorais e ministérios; possibilidade de formação. Espiritualidade encarnada; nova imagem de Deus; seguimento atualizado de Jesus Cristo; celebrações vivas e alegres. Testemunhos de padres, religiosos; exemplo dos santos e santas. Renovação Carismática Católica. Valorização da VR e de novas formas de consagração¹⁵¹.

Frei Betto, citando são Domingos de Gusmão, que fez de sua vida uma oferta a Deus, através da pregação da Palavra, faz uma reflexão sobre as 9 maneiras de que este santo tinha para rezar, para se colocar em profunda intimidade com Deus e ele percebe que todas essas maneiras partem de um princípio pessoal, não intimista, mas de uma postura pessoal e de oração, que conseqüentemente o levavam a viver de uma vida comunitária e pastoral com mais afinco.

A oração comunitária é pobre quando não se alimenta da oração pessoal, da mesma forma que está se alimenta da liturgia da oração comunitária, e também (a exemplo da espiritualidade de Jesus) da luta pela justiça, do engajamento com os pobres, do projeto do reino. O compromisso objetivo de mudar esse mundo faz com que abracemos

¹⁵¹ Novas Gerações e vida religiosa/ Pe. Márcio Fabri dos Anjos (Org) – Aparecida, Sp: Ed. Santuário, 2004, p.41.

a exigência de mudarmos a nós mesmos, tudo isso com uma clareza típica da espiritualidade cristã: o mérito é sempre de Deus¹⁵².

Os desafios são inúmeros, mas as potencialidades e motivos para perceber que a ação da Igreja está atingindo uma parcela da juventude e os ajudando a perceber seu protagonismo no mundo. A Resposta para todas essas indagações nunca as teremos neste mundo. Mas a esperança deve ser característica de nossas ações pastorais, de uma espera ativa e de escuta. Escuta dos pobres, dos jovens, escuta fraterna, mas acima de tudo, escuta da voz de Deus que insiste em suscitar em nossas comunidades homens e mulheres dispostos a deixarem tudo para segui-Lo. As comunidades deveriam ser lugares “sem portas”, no sentido de que todos poderiam entrar quando dele sentissem necessidade e encontrassem não só portas abertas, mas corações fraternos e abertos a uma acolhida misericordiosa. A comunidade que vive com as portas sempre abertas, é lugar privilegiado de verdadeira indicação para a missão.

2.2 Aspectos da fenomenologia da vocação

A escolha da vocação raramente nasce de um confronto tranquilo e sem conflitos existenciais, mas sua raiz muitas vezes brota justamente da crise, do perguntar-se, do indagar-se e do deixar-se conduzir por uma força maior do que a própria vontade humana. E se a busca pela vivência da vocação nasce de um indagar-se, seu percurso não será diferente, pois, pressupõe estar sempre em posição de escuta da voz que chama e por quais caminho o chama. Se o ser humano busca um sentido para sua existência e entende que esse sentido se dá no encontrar-se como pessoa, como ser criado e sobretudo como filho de Deus, então há sim uma grande necessidade de uma identidade vocacional que situa esse homem no lugar que Deus quer que ele esteja. Uma relação de confiança, de diálogo aqui se faz de suma importância.

¹⁵² BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*/ Leonardo Boff, Frei Betto. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.132-133,

Se o chamado é ação de Deus, o chamado é também o que se impõe na vida do ser humano, como a primeira palavra pronunciada sobre ela, como aquilo a que cada um deve obediência, ainda que totalmente implícito, é que foi iniciada a vida de cada um de nós, obediência com a qual aceitamos também tantas condições ligadas à vida que nos era dada¹⁵³.

Não é mais novidade estabelecer uma linha íngreme de valores e até mesmo da necessidade de compreendermos a natureza do chamado de Deus à resposta do homem. Se Deus chama, chama alguém que em suas respectivas potencialidades se prontifica a atender ou não a esse chamado. Uma relação que se não houver intimidade e total liberdade de quem é chamado não tende a amadurecer. A V Conferência de Aparecida (2007) enfatiza esta alegria como fruto que contraria o egoísmo, mas que se desdobra nas palavras e nas obras, continua o documento:

alegria é um antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio alegria é um antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa poder receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria.¹⁵⁴

Fazendo um paralelo entre as palavras de Jesus sobre a oração e que quando quisermos falar com Deus devemos entrar em nossos quartos de portas fechadas sem grandes alardes, hoje vemos que Papa Francisco impulsionar os jovens e as jovens a gritarem para o mundo inteiro ouvir as maravilhas que Deus tem feito em suas vidas e que vale a pena deixar-se contagiar pela alegria do Cristo Ressuscitado. Um sinal visível de quem se realiza na vivência de sua vocação é justamente a alegria com a qual vivencia essa relação.

Algumas relações e conceitos não podem ser vivenciados sem que estejam alinhados na mesma profundidade e essência como; chamado e resposta, seguimento

¹⁵³ CENCINI, Amedeo. *Construir cultura vocacional*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 31. (Coleção Pastoral Vocacional).

¹⁵⁴ Cf. DAp, nº 29.

e radicalidade; obediência e liberdade; vocação e santidade; amor e verdade; anúncio e Boa nova; denuncia das injustiças; oração e vida em comunidade; pés na realidade e olhos na Palavra de Deus; coragem e ouvido atento; discipulado e missionariedade, assim como tantos outros. Não pode haver dicotomias entre a prática dessas virtudes. Não há vocação “acertada” sem intimidade com Jesus Cristo e conseqüentemente, não haverá vocações se não houver uma comunidade orante e que trabalha para o seu cultivo, principalmente no seio das famílias, pois sabe que é do seio da família que brotam as vocações.

2.2.1 Paul Ricoeur – chamado resposta

O desenvolvimento desta temática entre chamado e resposta deve partir de uma releitura fenomenológica sob a luz do sentimento de pertença à uma economia do dom, com sua lógica de superabundância, pois aquele que chama, chama por amor e aquele que é chamado corresponde a este amor com sentimento de acolher a voz que o chama. Malheiros (2019), ao citar Ricoeur, sobre a economia do dom ou da dádiva, diz que: “afigura-se a essa ideia, enquanto reconhecimento da presença de um outro a quem se dá sem nada pedir em troca”. E segue dizendo que o “homem é naturalmente um ser social. Ele só “é” depois de um longo processo de convivência, relações e de reconhecimento com o outro. Por meio desse processo de consciência da alteridade, adquire sua identidade”¹⁵⁵. Em Ricoeur, entende-se alteridade como “a análise do outro, a relação de interdependência dos indivíduos, é admitir que o próximo é a constituição de si mesmo”¹⁵⁶

O conceito de dádiva ou dom para Ricoeur, tem a ver com completude, original, gratuita e acima de tudo reconhecer o outro de forma recíproca, mas sem necessariamente esperar retribuições. Malheiros (2019) diz que “Ricoeur, ressalta que o funcionamento do dom está na relação entre doador e receptor. É na relação que se desdobra o reconhecimento tácito simbolicamente figurada pelo dom.

¹⁵⁵ MALHEIROS, Thomaz Budavari. *Economia do dom*. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 92.

¹⁵⁶ FASANO, Ettore Murbach. *Ética*. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 107.

Não podemos negar jamais que essa relação é construída a partir de uma relação dicotômica, e por vezes numa angustiante mistura de sentimentos, que implicam gradualmente nas decisões e opções de vida. O deixar-se afetar por esse Outro (Deus) não quer dizer necessariamente ter todas as respostas para as suas mais profundas indagações, embora grande parte dessas indagações assumem posição de expressão de fé, quando ainda não vemos, mas cremos que é possível. Não temos as respostas, mas sabemos que em Deus as encontraremos e mesmo que não as encontremos, em Deus nossa vida está segura e garantida.

A religião por sinal, pode-se dizer que é o campo na qual as vocações se pontuam para uma realidade que transcendem o campo da religiosidade estrutural, logo que nossa resposta vem de Deus e é a Ele que responderemos do mais profundo do nosso ser, pois, é uma relação que vem do alto e se estabelece na concretude de uma obediência por amor, ou como afirmado por Ricoeur “A resposta religiosa é obediente, no sentido forte de uma escuta na qual é reconhecida, admitida, confessada a superioridade, entendamos a posição de Altura do chamado”¹⁵⁷. Para ele, uma obediência ativamente missionária. Essa relação estabelecida pelo viés da religiosidade, de início para muitos passa a ter inúmeras definições e interpretações ou como cita Ricoeur:

No início trata-se para a maioria de um caso de nascimento, para outros da eventualidade de uma conversão; nesse meio tempo, a contingência se transforma em escolha pensada, para culminar em uma espécie de destino, batendo como o seu sele a compreensão global dos outros, de si mesmo e do mundo, sob o signo da recepção da Palavra de um Outro, recolhida em seus traços históricos e mediatizada por longas correntes de interpretação.¹⁵⁸

O amor cristão é missionário, por isso, é em todas as suas instâncias um sair de si para um outro, uma postura de estar sempre em saída. Mesmo para Ricoeur, o amor é uma disposição prática, além de si mesma, embora esteja pautado no afeto, não se restringe a ele, percebe a diferença. “O amor não se limita a desenvolver em torno de si toda essa variedade de afetos à maneira de um vasto campo de gravitação,

¹⁵⁷ RICOEUR, Paul. Leituras 3: Nas fronteiras da Filosofia. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996. p, 167.

¹⁵⁸ RICOEUR, Paul. Op. Cit., 1996. P, 173.

mas cria entre eles uma espiral ascendente e descendente que ele percorre nos dois sentidos”¹⁵⁹.

Para isto a Sagrada Escritura assume grande importância do sentido do que é, justamente a Palavra de Deus quem molda o coração humano, a vida humana, por isso, o homem é capaz de dar conta de seu chamado, pois, é Deus quem o sustenta, envia, e fala através dele. Segundo Ricoeur (2019), “Deus é significado como a voz do Outro, por detrás da voz do profeta. Deus aparece na primeira pessoa como aquele que se dirige ao profeta que, ele próprio, fala na primeira pessoa”.¹⁶⁰ O agir de Deus antecederá sempre o agir humano, assim como seu elo motivacional, o mesmo Deus que chama o homem é o mesmo Deus que sustenta esse homem em caminho pressuroso. O alfa de todo relacionamento estabelecido, aquela voz que fala no mais profundo da existência humana.

O autor amplia a reflexão sobre o chamamento, usando como terminologia “Si mandatado”, que corresponde a uma “relação de homologia paroxística com a estrutura geralmente dialogal da relação entre Palavra ativa de Deus e a resposta recalcitrante dos humanos. Essa relação estabelecida entre ambos, segundo Ricoeur se constrói em algumas fases: “A primeira fase dessa estrutura é a *confrontação* com Deus; ela adquire em certos relatos uma amplitude considerável. ‘Sarça ardente’ para Moisés, teofania no templo para Isaías, visão do ‘carro do Senhor’, depois do livro oferecido para ser devorado – no sentido literal da palavra – em Ezequiel”¹⁶¹. São inúmeros os relatos das mais diversas experiências vocacionais o fator do confronto, entre o que humanamente se ganha ou se perde, entre segurança do que se tem e onde se vive e a insegurança para onde será enviado, e também a confrontação das motivações pessoais a e vontade de Deus.

Na segunda fase, a ação de Deus precede a ação humana, Deus sempre é aquele que toma a primeira iniciativa e que se antecede a qualquer ação humana. Ricoeur caracteriza essa fase como “*Introdução*” que se anuncia como autodesignar na primeira pessoa como a própria fonte de fundação e de autenticação do eu

¹⁵⁹ RICOEUR, Paul. Amor e Justiça. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019. 2ª ed. p. 12.

¹⁶⁰ RICOEUR, Paul. *Op. Cit.*, 2019, p.58.

¹⁶¹ RICOEUR, Paul, *Op. Cit.* 2019, p. 80-81

profético. Deus mesmo se anuncia, antes de chamar: ‘Eu sou o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’ (Êxodo 3, 6)¹⁶². Essa confrontação não pode esvair-se de uma reflexão que parta da certeza de que a origem de todo chamamento é Deus.

A terceira fase, segundo Ricoeur está relacionada ao envio. Deus é aquele que envia, o profeta é enviado em nome de Deus e por Deus. “A palavra decisiva pode então ser pronunciada: ‘eu te envio’, ‘vai...e dize-lhes’. Essa palavra instaura a identidade mesma do enviado, muitas vezes chamado por seu nome, mas sempre singularmente designado”. A quarta fase do contexto da “*objeção*” fase esta vivenciada por quase todos os exemplos que temos na Sagrada Escritura, onde as desculpas, medos e vontade de esquivar-se começam a fazer parte do itinerário vocacional destas pessoas. O autor continua sua reflexão apontando para a última fase deste trajeto, o da “*reafirmação*”, onde através da relação dialogal, Deus se coloca ao lado, supre as carências, fortalece a coragem e garante que falará por eles; “Eu estou contigo”, dito a Moisés (cf. ex. 3,12)¹⁶³.

Essas fases apontadas por Ricoeur se torna ponto de partida para entendermos essa relação de chamado e resposta. Há sempre uma voz que chama e sempre alguém que escuta a essa voz, embora aquele que escuta nem sempre consegue compreender tal chamado, pois essa relação está perpassada pelo mistério da fé. Confrontar-se com Deus, sempre foi uma posição de todos aqueles que na sagrada Escritura foram chamados. Por exemplo: Maria mãe de Jesus ao ser chamada, se coloca na posição de perguntar ao anjo Gabriel “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” (Lc 1, 34) e de fato o anjo vai lhe ao encontro revela que será por obra de Deus.

A ação de Deus que antecede a ação humana está bem explícita em todos os exemplos de chamados que conhecemos, é sempre Deus que de alguma forma ou outra procura se revela ao homem. Ao reconhecer a voz que chama, a pessoa é enviada, não em seu nome, mas em nome de Deus. Os medos e as inseguranças de quem é chamado não ficam isentos dessa relação, mas Deus reafirma sua vontade,

¹⁶² RICOEUR, Paul. Op. Cit., 2019, p. 82

¹⁶³ RICOEUR, Paul. Amor e Justiça. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019, p. 82 – 83.

sua presença, seu agir através da pessoa e lhe dá segurança de que Ele estará com eles até o fim.

O profeta chamado por Deus, é devolvido ao povo, para que anuncie, pregue e denuncie. O profeta, embora retirado do meio do povo, continua sendo povo, mesmo que isso implique um lugar de destaque que a própria dimensão do chamado lhe confere. Nisto Ricoeur destaca que “o chamamento o distingue da comunidade do povo e o constitui em exceção...: o envio liga-o novamente ao povo: “Vai e dize-lhe”. O momento isola, o envio liga”¹⁶⁴.

Discipulado e profetismo são marcas expressivas de quem se coloca no seguimento de Jesus Cristo, consequentemente a prática da justiça é critério para um anúncio seja profético e libertador. Os discípulos de Jesus Cristo são os primeiros a vivenciarem a justiça no exercício de seu ministério. Algo que nunca poderá ser esquecido é que a profissão da fé nunca poderá ser desvinculada da prática da justiça, assim como a relação existencial nunca poderá ser desvinculada do Deus que chama e do homem quem responde.

Relação fácil de ser compreendida? Nem tanto! Mas uma coisa é certa, Deus sempre está ao alcance daqueles e daquelas que no caminho reconhecem que são necessitados de sua graça. O cego que não quer ver, o surdo que não quer ouvir, jamais poderão reconhecer as maravilhas que Deus pode realizar na vida de quem fora vocacionado. Contemplar a ação de Deus pressupõe um querer humano, um desejo das entranhas em deixar-se seduzir e conduzir pelo Senhor.

Paul Ricoeur, citando Santo Agostinho na obra *De Magistro*, escolhe como ponto de sua reflexão a relação com o Mestre Interior, como aquele que ensina, que e se relaciona, pois para ele essa figura se “constitui um marco significativo no caminho da interiorização da relação de correspondência entre o polo divino do chamamento e o polo humano da resposta”¹⁶⁵. O autor segue, utilizando dessa iconografia para alinhar essa relação que se estabelece entre a voz de Deus que chama e o discípulo que responde. Faz uma reflexão sobre a iconografia de Agostinho e seu método desenvolvido para orientar seu filho Adeodato. Uma relação de alguém

¹⁶⁴ RICOEUR, Paulo. Amor e justiça. Op. Cit., 2019, p. 84.

¹⁶⁵ RICOEUR, Paul. Amor e Justiça. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019. p, 88.

que ajuda o outro a descobrir a verdade ou o ensinamento que já existe dentro de si mesmo, a partir de um processo de “iluminação interna” ou como diz o próprio Ricoeur. Assim, Jesus “é o mestre interior, que consultamos quando descobrimos em nós a verdade da ordem inteligível”¹⁶⁶.

A luz que iluminando seu caminho, dá a ele condições de acolher a palavra. Contemplar a verdade ensinada é o que estabelece a “descoberta de uma verdade interior. Esta descoberta também merece o nome de ensinamento interior”¹⁶⁷. O Mestre interior é o próprio Cristo, é a Palavra e a própria Luz. A transformação interior, cuja consequência é o testemunho é ponto chave para entendermos o processo de continuidade que Deus da nesta relação do chamado. Nisto Kang, ao citar Ricoeur diz que;

Sua hermenêutica do testemunho nos surpreende porque há evidências de que Deus, em sua generosidade, entrou e entra a história dos homens em um processo contínuo, considerando-a sua, deixando-nos profundamente emocionados frente ao seu amor gratuito, que resulta em uma economia do dom e na prática de amor incondicional.¹⁶⁸

Para Paul Ricoeur, segundo Cavaleiro (2019), Jesus Cristo é um acontecimento histórico, sua figura está inserida na hermenêutica do testemunho, da relação de Deus e os homens. [...] “Jesus de Nazaré apresenta-se como sabedoria paradoxal, dialética e semântica, entre escândalo e sabedoria, entre loucura e Kénosis”. O autor continua a dizer que para Ricoeur, “o nome de Jesus é um curto-circuito de sentindo e de acontecimentos”. Fato que o nome de Jesus não remete somente à uma pessoa no sentido meramente existencial, mas ontológico e antropologicamente, mas tudo o que esse nome condensa, envolve, questiona e faz pensar. Jesus é um projeto de vida que reconhecido pela sua comunidade e é a experiência que essa comunidade faz D’ele que a leva a dar testemunho de Seu nome.

¹⁶⁶ RICOEUR, Paul. Op. Cit. 2019, p. 91

¹⁶⁷ RICOEUR, Paul. Op. Cit. 2019, p. 91-92.

¹⁶⁸ KANG, Yerem. Revelação. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 258.

Para Ricoeur “Jesus Cristo é a fonte de perdão e sua nomeação por Deus constitui toda a densidade da profissão de fé de sua comunidade”¹⁶⁹. Quando Ricoeur, faz uma alusão ao objeto amado que tem seu valor aumentado por causa de quem o ama, podemos perceber que na relação chamado e resposta, Deus é quem exalta o valor da pessoa humana e a insere dentre de uma dinâmica de eleição, seno assim, o homem só assume significado devido ao amor que Deus nele deposita.

Essa relação dinâmica tem sua origem unicamente em Deus, pois só Deus pode propor ao homem uma garantia de realização plena de si, desde esta vida terrena à vida eterna, mas somente a pessoa chamada pode responder livremente a esta proposta por si mesmo. Neste sentido, o arcebispo do Rio de Janeiro, o cardeal Dom Orani Tempesta, por ocasião do mês das vocações no ano de 2018 diz que:

Somente Deus pode arrogar-se o direito de nos propor um destino que toca a nossa vida toda. Somente Deus tem esta força imperiosa capaz não somente de nos atrair, mas de capacitar-nos a dizer sim e perseverar neste chamado por toda a nossa vida, não estaticamente, mas crescendo no nosso “sim” a cada desafio sempre maior. Da mesma forma, somente a pessoa chamada pode, livremente, acolher o chamado, e se dispor a ir aonde a força do chamado a atrai e impele a concretizá-lo. Por isso, na vocação, tanto o chamado como a resposta são de fundamental importância. Não podemos criar um chamado que Deus não nos fez, e, do mesmo modo, ninguém pode responder ao chamado por nós a não ser nós mesmos, que, livremente escolhidos, livremente podemos dizer “sim”¹⁷⁰.

Sendo assim, chamado e resposta são duas relações que se configuram na medida que o amadurecimento na fé e a convicção da origem deste chamado se dão. Quanto mais a pessoa experimenta desse amor único da parte de Deus, tanto mais começará a dar testemunho dessa experiência salvadora, a fim de que através do serviço aos outros a vivência da vocação vá se aprofundando. O amor sempre é um princípio prático, ético, ou como cita Ricoeur, *o amor é supraético*, transborda a prática e na prática. A justiça acompanha o amor, assim, como o amor é seu guardião.

¹⁶⁹ CAVALEIRO, Renan Maschio. Jesus Cristo. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 163, 164.

¹⁷⁰ TEMPESTA, Orani. Vocação, resposta do homem a Deus/CNBB. (página da CNBB). Redação 16.08.2018. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/vocacao-resposta-do-homem-a-deus/> acesso em 17.12.2020.

2.2.2 Jean Luc Marion: O testemunho como resposta à vocação

A Revelação de Deus é um acontecimento, que embora histórico, ultrapassa os limites da compreensão humana e excede toda concepção científica. De certa maneira revela uma dimensão desconcertante para que o próprio homem a assimile simplesmente por seu intelecto, pois, como Deus sendo Deus se permite deixar-se tocar e se inclina a ponto de se colocar no lugar do próprio homem e como homem?

Ao analisar as contribuições trazidas por Marion, Xavier (2020) aponta que “a experiência que o homem faz de sua realidade existencial está marcada por uma dimensão de gratuidade, que se caracteriza como doação”¹⁷¹. Fazendo um paralelo com a dinâmica do chamado e resposta, doação e gratuidade são a essência dessa dinâmica relacional. Deus cria o homem e a mulher na gratuidade, os salva na gratuidade, os chama na gratuidade e conseqüentemente a vivência vocacional deste homem deve ser uma experiência de doação de si à um Outro ou aos outros tantos irmãos e irmãs. Justamente o amor que se estabelece entre Deus e o ser criado é que faz com que sua resposta seja alicerçada gratuidade.

A concepção teológica ou experiencial que se tem de Deus é fator imprescindível para que o homem construa pilares que sustentem sua vocação, assim como solidifique sua concepção e decisão pelo Reino de Deus que se faz realidade no aqui e agora. Deus é puro amor e pura doação de si ao homem, seu ser não está vinculado ao tempo e ao espaço, muito menos pautado numa filosofia da retribuição. Quanto maior a clareza, quanto mais profunda a intimidade e o conhecimento dialógico da relação com Deus, tanto maior se fará a necessidade de um testemunho concreto e até mesmo escatológico de sua existência, logo que a eternidade é uma “promessa” feita por Jesus ao homem, objetivando a esperança como objeto de sua ação.

Dentro do contexto eclesial, assim, como teológico, o testemunho é uma instância cada vez mais notável para que o cristianismo seja evidenciado no decorrer dos tempos. Muitos que se deixam chamar ou fascinar pela mensagem do Evangelho,

¹⁷¹ MARION, Jean Luc. In: XAVIER, Donizete José (Org.). *O testemunho como linguagem do indizível. Um objeto inobjeto e sua jurisdição de possibilidades a partir da fenomenologia de Jean-Luc Marion*. Teoliterária V. 10, nº 21. São Paulo: PUC, 2020.

os fazem mediante exemplo de tantos outros que se colocaram *a priori* neste peregrinar, sem reservas. Testemunhar Jesus Cristo neste contexto é expressão ápice do usufruto do dom da liberdade, e ao mesmo tempo uma forma de responder à um chamado que secularmente parece não fazer sentido. Cremos que nisso se dá a perspectiva do Mistério; se tornar servo sem ser escravo privado de sua liberdade, doar-se por completo sem necessariamente perder-se em um aglomerado de fatos, um paradoxo talvez, perder-se inteiramente para deixar-se encontrar completamente.

Fazendo um paralelo com Paul Ricoeur, Kang (2019) aponta o testemunho como um compromisso vital que se desdobra na prática diária, que embora seja uma concepção interior se externaliza pelos atos e ações, através de comportamentos e princípios. Compromisso eticamente concreto decorrente da experiência que se tem com o Absoluto.

A significação ética do testemunho inscreve-se desde uma liberdade que se extravasa a uma liberdade que se torna expressividade da verdade contida no testemunho. Disso decorre que essa verdade não pode ser relativa, muito menos identificada como qualquer tipo de ideologia. Ela não passa pelos vieses das convicções científicas, das estruturas e modelos políticos, muito menos pelas facções e fanatismos religiosos. A verdade que se impõe no testemunho é uma razão e um sentido que emanam da experiência do Absoluto¹⁷².

Pode-se afirmar sem margem de erro que é o testemunho convicto e alegre dado por aqueles que acreditam em algum propósito específico ou em alguém, é que lhe imprime caráter de verdade. A proposta de Jesus desde sua origem passa essencialmente pelo testemunho, pela prática, pela experiência. O “Vinde e vede” (Jo 1,39); “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13, 35), são oportunidades de uma experiência concretizada na vivência, na luta e no comer juntos. Mesmo o episódio pós pascal com Tomé (cf Jo 20, 27), passou pela experiência do tocar, do deixar-se convencer através da concretude de uma ação, do ver, tocar e sentir suas chagas e marcas dos pregos. Tomé quis sentir para depois anunciar aquilo que muitos iriam ver pela fé. Experimentar e testemunhar neste contexto tem conotação de sinônimo.

¹⁷² KANG, Yerem. Testemunho In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 281-282.

O testemunho antes de ser um discurso passa necessariamente pela transformação interior do discípulo e da discípula, por isso, tem a verdade como eixo norteador, “conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará” (Jo 8, 32). Justamente pelo homem ser dotado de liberdade, quando convicta, a doação se torna característica essencial do processo vocacional, na dinâmica relacional entre chamado e resposta.

Se voltarmos o olhar para a história do cristianismo e conseqüentemente para a história da Igreja, vemos inúmeros e belíssimos testemunhos de vida, que à partir de um encontro pessoal com Jesus Cristo fizeram de suas vidas uma oportunidade para que o Reino de Deus aconteça e se difunda através da colaboração humana. Dentro da dinâmica dos testemunhos há aqueles que dependendo dos contextos e circunstâncias históricas, elevam o testemunho à supremacia do martírio. A vida pela fé, ou o fim da vida terrena, precoce muitas vezes, pela luta e o direito de professar livremente sua fé em Jesus Cristo, não só, mas fazendo com que a sociedade se reestruture sob à luz do Evangelho. Os mártires sempre foram presença marcante mesmo antes do cristianismo. Recorda-se aqui o épico episódio entre Abel e Cain (cf Gn 4, 9)), onde por ciúmes ou inveja, Cain fere de morte seu irmão Abel, mata-o de duas maneiras; a vida de Abel passa a não ter valor diante do que interessava a Cain, por isso, a morte física fora consequência.

Pode-se afirmar sem sombra de dúvidas que as raízes do cristianismo foram regadas com sangue, de tantos homens e mulheres despojados de si, entregaram tudo de si a Deus sem se importarem com as consequências. O próprio Jesus sofreu seu martírio de cruz, na cruz e pela cruz, humilhado, marginalizado, flagelado, coroado de espinhos e tendo seu lado perfurado por uma lança.

Em uma época cerceada pelo medo, pelo pânico, pelas síndromes, ainda vemos mártires atuantes na sociedade; padres, religiosos, religiosas, leigos e leigas de todas as cidades e de diversas localizações sendo mortos por simplesmente professarem abertamente sua fé ou lutarem contra as estruturas de morte que visam a materialidade da vida de uma minoria, que se alimentam da dor e do sofrimento de muitos. Salva-se aqui as palavras do Evangelho “Felizes aqueles que forem perseguidos por causa de meu nome” (cf Mt 10, 22). Pessoas perseguidas por serem cristãs resgatam as perseguições dos primeiros cristãos. O sofrimento causado à carne de tantos irmãos e irmãs culminam no sofrimento à carne do próprio Filho de

Deus. O martírio, por sua natureza, associa o cristão ao próprio Cristo, a configuração de sua carne, que age, atua e se perpetua na história.

O martírio não é diretamente uma escolha do cristão, mas para muitos consequência de suas escolhas. Não se trata aqui de um desfazer da vida por estarmos saturados deste mundo por vezes, apático ao sofrimento de tantos e tantas, mas é uma relação de amor, de um coração puro, entregue, do amor como princípio de sua existência ou como afirmar Xavier (2020) citando Marion;

[...] uma decisão existencial não teria algum valor se ela não se escrevesse numa lógica de amor [...], onde aquele que confessa que Jesus é o Senhor, prega, portanto, um ato de amor [...]. Sem dúvida essa confissão torna incoativamente ordenada a caridade¹⁷³.

Mais uma vez vemos que nada no cristianismo foge da esfera do amor e da verdade. É o amor que faz com que o testemunho de alguém chegue ao martírio extremo. Kang, ao trazer-nos Ricoeur, diz que “Um homem converte-se em mártir quando se torna testemunha até as últimas consequências da exposição de sua liberdade [...] Neste sentido, ‘o martírio não é um argumento, nem ao menos uma prova, é um pôr à prova uma situação limite¹⁷⁴.”

O testemunho é uma forma de tornar a Palavra de Deus dita através daquilo que não se consegue ser dito através das palavras humanas. Tão grande é o mistério que envolve essa relação, que só pode compreendê-lo aquele ou aquela que faz a experiência concreta Daquele que é anunciado, neste caso o próprio Filho de Deus. Para Xavier (2020):

Situar o testemunho na lógica do indizível é reconhecê-lo como um dos traços constitutivos da linguagem humana, pois, na linha do fenômeno, o testemunho possui em si um grau de performatividade que a palavra por si mesma seria incapaz de expressá-lo. Uma linguagem performativa é aquela que se vincula à auto implicação por parte de Deus como o ser humano e do ser humano com Deus. O testemunho é linguagem indizível da fé, cuja liberdade se extravasa à uma

¹⁷³ MARION, Jean Luc. In: XAVIER, Donizete José (Org.). *O testemunho como linguagem do indizível. Um objeto inobjeto e sua jurisdição de possibilidades a partir da fenomenologia de Jean-Luc Marion*. Teoliterária V. 10, nº 21. São Paulo: PUC, 2020.

¹⁷⁴ KANG, Yerem. Testemunho. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 281.

liberdade que expressa a verdade contida no interior do testemunho.¹⁷⁵

O testemunho por sinal, alavanca o seguimento, dá credibilidade ao anúncio proferido por quem o faz, estabelece um vínculo hermenêutico entre o que é dito e sobre quem é anunciado por esses discursos, mas acima de tudo, objetiva a presença concreta de um Deus que age na história. O martírio pode não ser um quesito obrigatório para o seguimento radical à Jesus Cristo – embora devemos todos estar dispostos a - mas o testemunho é a essência de quem o anuncia “Vimos e por isso damos testemunho”. A vocação instiga o seguimento no desejo da radicalidade do Evangelho, da liberdade doada como dom, ao testemunho pessoal e comunitário, insisto, testemunho alegre e por fim, ao martírio como uma última e definitiva declaração de amor indizivelmente pelas palavras, por isso, a necessidade da morte e do sacrifício oblato da carne.

2.3 Hermenêutica das vocações

Resgatar o sentido das vocações pressupõe resgatar algumas realidades essenciais para a vivência da mesma. Não há vocação “acertada” se não for vivenciada na liberdade e com liberdade. Muitos menos liberdade sem que antes o amor tenha alcançado o vocacionado. E se não há liberdade sem amor, também é fato que não há amor sem a prática da justiça. Ser cristão é uma totalidade de ações conjuntas que tornam concreta a realização do Reino de Deus. O documento da V Conferência de Aparecida (2007) cita que:

Proclamamos que todo ser humano existe pura e simplesmente pelo amor de Deus que o criou, e pelo amor de Deus que o conserva em casa instante. A criação do homem e da mulher à sua imagem e semelhança é um acontecimento divino de vida, e sua fonte é o amor fiel do Senhor. Por conseguinte, só o Senhor é o autor e o dono da vida, e o ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde a sua concepção, em todas as etapas da existência, até a sua morte

¹⁷⁵ MARION, Jean Luc. In: XAVIER, Donizete José (Org.). *O testemunho como linguagem do indizível. Um objeto inobjetével e sua jurisdição de possibilidades a partir da fenomenologia de Jean-Luc Marion*. Teoliterária V. 10, nº 21. São Paulo: PUC, 2020, p. 206-226.

natural e depois da morte. O olhar cristão sobre o ser humano permite perceber seu valor que transcende todo o universo.¹⁷⁶

Os discursos religiosos ajudam a criar a consciência moral e ética diante do mundo em que se vive, mas são as práticas das virtudes cristãs que dão credibilidade a estes discursos, que os transcendem. “Com efeito, como o corpo sem o sopro da vida é morto, assim também é morta a fé sem obras” (Tg 2,26). Isso é uma verdade inegável e irrefutável, pois nenhum cristão é chamado para o nada, mas sim para algo, para um agir, para um outro. Não se consegue ser cristão autêntico sem um autêntico compromisso com a vida humana, principalmente dos pobres e marginalizados. Rulla (1987) diz que:

A vocação cristã, que se fundamenta no dom do amor por parte de Deus comporta para o homem uma participação, uma atividade do homem que é verdadeiramente humana. Desta atividade, que é realmente do homem, ressaltamos um primeiro aspecto: o da liberdade para amar, que, na vocação cristã, foi convidada a entrar em diálogo de amor com Deus.¹⁷⁷

Aqueles que são chamados por Deus, são chamados para dar voz aos pobres e marginalizados, aqueles que falam em nome de si mesmo, simplesmente não entenderam sua vocação e a tornam somente uma maneira de se manterem seguros e com suas vidas garantidas. Há que necessariamente buscar um sentido maior para a vida humana que se recusa diariamente a aceitar que sua existência se esgote na materialidade do tempo presente. A contemplação de Jesus Cristo auxilia para que essa caminhada árdua encontre sentido de ser, principalmente quando a voz de Deus se dá na voz do vocacionado, que se tornará gradativamente a voz dos mais pobres e marginalizados. Mas intimidade é a chave para que esta relação alcance seu objetivo.

Na fé cristã, a espiritualidade está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar e servir, amar e contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo. Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã. Quando se contempla Deus, percebe-se a beleza do pequeno e do simples, e se educa o olhar para ver as necessidades

¹⁷⁶ Cf. DAp, nº 388.

¹⁷⁷ RULLA, Luigi M. *Antropologia da Vocação Cristã*. - São Paulo: Edições Paulinas, 1987, p.308.

do outro. Somente um olhar interessado pelo destino do mundo e do ser humano permitirá experimentar a dor pela situação que rege a história, mas que é superada pelo amor de Deus que a envolve. Somente contemplando o mundo com os olhos de Deus, é possível perceber o grito que emerge das várias faces da pobreza e da agonia da criação.¹⁷⁸

Ser de Deus sem deixar-se levar pela correnteza dos valores antepostos pela sociedade moderna é um grande desafio para aqueles que presentes na sociedade se negam e render-se a ela na busca por resultados imediatos de auto compensação. Ampliar o olhar sobre a prática da liberdade, sobre a vivência do amor e da justiça é uma necessidade de todo homem e toda mulher que opta pelo seguimento radical à Jesus Cristo.

2.3.1 Liberdade

Liberdade! Quantas vezes ouvimos na história as pessoas gritarem por liberdade, seja ela nas mais diversas concepções e compreensões; liberdade da mulher, liberdade de expressão, liberdade política, liberdade religiosa, liberdade para se ter liberdade, liberdade de ir e vir, liberdade sexual, liberdade de escolha de gênero, liberdade até mesmo de dizer o que se quer sem nenhum escrúpulo ou respeito ao outro. Contraditório, se levarmos em consideração que não pode haver verdadeira liberdade se desrespeitamos a liberdade do outro. Muitos reduzem seu significado a livre arbítrio, ao fazer o que se quer ou quando se quer.

Outros ainda confundem liberdade com libertinagem, oriunda de um narcisismo desenfreado e uma concepção egocêntrica para satisfazer seus desejos a todo custo. O Catecismo da Igreja Católica diz que “A liberdade, é no homem, uma força de crescimento e amadurecimento na verdade e na bondade. A liberdade alcança sua perfeição quando está ordenada para Deus, nossa bem-aventurança ¹⁷⁹ . Definitivamente para os cristãos não pode haver verdadeira liberdade se esta não convergir todo impulso humano para Deus.

¹⁷⁸ Cf. LS, nº 53.

¹⁷⁹ Cf. CIC, nº 1731b.

Hoje esses conceitos de liberdade citados acima, muitos já são garantidos por lei, embora ainda haja grandes debates e dilemas em torno de algumas concepções que se tem de liberdade, mas não é este o foco desta abordagem. Para Comblin (1998) “A vocação para a liberdade é o único absoluto que encontramos na vida. Não procede nem da natureza, nem da corrente de vida biológica, nem de outras pessoas. O seu valor incondicional é a presença de Deus em nós”¹⁸⁰.

Mas o fato é que, liberdade é um dom que Deus deu ao homem, “é o poder baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, ou seja, de praticar atos deliberados”¹⁸¹. Criando-o por amor e para o amor, o criou para a liberdade, fazendo-o dotado de liberdade, mas para uma liberdade que se constrói, se conquista e se torna não só um objetivo, mas uma responsabilidade dentro do plano de Salvação.

liberdade está no agir para se libertar. Esta é a vocação humana: tornar-se alguém, uma pessoa, fazer-se uma personalidade mediante uma luta, um trabalho, uma atividade que consiste em se libertar. A libertação tem uma finalidade: tornar-se mais livre, dar-se a si próprio uma personalidade realmente mais livre. A liberdade é o seu próprio fim, e ela se constrói no decorrer da vida no meio das oportunidades, dentro das vicissitudes de uma existência humana terrestre. Ser livre é criar a sua própria personalidade, algo novo, único, porque não há duas pessoas iguais nem semelhantes, ainda que sejam bilhões.¹⁸²

Só consegue seguir os passos de Jesus Cristo com fidelidade, só se tem a coragem de levantar-se no meio do povo com voz profética aquele que goza de verdadeira liberdade interior. Suprimir a liberdade de alguém é suprimir toda sua ânsia vital. A liberdade é um direito que deve ser garantido pela Igreja para que o anúncio chegue à todos os povos, a todos os países e todas as nações; liberdade de quem anuncia; liberdade para anunciar e liberdade daqueles que aderem a esta proposta de seguimento. Mas a Igreja afirma que “o exercício da liberdade não implica o direito de dizer ou fazer tudo, pois, isso se torna uma ameaça à própria liberdade” (CIC, nº

¹⁸⁰ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 3ª ed. 1998, p. 242 (temas de atualidade)

¹⁸¹ Cf. CIC, nº 1731a.

¹⁸² COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 1998, p.238.

740). São João Paulo II, na Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (1990) sobre a validade permanente do mandato missionário, diz que:

A Igreja, portanto, tem o dever de fazer todo o possível para cumprir a sua missão no mundo e alcançar todos os povos; e tem também o direito, que lhe foi dado por Deus, de levar a termo o seu plano. A liberdade religiosa, por vezes ainda limitada e cerceada, é a premissa e a garantia de todas as liberdades que asseguram o bem comum das pessoas e dos povos. É de se auspicar que a autêntica liberdade religiosa seja concedida a todos, em qualquer lugar, e para isso a Igreja se empenha a fim de que tal aconteça nos vários Países, especialmente nos de maioria católica, onde ela alcançou uma maior influência. Não se trata, porém, de um problema de maioria ou de minoria, mas de um direito inalienável de toda a pessoa humana.¹⁸³

Quando se pensa dimensão vocacional, conseqüentemente pensamos na vocação vivenciada por amor. Só há verdadeiro amor, se houver verdadeira liberdade, caso contrário a relação se constrói de forma desequilibrada, desumanizada e líquida na medida que se desfaz com o passar do tempo. O chamado divino interpela e envolve o ser humano concreto, em sua totalidade e com todas as suas potencialidades a serem exploradas.

Se adentrarmos aos textos bíblicos percebemos desde os primórdios da humanidade a liberdade foi algo grandemente valioso e protegido, mas também fortemente colocado em juízo de valores. No livro de Gênesis, vemos um Deus que dá ao homem tudo o que ele necessita, mas este vê-se tentado a “desobedecer” a Deus, tendo como motivo o desejo de ser detentor do total conhecimento. Não obstante, assumir a culpa pelos seus atos começou a ser um jogo de acusação, o qual Adão acusa Eva, que sucessivamente acusa a serpente (cf Gn 3,1-20). Quando o homem se vê envolto à culpa, perde a liberdade de viver livremente no Paraíso e conseqüentemente livre de sofrimento. Sequencialmente vemos Cain se esquivando da responsabilidade em ter colocado fim à vida de seu irmão Abel, e confrontado por Deus se cala e foge (cf Gn 4, 1-16). Sequencialmente vemos Deus no diálogo com Noé (cf Gn 6, 5-22; 7,1-24; 8,1-22), cuja maldade humana faz com que Deus repense a criação:

Morreu tudo o que tinha um sopro de vida nas narinas. Isto é, tudo o que estava em terra firme. Assim desapareceram todos os seres que

¹⁸³ Cf. RM, nº 39.

estavam em terra firme. Assim desapareceram todos os seres que estavam na superfície do solo, desde homens até animais, os répteis e as aves do céu: eles foram extintos da terra; ficou somente Nóe e os que estavam como ele na arca. A enchente sobre a terra durou cento e cinquenta dias.¹⁸⁴

Tendo como chave de leitura a Manifestação divina na história, as pregações e discursos dos patriarcas e dos profetas, nos escritos Neotestamentários as ações e pregações de Jesus, vemos que todas essas iniciativas tendem para um Reino baseado numa sociedade de liberdade, de respeito e de vida, cujos bens são comuns e distribuídos sem que ninguém passe necessidades. No livro do Êxodo vemos Deus libertando o povo das garras do Faraó (cf Ex 7,1s), ação de um Deus que ama, protege e cuida de seu povo.

As leis tão bem observadas pelos doutores e religiosos do tempo de Jesus eram mais escravizantes do que garantia de vida. Jesus quebra essa lógica dizendo que a lei foi feita para salvaguardar os direitos do homem e não o homem como um ser submisso aos jugos colocados pela observância cega desta mesma lei, principalmente porque para Jesus a lei maior é o amor. Um amor que não aprisiona, que não quer o mal, que tudo desculpa, tudo perdoa, tudo liberta (cf I Cor 13, 4s), pois todos são chamados a amar à Deus na liberdade de filhos; “é para liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao julgo da escravidão” (Gl 5,1).

O texto de Paulo aos Gálatas faz uma recuperação do sentido e de compreensão desta liberdade, fundamentada na caridade; “Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros” (Gl 5, 13). Mais uma vez, vemos o serviço uns aos outros como um desdobramento da dinâmica da opção pelo Reino e até mesmo condição primordial para que essa relação se estabeleça. Pela liberdade o homem tem a oportunidade de após uma breve ou, em alguns casos, longo tempo de reflexão apossar-se de sua ação e agir com retidão, nisso a Igreja diz;

A liberdade faz do homem um sujeito moral. Quando age de forma deliberada, o homem é por assim dizer, o pai de seus atos. Os atos

¹⁸⁴ Cf. Gn 7, 22-24.

humanos, isto é, livremente escolhidos após um juízo da consciência, são qualificáveis moralmente. São bons ou maus.¹⁸⁵

O apóstolo Paulo, até então recém convertido inicia seu ministério de pregação dentro de uma sociedade greco romana, onde o império Romano privava os pequenos e pobres de sua liberdade, por um sistema escravagista que imperava de maneira esmagadora (Cf I Cor 7,21), os fracos como sempre dominados pelos fortes (cf I Cor 7,21), talvez não tão diferente do sistema político atual. Paulo quando se abre ao cristianismo concentra toda a sua pregação no tema da liberdade. Interessante recordarmos que antes de sua conversão, privava os cristãos da liberdade de professarem sua fé e agora se coloca como aquele que encoraja a todos a ficarem “firmes e não se submetam ao jugo da escravidão” (Gl 5, 1a).

Deus sempre se colocou contra toda e qualquer estrutura de manipulação que escravizasse o seu povo, seja ela de qual natureza fosse. Sabia que na tentativa de manipularem o sagrado, automaticamente tentariam passar uma imagem de uma Deus manipulador. Mas ao Deus de Jesus Cristo não se deixa enganar-se e muito menos manipular-se. O próprio Jesus dirigindo-se à multidão e aos seus discípulos disse:

Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quando vos disserem. Mas não imiteis suas ações, pois, dizem, mas não fazem. Amarram fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos nem com um dedo de dispõem a movê-los.¹⁸⁶

É fato afirmarmos que a liberdade sempre foi um dos valores mais caros da sociedade, pois, necessariamente nela esta infusa a essência da própria natureza criada por Deus, que cria para liberdade, que liberta para a liberdade. Não só no sentido do ir e vir, mas neste ir em vir fazendo a experiência de completude. Valentini (2019) ao analisar a Liberdade em Paul Ricoeur, faz uma analogia baseada em 3 etapas reflexivas sendo elas: liberdade política, liberdade econômica e liberdade

¹⁸⁵ Cf. CIC, nº 1749.

¹⁸⁶ Cf. Mt 23, 2-4.

social e pessoal. Segue dizendo que estas liberdades devem ser garantidas pelo Estado.

No que concerne ao conjunto de liberdades que abarcam a vida moderna, entre elas as liberdades sociais, econômicas, políticas e pessoais; é flagrante que se necessita estabelecer um vínculo entre seu exercício e o exercício da liberdade metafísica [...]. O Estado seria o ente último pela efetiva vinculação dessas liberdades práticas à ideia de liberdade individual. Seria, justamente, a forma de canalizar a potencialidade das liberdades individuais ao campo prático e exequível da política, da economia e da própria sociedade. Seria ele em tese, a instituição capaz de assegurar a coincidência entre o querer comum e a liberdade subjetiva.¹⁸⁷

Sendo responsabilidade do Estado a garantia às diferentes liberdades, como já citado no início deste tópico, cabe aqui dizer que a liberdade Religiosa também é um direito garantido por Lei, mas sabemos que ranços históricos com alguns setores sociais querem fazer com que a Igreja caiba dentro de seus moldes e flexibilize seus princípios e quando isso não acontecem, retalhações e perseguições aos cristãos privam-nos da verdadeira liberdade. Episódios infelizmente cada vez mais comuns e que se fazem presentes nas grandes mídias são as invasões aos templos, incêndios causados aos espaços sagrados, interrupções durante as missas com proibições infundadas, atentados com bombas, mutilações daqueles que defendem sua fé, sequestros de autoridades religiosas e acima de tudo a blasfêmia contra a ação evangelizadora da Igreja.

No uso de qualquer liberdade deve respeitar-se o princípio moral da responsabilidade pessoal e social: cada homem e cada grupo social estão moralmente obrigados, no exercício dos próprios direitos, a ter em conta os direitos alheios e os seus próprios deveres para com os outros e o bem comum. Com todos se deve proceder com justiça e bondade.¹⁸⁸

A liberdade religiosa ainda é sim um problema na atual conjuntura. A declaração sobre a Liberdade religiosa, *Dignitatis Humanae* (1965) nas Palavras de Paulo VI, coloca-a como um mover do Espírito Santo que sopra onde quer e usa de

¹⁸⁷ VALENTINI, Renato Bulbaarelli. Liberdade. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p.184-185.

¹⁸⁸ Cf. DH, nº 7.

homens e mulheres que tenham a coragem de irromper barreiras, mas que também compreendam que essa liberdade é um ato de fé. Nisto a Igreja diz:

[...]acerca do direito do homem à liberdade religiosa funda-se na dignidade da pessoa, cujas exigências foram aparecendo mais plenamente à razão humana com a experiência dos séculos. Mais ainda: esta doutrina sobre a liberdade tem raízes na Revelação divina, e por isso tanto mais fielmente deve ser respeitada pelos cristãos. Com efeito, embora a Revelação não afirme expressamente o direito à imunidade de coação externa em matéria religiosa, no entanto ela manifesta em toda a sua amplitude a dignidade da pessoa humana, mostra o respeito de Cristo pela liberdade do homem no cumprimento do dever de crer na palavra de Deus, e ensinar-nos qual o espírito que os discípulos de um tal mestre devem admitir e seguir em tudo. [...] A liberdade religiosa na sociedade é de modo especial plenamente consentânea com a liberdade do ato de fé cristã.¹⁸⁹

Gozar da mais tenra liberdade é um ato de fé, pois, somente quem tem verdadeira fé é capaz de viver sua liberdade como um serviço ao Deus que o libertou. A força motivadora de se buscar a liberdade como dom, é justamente o amor. A liberdade tem sua origem na Revelação de Deus, que sendo livre quer livre o seu povo.

2.3.2 Amor

É interessante sempre frisar que toda ação originária de Deus tem como fundamento e metodologia o amor, que é também o centro e motor que rege o cristianismo durante a história. Nada foge dessa relação íngreme e fundamental para qualquer opção de seguimento. Para Comblin (2004);

O cristianismo tem seu centro no amor. Todo o resto tem utilidade à medida que caminha para o amor. Tudo o que existe nas religiões pode ser expressão de um desejo de aproximação de Deus, mas não faculta o conhecimento de Deus, porque Deus é amor e quem não ama não sabe o que é o amor e, portanto, não sabe o que é Deus. Não se pode conhecer a Deus apenas meios intelectuais, nem por experiências puramente espiritual, mas, para conhecê-lo, há necessidade de experiência humana completa. Deus é indizível, está acima de qualquer palavra, mas pode ser conhecido no amor.¹⁹⁰

¹⁸⁹ Cf. DH, nº 9.

¹⁹⁰ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2004, p.141.

Amor e verdade são sinônimos na fé. Não pode haver Amor sem Verdade e nem Verdade sem Amor, tanto porque o amor e a verdade têm a mesma conotação e significado, o próprio Jesus Cristo. Papa Francisco na Carta Encíclica *Lumen Fidei* (2013) diz que:

Sem o amor, a verdade torna-se fria, impessoal, gravosa para a vida concreta da pessoa. A verdade que buscamos, a verdade que dá significado aos nossos passos, ilumina-nos quando somos tocados pelo amor. Quem ama, compreende que o amor é experiência da verdade, compreende que é precisamente ele que abre os nossos olhos para verem a realidade inteira, de maneira nova, em união com a pessoa amada.¹⁹¹

No tocante da fé não existe um amor platônico, mas sim, amor concreto, palpável e por ser palpável, sentido e vivenciado no dia a dia. Entender o amor como um princípio de toda ação e sua relação estabelecida na fé é imprescindível. Uma regra de vida determinante é justamente; Amamos verdadeiramente ou não serviremos a Deus de “todo coração, de toda a alma e de todo pensamento” (Mt 22, 35).

Vivemos em uma época em que a descartabilidade dos meios naturais, acaba atingindo as relações humanas. O atentado contra a vida, contra o meio ambiente é um forte sinal de que o amor nas suas mais diversas formas de expressão humana está em constante crise. Ama-se as coisas e descartam-se as pessoas, idolatram-se os animais, mas muitas vezes é justificável puxar um gatilho ou exterminar uma vida humana que ainda nem nasceu. Infelizmente é comum reduzir o amor a paixões desenfreadas ou sentimentos de possessividade sobre a vida uns dos outros. Faz-se necessário resgatar das verdades da fé, do amor como princípio e autor de toda a ação humana.

O amor é objeto de um anúncio: é uma realidade nova que faz irrupção neste mundo e que não conhecíamos – embora muitos o tivessem vivido, mas sem saber o que estavam vivendo. Conhecemos muitas experiências humanas às quais damos o nome de amor, mas que não são verdadeiro amor – aquele amor em plenitude que perfaz a totalidade da vida humana. Não temos vocábulo para traduzir a palavra grega que expressa o amor que vem de Deus – e cuja chegada

¹⁹¹ Cf. LF, nº 27.

está sendo anunciada. É um amor novo, que não exclui, nem desvaloriza todas aquelas experiencias humanas às quais damos o nome de amor, mas se que situa num nível de profundidade diferente.¹⁹²

O amor é mandamento e lei ao mesmo tempo, é objeto e sujeito do mandamento, segundo Ricoeur: “Essa distinção inesperada entre mandamento e lei só tem sentido se admitirmos que o mandamento de amar é o próprio amor, que se recomenda a si mesmo...”¹⁹³ Ao discursar sobre a necessidade que a humanidade tem em resgatar a dimensão da fé, como luz para guiar, conduzir e iluminar a ação humana Papa Francisco destaca na Encíclica *Lumen Fidei* (2013) que o Amor não pode ser entendido como uma ação momentânea e passageira, mas uma condição duradoura que supera o tempo e se solidifica nos vínculos estabelecidos.

O amor não pode ser reduzido a um sentimento que vai e vem. É verdade que o amor tem a ver com a nossa afetividade, mas para abrir à pessoa amada, e assim, iniciar um caminho que faz sair da reclusão no próprio eu e dirigir-se para a outra pessoa, a fim de construir uma relação duradoura; o amor visa a união com a pessoa amada. E aqui se manifesta em que sentido o amor tem necessidade de verdade: apenas na medida em que o amor estiver fundado na verdade é que pode perdurar no tempo, superar o instante efêmero e permanecer firme para sustentar um caminho comum. Se o amor não tivesse relação com a verdade, estaria sujeito à alteração dos sentimentos e não superaria a prova do tempo. Diversamente, o amor verdadeiro unifica todos os elementos da nossa personalidade e torna-se uma luz nova que aponta para uma vida grande e plena. Sem a verdade, o amor não pode oferecer um vínculo sólido, não consegue arrancar o “eu” para fora do seu isolamento, nem libertá-lo do instante fugidio para edificar a vida e produzir frutos.¹⁹⁴

Vemos na atualidade pessoas expressarem seus “amores a outros amores” sem se quer levarem em consideração a sacralidade da vida humana na sua essência, muitos sem compromisso com a própria vida, na qual a utilidade das pessoas é mais importante do que seu real significado. As manifestações de amor de Deus sempre foram muito concretas e pontuais, de resgate dos valores essenciais da vida humana sucumbidos pelo pecado. O amor de Deus devolvia a visão aos cegos; devolvia a voz

¹⁹² COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2004, p.141.

¹⁹³ RICOEUR, Paul. *Op. Cit.*, 2019, p. 11.

¹⁹⁴ Cf. LF, nº 27.

aos mudos; a audição aos surdos; Seu amor devolvia a vida àqueles que estavam morrendo; Seu amor dava de comer a quem tinha fome; dava de beber a quem tinha sede; vestia a quem se encontrava nu e acalentava aqueles que sofriam pelo frio da frieza humana.

O Amor de Deus pela humanidade é verdadeiro desde o princípio e alcança seu ápice com a Encarnação do Verbo. É o amor de Deus quem deu ao povo de Israel uma identidade, fez dele um povo eleito desde sua origem. É interessante pensarmos o quão pequenos somos diante da capacidade de amar de Deus. Retomar aqui as palavras do salmista se faz oportuno; “Que é o homem para que te lembres dele com tanto carinho?” (Sl 8, 5).

Papa Francisco na Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* (2016) contempla a necessidade de resgatar o real significado do amor no seio familiar, frente aos desafios da modernidade e diante de um quadro que condensa uma pluralização das relações. Bem sabe ele que o bem da família é o que garantirá o bem da igreja e da sociedade futura em todos os seus aspectos. É necessário resgatar como modelo relacional a família de Nazaré, onde todos os seus membros têm seu valor único e ao mesmo tempo suas responsabilidades para que a dinâmica familiar cumpra seu papel.

Cada família tem dentro de si o ícone da família de Nazaré, com o seu dia a dia feito de fadigas e até de pesadelos, como quando teve que sofrer a violência incompreensível de Herodes, experiência que ainda hoje se repete tragicamente em muitas famílias de refugiados descartados e indefesos. Como os magos, as famílias são convidadas a contemplar o Menino com sua Mãe, a prostrar-se e adorá-lo (cf. Mt 2,11). Como Maria, as famílias são exortadas a viver com coragem e serenidade, os desafios familiares tristes e entusiasmantes, e a guardar e meditar no coração as maravilhas de Deus (cf. Lc 2, 19.51).¹⁹⁵

O Papa segue apontando alguns desafios que impedem que as famílias vivenciem na prática diária o amor como característica de sua essência, como por exemplo o individualismo; a falta de vivência familiar, onde as famílias estão se tornando lugares de passagem; as mudanças repentinas do uso dos meios tecnológicos; a dilaceração dos laços familiares; as disputas por bens materiais; os

¹⁹⁵ Cf. AL, nº 30.

diversos abusos dentro do seio familiar; o aborto; o feminicídio; a secularização da fé; o pluralismo religioso; o enfraquecimento da fé; as condições precárias de vida de inúmeras famílias; a falta de políticas públicas que garanta os direitos de todos desde o início até o término da vida. Fatores estes que alarmam cada vez mais os discursos religiosos e dificultam uma ação evangelizadora que nasça de dentro do lar.

Por ocasião do 12º Plano de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo¹⁹⁶, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, diante deste quadro de negação à vida se dirige a todos os cristãos, principalmente desta referida Arquidiocese, dizendo-lhes que não podem ficar calados “diante da vida impedida de nascer, por decisão individual, ou pela legalização do aborto. Não podem se calar igualmente diante da vida sem alimentação, moradia, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé”.

A Igreja dentro deste contexto tem papel essencial, através das pastorais ou organizações que defendem a vida a partir de realidades pontuais, como a Pastoral da Mulher, da Criança, da Saúde, dos povos indígenas, Pastoral do Menor, Vicentinos e tantas outras organizações de cunho caritativo e de resgate da integridade, da dignidade humana, garantindo-lhes seus direitos e dando-lhes vozes. E ao mesmo tempo orienta à uma tomada de consciência quanto ao compromisso com a vida em sua totalidade, como e principalmente sinal visível de sua fé e adesão à Cristo. Segue o Cardeal no referido documento: “Mas precisam comprometer-se com um mundo onde seja efetivamente reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir a vocação, crer e manifestar sua fé [...]”. Convoca toda a Arquidiocese de São Paulo a repensar uma ação pastoral mais incisiva, mais clara em seus objetivos, com consciência de seu discipulado, escuta da Palavra de Deus, em comunhão com a Igreja, com sua pertença a comunidade de Fé.

É necessário fazer das Pastorais em geral uma ação que necessariamente parta de intimidade com Jesus pela ação do Espírito Santo, como fermento na massa, sal da terra e Luz do mundo e no mundo. Sendo na sociedade pastorais promotoras do diálogo com e entre as pessoas, com o mundo, com os documentos do Magistério,

¹⁹⁶ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. 12º Plano de Pastoral 2017-2020: Urgências da Evangelização na cidade, nº 100.

com Jesus e seu Reino. Pastorais atentas aos sinais dos tempos, e formando verdadeiros discípulos e discípulas de Jesus. As pessoas precisam ser incentivadas a participarem ativamente das pastorais sociais de nossas comunidades, se identificarem com as causas às quais essas pastorais assumem.

O cristão deve entender que sua adesão à vida, assim, como em prol a tudo o que garante este direito, faz dele, já nesta vida, parceiro da vida em plenitude. Campanhas como; Dia do Nascituro, a luta contra o aborto, o dia dos Pobres, as Campanhas anuais da Fraternidade, as caminhadas em prol da vida, são iniciativas que precisam ser incentivadas nas comunidades eclesiais com mais afinho e desejo de que a vida seja salvaguardada antes de qualquer outra ação social.

É justamente neste contexto desafiador que a vivência do amor se faz extremamente urgente. Os cristãos discípulos precisam levantar a sua voz profética e proclamar diante desse quadro por vezes caótico, como fez Isaías, o “ano da graça do Senhor”. Não podemos deixar de reavaliar diante desse quadro a qualidade de nossas ações pastorais e nos perguntar se nossas comunidades religiosas são espaços de acolhida? Se o agir pastoral do cristão o configura com o agir do próprio Cristo?

Para ficar verdadeiramente parecido com o Mestre, é necessário assumir a centralidade do Mandamento do amor, que ele quis chamar seu e novo: “Amai-vos uns aos outros, assim, como eu vos amei” (Jo 15,12). Este amor, com a medida de Jesus, com total dom de si, além de ser o diferencial de cada cristão, não pode deixar de ser a característica de sua Igreja, comunidade discípula de Cristo, cujo testemunho de caridade fraterna será o primeiro e principal anúncio: Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos” (Jo 13, 35).¹⁹⁷

Dentro dos discursos religiosos não pode haver amor sem uma visão ampla e concreta sobre os mais pobres e marginalizados, mas antes de fazermos qualquer coisa em relação aos mais pobres, devemos reconhecer, enxergar esses pobres e diagnosticar as causas dessa pobreza e marginalização. Comblim (2004), aponta

¹⁹⁷ Cf. DAp, nº 138.

alguns pontos essenciais para que os pobres e marginalizados sejam reconhecidos dentro dessa dinâmica do amor cristão:

Primeiro, há o reconhecimento do outro. A sociedade atual procura isolar-se do mundo dos pobres e definir um sistema de relações sociais em que essa parte da humanidade não existe. Há várias ciências humanas que estudam os relacionamentos humanos dentro desse mundo restringido (...). Não se pode ignorar a exclusão das grandes massas. Pode-se inventar infinitas distrações, divertimentos para esquecer a existência do outro mundo, mas ele está aí e não há como ignorá-lo.¹⁹⁸

Um outro ponto importante para Comblin (2004), após o reconhecimento deste pobre é justamente a compaixão, sentimento que deve mover toda ação em relação a este pobre. O autor diz que “da compaixão ativa surge o compromisso. O Evangelho expressa claramente que amar é fazer, e não somente falar ou sentir”. Nesta mesma linha de reflexão resgatando o tema da Campanha da Fraternidade deste ano de 2020: “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34). Não há amor sem compaixão, compaixão sem compromisso, amor e compaixão sem justiça.

A compaixão sentida nas vísceras não é um sentimento qualquer. O coração compassivo vai até as raízes da dor e do sofrimento do outro. Quando essa dor é causada pela injustiça social que gera e alimenta o olhar da indiferença, ela se torna ainda mais intensa.¹⁹⁹

O Texto base desta Campanha da Fraternidade destaca de forma bem pontual a ação do bom samaritano como um convite à uma reflexão ativa sobre a compaixão, que ultrapassa o campo emocional e leva a um agir concreto e comprometido com o ser humano na sua totalidade. Optar por aqueles que sofrem é optar pela justiça, pela libertação e pelo Reino de Deus. O texto entende que toda ação samaritana, nasce de uma configuração com a pessoa de Jesus Cristo, Ele “é o verdadeiro bom samaritano que se aproxima dos homens e das mulheres que sofrem e, por compaixão, lhes restitui a dignidade perdida. A encarnação é sinal concreto da proximidade de Deus que salva aqueles que jazem nos sofrimentos”²⁰⁰.

¹⁹⁸ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2004, p.139.

¹⁹⁹ Cf. CF 2020, nº 111.

²⁰⁰ Cf. CNBB, CF 2020, nº 19.

Papa Francisco por ocasião da festa litúrgica de São Francisco de Assis, para o ano de 2020, ao escrever a *Carta Encíclica Fratelli Tutti* (2020), retoma a importância da reflexão sobre este texto do Bom Samaritano, no sentido da necessidade de ampliarmos o olhar para além de si mesmo.

Esta parábola é um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos de tomar para reconstruir este mundo que nos está a peito. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção deixa-nos ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada. A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum. Ao mesmo tempo, a parábola adverte-nos sobre certas atitudes de pessoas que só olham para si mesmas e não atendem às exigências ineludíveis da realidade humana.²⁰¹

Não podemos aceitar uma religiosidade em que o amor não é o arquétipo de suas ações. Não podemos continuar a servir sem que a vida de quem importa para Cristo, seja importante para os cristãos também. “Se alguém possui riquezas neste mundo, e vê o seu irmão passar necessidade, mas diante dele fecha o seu coração, como pode o amor de Deus permanecer nele?” (Jo, 3,17). Muitas das nossas ações pastorais lidam com os sintomas decorrentes, mas não conseguem sanar suas causas. Sendo assim, uma ação que poderia ser definitiva, se torna provisória e somente perpetua a manutenção de tal situação. O Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) retoma essa dinâmica de se pensar nas causas estruturais da pobreza, dizendo que:

A necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar; e não apenas por uma exigência pragmática de obter bons resultados e ordenar a sociedade, mas também para curá-la de uma mazela que a torna frágil e indigna e que só poderá levá-la a novas crises. Os planos de assistência, que ocorrem a determinadas emergências, deveriam considerar-se apenas como respostas provisórias. Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira as causas estruturais da desigualdade social não se resolverão os problemas do mundo e, em

²⁰¹ Cf. FT, nº 67.

definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais.²⁰²

Desde a primeira infância, hoje menos, homens e mulheres são ensinados nas escolas e nas famílias sobre um amor de contos de fada, onde o mocinho salva a mocinha indefesa e a felicidade é garantia, futura e eterna, mas não ensinaram paralelamente que esse amor deve levar a mocinha a ser protagonista da sua história e que felicidade não é sinônimo de uma vida sem dificuldades. A felicidade oferecida por Jesus Cristo é aquela que se inclina e ensina que ela só é possível se for uma construção social. A igualdade social deve ser meta para toda ação de evangelização pastoral da Igreja, assim como uma construção de vida cristã. Deus só pode ser conhecido no amor, mas um cristão só pode ser reconhecido pela sua prática de vida, observância dos valores e testemunho de fé.

O cristianismo tem seu centro no amor. Todo o resto tem utilidade à medida que caminha para o amor. Tudo o que existe nas religiões pode ser expressão de um desejo de aproximação de Deus, mas não faculta o conhecimento de Deus, porque Deus é amor e quem não ama não sabe o que é o amor e, portanto, não sabe o que é Deus. Não se pode conhecer a Deus apenas por meios intelectuais, nem por experiência puramente espiritual, mas, para conhecê-lo, há necessidade de experiência humana completa. Deus é indizível, está acima de qualquer palavra, mas pode ser conhecido no amor.²⁰³

Deus está acima de toda e qualquer ação humana e como já citamos, antecede a todo agir do homem, mas reconhecer no cristão a projeção do que se sabe de Deus é imprescindível. Por isso a prática é mais significativa do que os discursos religiosos. Historicamente os testemunhos de vida sempre foram aqueles que moveram multidões, pois, por mais belo que seja um discurso, muitas vezes não passa de uma reação sentimental ou da admiração por parte de quem o faz, mas quando este é acompanhado por atos e ações movem as pessoas, suscitando nelas o desejo de fazerem o mesmo e deixarem-se compadecer de forma concreta.

²⁰² Cf. EG, nº 202.

²⁰³ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2004, p.141.

Retomando a reflexão sobre o amor para com os pobres, podemos pensar que essa prática não é simplesmente uma ação que hoje se faz necessária. A pobreza não é fruto da comunidade atual, mas, desde a antiguidade a ação em favor do pobre sempre foi o ponto de partida das primeiras comunidades. Deus se revela aos pobres e aos simples; liberta seu povo pobre das garras do Egito; os discípulos na sua maioria vieram de uma cultura de poucos recursos financeiros; os profetas falavam em nome de Deus em favor dos pobres; Jesus se encarna no seio de uma família simples sem posses materiais; nasce em uma estrebaria e vive todo seu ministério com e a partir dos pobres. Os pobres são os destinatários e escolhidos da ação de Deus, uma sociedade onde a exploração ao pobre é um fator comum, a ausência de Deus ali se faz. Deus não está onde o pobre não é respeitado e não encontra lugar.

No pobre, faz-se a experiência da proximidade do Reino de Deus. E é este Reino que nos impõe exigências de esperança, de práticas de caridade libertadora, de decisões urgentes inadiáveis. No pobre, Deus é experimentado na sua indestrutível realidade de transcendência na imanência, de presença ausente, de proximidade que se nos escapa e que não pode ser aprisionado. Pois, o pobre é, ao mesmo tempo o amado de Deus, o privilegiado de Deus, aquele a quem o Reino de Deus se dirige prioritariamente – sinal, portanto, da presença de Deus, de sua transcendência agindo – e também fruto da injustiça do pecado social, da criação de decisões egoísticas dos homens – sinal da ausência de Deus, tomada de distância da parte dele. O pobre, enquanto amado de Deus é sinal do *já* do Reino, que está perto, aí onde está o pobre; o pobre é também sinal da distância do *ainda não* do Reino. Pois, sua existência denuncia o pecado, a injustiça, a falta de fraternidade. Na sua paradoxal condição – amado de Deus e fruto da injustiça – o pobre mediatiza a experiência do Deus da vida e a não-vida do pobre revela pela vida do contraste a Deus como vida. ²⁰⁴

Não podemos nos acostumar a passar ou presenciar a dor de alguém sem deixar-nos comover, não pode ser normal, pessoas vivendo à margem das grandes metrópoles e regiões centrais, geograficamente distanciados sem que sua segurança e dignidade sejam garantidas. E esse problema de exclusão não é só social, mas um problema de amor ou necessariamente causado pelo desamor, motivos de grandes injustiças contra os mais indefesos perante as leis sociais. A compaixão é característica essencial para a justiça, pois, ela nos compromete com a vida do outro. “Da compaixão ativa surge o compromisso. O evangelho expressa que amar é fazer,

²⁰⁴ Cf Libânio, 1987b, p. 111.

e não somente falar ou sentir. Amar é uma opção de vida, que resulta de uma conversão – aquela que constitui a orientação definitiva da nossa vida”²⁰⁵. Amemos não só com palavras, mas gestos transformadores de vidas em Vida.

2.3.3. Justiça

O que entendemos por justiça na atual conjuntura? Quando a sociedade grita por justiça, será que é mesmo justiça que querem ou vingança por terem sido vitimizada por algo ou alguém? A utilização do termo Justiça se dá em diversas situações e contextos, mas com compreensões diferentes, talvez o que as equiparam é que justiça é dar ao outro o que ele merece. Se partimos da reflexão sobre a paternidade de Deus, vimos que Ele não faz acepção de pessoas, por isso, “faz chover sobre os bons e os maus” (Mt 5,45). Uma característica da justiça de Deus é a misericórdia a ponto de o salmista exclamar que “Deus não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos julga como exigem nossas faltas” (Sl 102,10). Uma coisa é fato, o pobre sempre é o destinatário da reflexão sobre a justiça em toda Sagrada Escritura. Fasano (2019) dá uma definição de justiça pelo viés de Ricoeur, na qual ele diz que “a justiça é a ponte que relaciona a ética e a moral, uma vez eu o homem justo será aquele que utiliza de sua solicitude na relação com o próximo, ao mesmo tempo que é obediente à lei positiva”²⁰⁶.

Vejamos a contribuição de Comblin (2008) sobre o uso do termo justiça:

O conceito de justiça da Bíblia é diferente do conceito habitual dado por nossa sociedade. Hoje, justo é quem respeita os contratos, compra e vende nos preços do mercado. Para os profetas, justiça é libertar os oprimidos, ajudar os necessitados, levantar os pobres. A justiça no sentido moderno prescinde da distinção entre ricos e pobres, entre opressores e oprimidos. Presume que todos os seres humanos são iguais, têm força igual e se respeitam mutuamente nos seus direitos. A Bíblia parte da realidade: a desigualdade entre ricos e pobres. A realidade é que os ricos exploram os pobres. A realidade é que os pobres não têm condições para defender os seus direitos.²⁰⁷

²⁰⁵ COMBLIN, José. O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004, p. 140.

²⁰⁶ FASANO, Ettore Murbach. *Ética*. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 109.

²⁰⁷ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2008, p.33.

Faz-se importante recordarmos o significado de justiça na dimensão eclesial, segundo a definição apontada pelo Catecismo da Igreja Católica:

(...) virtude moral que consiste na vontade e firme de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido. A justiça para com Deus chama-se ‘virtude de religião’. A justiça em relação aos homens nos dispõe a respeitar os direitos de cada um e a estabelecer, nas relações humanas, a harmonia que promove a equidade em prol das pessoas e do bem comum. O homem justo, muitas vezes mencionado nas Escrituras, distingue-se pela habitual correção de seus pensamentos e pela retidão de sua conduta para com o próximo.²⁰⁸

Dois pontos são fundamentais para a reflexão sobre justiça. O primeiro é que a justiça antes mesmo de ser uma ação externa é um movimento interno, pois, como cita o Catecismo acima “o homem justo distingue-se pela habitual correção de seus pensamentos”. Só pode haver verdadeira justiça se antes tornar justo aquele que a exerce ou pratica. Um outro aspecto, é que ser justo pressupõe que este homem agirá com justiça para com o seu semelhante, pois, o homem justo também se distingue “pela retidão de sua conduta para com o próximo”, diz o Catecismo. Parecem realidades simples de serem entendidas, mas não é bem assim. Vivemos em uma sociedade capitalista e materialista, onde o individualismo exacerbado bate na porta de todos os setores sociais, inclusive no setor religioso.

O individualismo marca de tal maneira as relações, que a vida corre o risco de ser vista não mais como um Dom e Compromisso, mas como um peso ou como algo de que a pessoa possa dispor a seu bel prazer. Assistimos, então, a uma cada vez mais crescente mercantilização da vida, em que o ser humano passa a ser avaliado pelo que produz e pelo que consome. Dessa forma, relativizam-se ou, simplesmente ignoram-se os direitos humanos, abrindo brecha para o perverso caminho da intolerância política, religiosa e cultural, raiz de fundamentalismos, de preconceitos e discriminações. Por trás de cada ato de preconceito e discriminação, há muita dor e sofrimento diante dos quais não podemos permanecer indiferentes.²⁰⁹

O ter, o poder e o prazer são situações cada vez mais emergentes dentro dos espaços religiosos, embora os discursos e pregações sobre os tipos de tentações de

²⁰⁸ Cf. CIC, nº 1808.

²⁰⁹ Cf. CF 2020, nº 52.

Jesus no deserto (cf Lc 4,1-13) faça parte de suas reflexões. Um templo religioso construído sobre duras penas de seu povo, mas é um lugar onde o pobre não encontra espaço, se torna um ambiente de profunda injustiça. Uma má administração do bem comum é fonte de injustiça, principalmente quando muitos vivem com tão pouco. Patrimônios extenso, e os grandes carros de modelos de última geração adquiridos por muitos líderes de diversas denominações religiosas agindo incoerentemente. Injustiça é manter o povo na cegueira enquanto muitos enriquecessem pela exploração de sua fé. Se há enriquecimento material de uma minoria enquanto o pobre passa necessidades, não há verdadeiro seguidor ou seguimento de Jesus Cristo neste lugar, e sim um “endeusamento” de si mesmo com a supremacia e exaltação de interesses pessoais.

A comercialização do discurso sobre a fé faz com que a ação evangelizadora vá perdendo sua credibilidade ou mereça ações como a de Jesus no templo de Jerusalém que em posse de seu chicote expulsa a todos aqueles que fazem da casa de Seu Pai um covil de ladrões. Posturas que Papa Francisco desde o início de seu pontificado vem alertando a Igreja, a fim de que ela não caia em uma pastoral meramente de manutenção, mas seja sinal da presença salvífica de Deus agindo neste mundo. Nos diz o Papa:

Ser igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade, anunciar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho. A igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho.²¹⁰

Nesta mesma linha de reflexão, Papa Francisco insiste na disposição da Igreja de ir ao encontro de seu povo, de ultrapassar os muros das estruturas físicas. A igreja deve resgatar a mobilidade das tendas de Jesus, e não ser uma estrutura estática, mas presente, itinerante, que acompanha o trajeto de seu povo. Uma igreja que se coloque à disposição mesmo que seja para ser ferida. Segundo Papa: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas à uma Igreja

²¹⁰ Cf. EG, nº 114.

enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, nº 49). Uma Igreja centralizada em si mesmo ou em constante postura de auto proteção impede que se acheque às diversas estruturas sociais, muitas delas nas favelas e periferias. O povo de Deus que no deserto andava, hoje anda pelas “vuelas e becos” das grandes periferias, sedentos por justiça, vítimas da degradação de seus direitos sendo substituídos pela ostentação de uma minoria.

2.4 Algumas Considerações

A descoberta da vida vocacional deve levar o homem e a mulher à realização plena e fecunda, como geradores de vida e de fiéis convictos de sua fé. Só consegue viver sua vocação com alegria aquele ou aquela que encontrou em Deus o repouso e descanso para suas inquietudes, oriundas da necessidade de encontrar-se e buscar a sua mais plena realização, o Documento de Aparecida (2007) nos aponta que “A necessidade de construir o próprio destino e o desejo de encontrar razões para a existência podem colocar em movimento o desejo de se encontrar com outros e compartilhar o vivido, como maneira de dar a si uma resposta”²¹¹.

Toda ação religiosa ou pastoral deve ter a santidade como finalidade. Não somos separados do mundo para vivermos alienados ao mundo, mas para fazer deste mundo uma oportunidade de vivenciarmos aquilo que Deus nos confiou. A juventude anseia por uma fé autêntica, por uma igreja renovada, que abra suas portas e janelas para acolher a todos sem acepção de pessoas, mas sem perder o seu diferencial, que é justamente a santidade, uma santidade que se expressa no mundo, se concretiza e se fortalece na comunhão com Deus e entre os irmãos.

Nesse sentido os bispos do mundo inteiro reunidos na XV Assembleia Geral em 2018 sobre a juventude e o discernimento vocacional no documento 51 (nº 84) diz que: “Não é possível compreender plenamente o sentido da vocação batismal, se não se considera que ele é para todos, sem exceção, um chamado à santidade”. Os bispos seguem apontando a necessidade de se atender ao chamado da Igreja, para estarem em plena comunhão com Deus e com as pessoas ao seu redor. O documento segue

²¹¹ Cf. DAp, nº 53.

dizendo que “As diferentes formas de seguimento de Cristo expressam, cada uma à sua altura, a missão de testemunhar o acontecimento de Jesus, no qual cada homem e cada mulher encontram salvação.”

Uma vocação sem intimidade e clareza sobre o autor deste chamado pode trazer inúmeros desafios aos vocacionados e vocacionadas, e aquilo que outrora seria motivo de realização passa a ser motivo de frustração, levando a muitos a perderem o sentido de sua própria existência. Por isso, o acompanhamento vocacional, a ajuda da comunidade se faz tão importante na caminhada de um vocacionado, o qual respondendo a Deus é capaz de se relacionar de forma madura com aqueles com os quais convive. Ser santo nos dias de hoje é um grande desafio para qualquer faixa etária ou estado vocacional.

O Sínodo dos Bispos no ano de 2018 sobre a juventude alcança-nos como conclusão, uma alerta e uma resgate do real objetivo vocacional, pois, “todas as diferentes vocações coincidem em um único e universal chamado à santidade, que no fundo não pode ser outra coisa senão a realização daquele apelo à alegria do amor que ressoa no coração de cada jovem.”²¹² Os bispos entendem que ao redor da Santidade se articula a vivências de todas as demais vocações na Igreja e que é um desejo de Deus que os homens e mulheres não vivam na mediocridade e na superficialidade de uma vida pautada nas indecisões.

A santidade dos filhos e filhas de Deus deve ressoar na transformação de nossa sociedade. Não podemos mais nos acomodarmos numa santidade da observância do culto tão somente, mas uma santidade que testemunhe e transforme o mundo através dos valores cristãos, éticos e morais. Como diz São Paulo “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 12, 2). Não se pode aceitar de bom grado a vivência e observância tão somente da santidade dos santos do passado, mas exalar ao mundo o forte desejo de que hoje é possível também viver como santos e santas. Os bispos exaltam que o convite à santidade deve ser feito aos jovens, pois, “Os jovens clamam por uma Igreja autêntica, luminosa, transparente e alegre” pois, sabem que “somente uma Igreja de santos pode atender

²¹² Cf. Doc 51, nº 165.

a esses pedidos”. Mas bem sabem eles que há abusos dentro da Igreja que precisam ser vencidos e superados, pois causam indignações no mundo. “A Igreja como um todo deve realizar uma mudança forte, imediata e radical de perspectiva! Os jovens precisam de santos que formam outros santos, mostrando assim que “a santidade é o rosto mais belo da Igreja” ²¹³.

Se há uma linguagem da santidade, precisamos urgentemente aprendê-la. Sermos alfabetizados na lição do amor como princípio de toda ação é fator preponderante para todo agir eclesial e apostólico. Queremos santos e santas, jovens que amem e sejam amados, que sejam livres e libertem, praticantes das virtudes, mas acima de tudo jovens, pessoas que fascinadas por Jesus Cristo deem um salto na fé de olhos fechados, mas de coração aberto, porque sabem em quem depositarem sua esperança. O processo de santificação é uma ação comunitária, não se faz sozinho, é um construir de esperança em esperança. A esperança é sinal da presença salvífica do Reino de Deus presente na história. O Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018) diz que precisamos “deixar-nos estimular pelos sinais de santidade que o Senhor nos apresenta através dos membros mais humildes deste povo que «participam também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo”²¹⁴

As vocações sempre serão uma forma peculiar e única dentro de suas especificidades para se viver com maior retidão a relação com Deus, pois é Ele quem “grava a vocação no coração da criatura, desde o primeiro instante em que lhe concede a existência. Ele oferece livremente a vocação. E a criatura, ao descobri-la aceita livremente, pois quer ser feliz...” ²¹⁵. Homens e mulheres desde sua origem são chamados a viverem uma vida a serviço do Reino de Deus e com Jesus Cristo, assumirem como dom a sua existência. Acolher a vocação livremente é acolher o próprio Deus inserida na história.

²¹³ Cf. Doc., 51, nº 167.

²¹⁴ Cf. GeE, nº 8.

²¹⁵ GOULART, José Dias. *Vocação: convite para servir: siga a sua e saiba por quê*. São Paulo: Paulus, 2003.

3º CAPÍTULO

A universalidade do Reino de Deus

O Objetivo deste capítulo antes mesmo de querer provar algo, está intrinsicamente relacionado a oportunizar uma reflexão sobre a universalidade do Reino de Deus. É necessário antes de qualquer inferência, resgatar seu caráter universal, pois é uma proposta para todos os homens e mulheres criados; uma realidade presente em meio à humanidade; um dado da revelação se que constrói e se reconstrói de acordo com a vontade do próprio Deus. É uma dimensão abrangente que acontece e se desenvolve na história humana, sem mesmo que o próprio homem tenha ou não consciência dessa ação salvífica, pois, o Reino de Deus é por iniciativa do próprio Deus. Boff, se refere ao Reino de Deus como “aquela presença ativa e revolucionária de Deus dentro do universo: presença cósmica, comunitária, social, pessoal, presença íntima a cada pessoa humana”. O autor segue dizendo que “o Reino de Deus é uma presença transformadora de um Deus que se acercou de nós e veio buscar o que é seu: seus filhos e filhas, para resgatá-los, a eles e a tudo o que os cerca, a natureza e o universo”.²¹⁶

Se toda ação oriunda de Deus tem como essência e princípio o amor, o próprio Jesus como a encarnação desse amor, se torna para a humanidade o próprio Reino de Deus. A fé é um dado importante em toda ação, seja ela pessoal ou comunitária. “A fé é uma experiência radical não redutível a nenhuma outra, mediante a qual se adere a Deus como sentido e a significação de todos os sentidos e significações [...] trata-se de aceitar a revelação de Deus que se manifestou”²¹⁷.

Ao analisar a dinâmica do Reino de Deus perceberemos, que ela está imbuída da lógica da partilha, inspirada na perfeita comunhão da Santíssima Trindade. Nesta sociedade o dom de cada um se reparte no dia a dia, não havendo assim a dicotomia entre pobres e ricos e sim um eterno bem querer, onde as diferenças são superadas pela prática da justiça e do amor. O dar de comer, de beber, de vestir na Sagrada

²¹⁶ Boff, Leonardo. Espiritualidade: Um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante 2001, p. 35.

²¹⁷ RAMPAZZO, Lino. Antropologia: religiões e valores cristãos. São Paulo: Paulus, 2014, p.25.

Escritura está intimamente relacionado à prática da justiça e conseqüentemente à uma cultura de paz que garanta a dignidade da vida humana desde sua origem ao seu fim último.

Como dito por São João Paulo II, na Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (1990, nº 18): “O Reino de Deus não é um conceito uma doutrina, um programa sujeito a livre elaboração, mas é, acima de tudo, uma Pessoa que tem o nome e o rosto de Jesus de Nazaré, imagem do Deus invisível”. Papa São João Paulo II, nesta mesma encíclica enfatiza que Reino de Deus e a pessoa de Jesus Cristo são inseparáveis, são dois princípios inconcebíveis de serem pensados separadamente. Sem Jesus, diz o Papa, “acaba-se por se distorcer o sentido do Reino, que corre o risco de se transformar numa meta puramente humana ideológica, quer a identidade de Cristo, que deixa de aparecer como Senhor, a quem tudo deve submeter”²¹⁸.

“Justiça e paz se abraçaram” (Sl 85,11), a justiça deve ser entendida como sendo a constante e perpétua vontade de dar a cada um o que lhe pertence, isto acontecendo, é estabelecida a harmonia na comunidade. Os soberanos, líderes, ou, dirigentes, que são aqueles que estão à frente do poder de governar, tem a obrigação de ser promotores de paz, fazendo com que o direito seja respeitado, isto é, cuidando do bem estar da comunidade. Não há como aceitar ou se conceber uma religiosidade que tenha Jesus Cristo como referencial e que seja alienada diante das injustiças sofridas pelo povo de Deus ou pregar um “deus” fabricado mediante às convicções comodistas, sem fundamentação teológica e compromisso de fé. Reino de Deus, é o amor anunciado e vivenciado na prática da justiça.

Com a afirmação de que “Deus é Amor” (I Jo 4,8), João parte de um princípio de que o amor não é egoísta e sim, doação, gratuidade e padecente, pois sofre junto com seu amado. O Amor é um dom, que é a autocomunicação do Bem, que deseja dar a vida e viver com quem ama. Para Moltmann (2000), “o amor é a autocomunicação do bem. Ele é a capacidade, inerente ao bem, de sair de si mesmo, de transferir-se ao outro ser, de participar do outro ser e de entregar-se por um outro

²¹⁸ Cf. RM, nº 18.

ser, [...] é a autocomunicação apaixonada do bem”²¹⁹. O bem é uma virtude comunicada pelo princípio do amor, não se consegue fazer verdadeiramente o bem se o amor não for a força motivadora da ação. Amar é comprometer-se com a vida do outro, é deixar-se mover por compaixão, pois, segue o autor, “o amor deseja viver e dar a vida. Ele deseja abrir a liberdade à vida. (...) Aquele que ama está totalmente no outro, que é por ele amado; mas está no outro, conservando plenamente sua identidade”. Por fim, se Deus é Amor e não só o amor, “Ele é ao mesmo tempo o comunicante e o comunicado. No amor, ele é ambas as coisas”²²⁰.

A sociedade moderna tem a possibilidade em poder se espelhar em inúmeros testemunhos de vida decorrentes dos diversos contextos sociais, tempos, localizações e inúmeras maneiras dessa santidade ter sido alcançada. Santos e santas dos tempos antigos até os tempos modernos. Santos e santas de todos os tempos e de todas as idades. A igreja reconhece sua santidade e seu testemunho passa a ser referência para muitos, mesmo antes que a Igreja o decreta bem aventurado e o leve aos altares de devoção. A santidade é reflexo e consequência de um batismo assumido com clareza, transparência, fé, retidão e responsabilidade cristã e humana, mas também uma convicção de conhecer “*Aquele*” que o chamou.

Já vimos em vários momentos que Deus cria o mundo no qual possa se relacionar, onde Ele é ao mesmo tempo o amor, amante e o amado, sendo reconhecido pela sua criação, correspondido pelo homem, que torna Deus também o seu objeto de amor. A necessidade desse trajeto de descoberta vocacional assume grande relevância, pois, chamado e respostas, são duas realidades de construção do Reino de Deus.

3.1 Reino de Deus e sua vocação.

No princípio vemos que a Igreja nasce de Jesus, particularmente de sua pregação, depois de gestada, Ela é enriquecida com os dons do Espírito Santo. Ela é formada por homens e mulheres que são guiados e agem sob a ação deste mesmo

²¹⁹ MOLTMANN, Jurgen. Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a Teologia. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 70-71.

²²⁰ MOLTMANN, Jurgen. Op. Cit., Vozes, 2000, p. 70-71.

Espírito, pois, é Ele o grande protagonista da missão da Igreja e de sua ação salvífica em anunciar a boa nova e denunciar as injustiças contra o povo de Deus, assim, como salvaguardar os direitos vitais, inegáveis e valores irrefutáveis da fé. “A Igreja estimula e favorece a reconstrução da pessoa e de seus vínculos de pertença, a partir de um dinamismo de amizade, gratuidade e comunhão”²²¹. Essa ação é realizada através de tantas pessoas que se colocam como Maria, dispostos a derem seu SIM, seja na vida sacramental, religiosa, missionária ou matrimonial. Para a Igreja as famílias são os berços da continuidade da ação evangelizadora da Igreja, pois, é delas que homens e mulheres saem e são educados para um servir em sociedade.

A vocação à existência como dom, abarca uma totalidade de ações pastorais e vocacionais que mesmo em meio aos desafios, ainda favorecem um despertar da consciência humana para o servir. Principalmente no que diz respeito à formação dos evangelizadores, sacerdotes, vocacionados e vocacionadas, onde a busca do equilíbrio entre espiritualidade e vida humana exige um olhar mais amplo sobre todo o contexto social e religioso vigente. A participação dos leigos e leigas é um fator cada vez mais essencial para a ação evangelizadora da Igreja.

O documento 105 da CNBB (2016), aponta os cristãos leigos e leigas na sociedade como “os olhos, os ouvidos, as mãos, a boca, o coração de Cristo na Igreja e no mundo”²²². O referido documento recorda o avanço sobre a reflexão da presença dos leigos e leigas na Igreja e no mundo fomentada por Papa Francisco ressaltando aspectos como: “a mística da proximidade; a pedagogia do diálogo; a revolução da ternura; o prazer de ser povo; a superação de estruturas ultrapassadas; a reforma dos Tribunais Eclesiásticos; a consciência de que a vida de cada pessoa é uma missão...”²²³. Assim, como sua participação nos âmbitos sociais que muitas vezes por situações específicas os sacerdotes, bispos e religiosos não conseguem adentrar com tanta facilidade ou aceitação social como por exemplo a participação direta na política e nos movimentos populares. Uma igreja onde os leigos não ocupam conscientemente

²²¹ Cf. DAp, nº 539.

²²² CNBB, Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade. Doc 105. São Paulo: Paulinas, 2016. Nº 102.

²²³ CNBB, Op. Cit. Doc 105, 2016, nº 36.

seu papel pastoral ou social, faz com que esses espaços religiosos se torne uma instituição caduca e amarga, com uma única preocupação, manter a estrutura.

Retomando o 12º Plano de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, faz uma reflexão sobre a necessidade de inserção do cristão à comunidade eclesial. Diz o cardeal:

A vida cristã requer a vinculação do fiel à comunidade da Igreja, através de laços próprios com uma comunidade eclesial de pertença, que vai da família cristã, comunidade pequena e importante que está na base da Igreja, à paróquia e à diocese. O apóstolo Paulo já ensina que a Igreja é como um corpo: apesar de muitos membros, órgãos e funções, o corpo é um só e nenhum membro basta a si mesmo; todos dependem uns dos outros e interagem harmonicamente, para que o corpo inteiro esteja bem. Comunidade de comunidades, assim é a Igreja de Cristo; por isso, é urgente superar o individualismo, que também pode se instalar entre nós. Ninguém é discípulo de Cristo sozinho e de maneira isolada. É necessário cultivar a solidariedade eclesial e missionária nas comunidades da Igreja²²⁴.

O Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, e a base da Igreja, e quando assumido com responsabilidade por leigos e leigas, convictos de sua pertença à uma comunidade eclesial, o Batismo alavanca o desejo de que o Reino de Deus aconteça em todos os setores da sociedade. Pelo Batismo, “os cristãos acolhem a ação do Espírito Santo que leva a confessar Jesus como Filho de Deus e a chamar Deus ‘Abba’”²²⁵ É interessante perceber o fenômeno dos surgimentos de Novas Comunidades nascidas de Movimentos ou de ramificações de Institutos e Congregações religiosas, onde inseridas em um mundo plural fazem seu papel como Igreja. A presença dos leigos e leigas cristãos nos meios de comunicação cresce significativamente.

O acesso às mídias digitais em tempos de Pandemia, por ocasião do Covid 19, que praticamente perdura por quase um ano, fez com que Paróquias, Movimentos, Comunidades diversas, e ações particulares assumissem essas plataformas como meio de promover e garantir a Evangelização. Realização de Grupos de Oração; Lives formativas, musicais e promocionais; palestras e reuniões de grupos Online;

²²⁴ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. 12º Plano de Pastoral 2017-2020: Urgências da Evangelização na cidade.

²²⁵ Cf. DAp., nº 157.

recitações do terço; transmissões ao vivo da Santa Missa; formação catequética através de grupos de *WhatsApp*, *Facebook*, plataformas de reuniões como o *GoogleMeet*, *Zoon*, *Teams*, etc. Cabe aqui ressaltar que a Pandemia do Covid-19, fez com que muitos setores da Igreja dessem um salto no usufruto desses mesmos meios em função de uma evangelização em tempos remotos. Deus que sempre usou de criatividade para alcançar o coração humano, também inspira os cristãos a se atualizarem sobre os novos púlpitos, estes virtuais. A dinâmica do encontro relacional passa a ser remotamente através do virtual, sem que se perca o valor do encontro pessoal e comunitária dentro da ação cristã.

O papel da Igreja neste universo virtual se fez de grande valia e necessidade, pois, é próprio de sua vocação buscar meios de alcançar seus fiéis onde quer que eles estejam. A Igreja enquanto instituição divina faz jus à mesma metodologia adotada por Deus no ato da Revelação, a de ir sempre ao encontro dos homens e mulheres, em dar passos, sem se anteceder na ação evangelizadora.

O Deus é o mesmo desde o ato da criação, por isso, o chamado à existência tem a mesma essência e dinamicidade; as formas de como Deus realiza este chamado continuam sendo diversas, mas então o que mudou? Por que ainda vemos tão poucas pessoas optando pela consagração de suas vidas ao serviço sacerdotal ou religioso? Se o incentivo aos Leigos e Leigas está em evidência, então por que ainda falta tanta liderança de qualidade e convicta de seus valores à frente dos diversos setores religiosos e sociais? E quando há, por que muitos desistem nos primeiros empecilhos, abandonam e não voltam para uma vida ativa dentro da Igreja? São questões inúmeras e que talvez nunca tenhamos uma resposta coesa para o alcance de tal demanda, mas isso não quer dizer que precisam ser excluídas das reflexões sobre tal.

É importante recordarmos que para que uma pessoa se coloque em processo de discernimento vocacional ela precisa ser conduzida, orientada e levada a amadurecer suas intenções e motivações reais, para isso são necessário formadores, diretores espirituais que saibam compreender o valor deste processo e também deem testemunho de sua escolha. Papa Francisco aponta alguns pontos importantes para garantir um bom discernimento vocacional, ao falar aos jovens na Exortação Apostólica pós Sinodal *Christus Vivit* (2019), as quais ele chama de sensibilidades, sendo estas: atenção à pessoa, atenção ao discernir e a escuta dos impulsos que o

outro experimenta²²⁶. O Papa continua na referida exortação que o discernimento é muito importante, pois, possibilita fortalecer os elos e o compromisso no seguimento de Jesus Cristo. “Assim, o desejo de reconhecer a própria vocação adquire uma intensidade suprema, uma qualidade diferente e um nível superior, que responde muito melhor à dignidade da vida”²²⁷.

Não se pode confundir vocação, neste caso vocação específica, com o gosto pela realização de excessivas atividades pastorais. Uma coisa é o discurso “do fazer”, outra o discurso “do ser”. Ser, antes de tudo está relacionado à busca de autonomia e alteridade, mas principalmente fundamentado no fascínio pela pessoa de Jesus Cristo, é fato que todo processo vocacional verdadeiro nasce necessariamente de um encontro pessoal com Jesus Cristo, que permite aos vocacionados um mergulho profundo nas águas do batismo.

Há que se recordar que existe um grande perigo que cerca entre realidade do ativismo e da vivência da fé na sua concretude. Nisto, o Papa emérito Bento XVI, resgata a importância do cultivo da espiritualidade através da oração, para que através do excesso de ações caritativas o homem não caia na secularização de suas ações causando o empobrecimento e a degradação da sua própria humanidade. Diz o Papa na Encíclica *Deus Caritas Est* (2005):

Chegou o momento de reafirmar a importância da oração face ao ativismo e ao secularismo que ameaça muitos cristãos empenhados no trabalho caritativo. Obviamente o cristão que reza, não pretende mudar os planos de Deus nem corrigir o que Deus previu; procura, antes, o encontro com o Pai de Jesus Cristo, pedindo-Lhe que esteja presente, com o conforto do seu Espírito, nele e na sua obra. A familiaridade com o Deus pessoal e o abandono à sua vontade impedem a degradação do homem, salvam-no da prisão de doutrinas fanáticas e terroristas.²²⁸

O magistério da Igreja, dirigindo-se aos Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica no Ano de 2017, por ocasião da Solenidade da Epifania do Senhor, dá-lhes algumas orientações desde o Concílio Vaticano II e os

²²⁶ Cf. ChV, nº 292-294

²²⁷ Cf. ChV, nº 295.

²²⁸ Cf. DCE, nº 37.

desafios ainda em aberto. Uma dessas orientações é justamente a busca de uma vida apostólica em equilíbrio com o cultivo da espiritualidade, desafios estes que colocam em pauta valores e confrontações necessários caso queiram realmente repensar a essência de uma consagração pautada na escuta e na fidelidade a Deus, diz o Documento:

O cuidado em vista de um crescimento harmonioso entre a dimensão humana implica uma atenção à antropologia específica das diversas culturas e à sensibilidade própria das novas gerações, com particular referência aos novos contextos de vida. Só um reentendimento profundo do simbolismo que toca verdadeiramente o coração das novas gerações pode evitar o perigo de se contentarem com uma adesão apenas superficial, de tendência e até de moda, onde parece que a busca de sinais exteriores transmite segurança de identidade. Torna-se premente a necessidade de discernimento das motivações vocacionais, com particular atenção às diversas áreas culturais e continentais.²²⁹

Na contextualização destes desafios, o Magistério não deixa de apontar as mudanças repentinas e até mesmo caóticas sofridas pela sociedade atual, isso levando em consideração as respostas que a Vida Consagrada quer dar ao mundo ou mesmo de sua razão de existir no mundo. Continua o documento:

A evolução contemporânea da sociedade e das culturas, entrada numa fase de rápidas e extensas mudanças imprevistas e caóticas, também expõe a vida consagrada a contínuas necessidades de ajustamento. Isso implica e requer constantemente novas respostas, associadas à crise de projetualidade histórica e de perfil carismático. O sinal dessa crise é um cansaço evidente. Devemos reconhecer que em alguns casos se trata, precisamente, de incapacidade de passar de uma administração comum a uma orientação que esteja à altura da nova realidade em que é necessário arriscar com sabedoria. Não é tarefa fácil dar o salto de uma simples gestão de realidades bem conhecidas à condução rumo a metas e ideais com uma convicção capaz de gerar uma verdadeira confiança. Isso implica não nos contentarmos com a elaboração de estratégias de mera sobrevivência, requerendo, antes, a liberdade necessária para implementar processos.²³⁰

Pode-se estender tal compreensão sobre o papel da Vida Religiosa para as demais formas de vivências vocacionais, tanto do papel do leigo e da leiga, assim

²²⁹ Cf. Doc 46, nº 14.

²³⁰ Cf. Doc 46, nº 8.

como para os ministros ordenados. Se ainda a preocupação for em função do caráter de sobrevivência essa forma de viver a santidade perde seu sentido, pois, não atinge o objetivo da sua própria existência. Mas é preciso renovar, ou como o tema dado ao próprio documento *“Para Vinho Novo, odres Novos”*, resgatando justamente o texto do Evangelho de Marcos “Ninguém deita vinho novo em odres velhos; se o fizer; o vinho romperá os odres e perde-se o vinho, tal coo os odres. Mas vinho novo, em odres novos”²³¹. Uma evangelização que não abarca a totalidade de suas ações, assim, como tendo em mente a essência de sua natureza se perde no tempo e no espaço, tornando-se estruturas caducas e relativas nos espaços que se encontra.

As exigências são: transformar as relações humanas em amor, perdão, fraternidade, solidariedade, libertação e justiça, fazendo com que, os homens, se ajudem mutuamente, como disse Jesus: *“Amai-vos uns aos outros como Eu vos ameï”* (Jo 13, 34). Para isto, é necessário um compromisso ético, que transforme as relações e as mantenham a partir do cuidado com a casa, onde as relações visem o bem estar da casa, da comunidade e da sociedade.

A ética de Jesus revela assim seu radicalismo, que não é utopia irrealizável, mas capacidade de descer às raízes do agir verdadeiramente bom e justo (cf. o Sermão da Montanha, particularmente Mt 5,20-47). A ética de Jesus tem um caráter dinâmico, que consegue ser fermento que lentamente faz crescer a massa (cf. Mt13, 33). Tem como caráter libertador, que o apóstolo Paulo ressaltará (cf. Gl 5,1-13; 1Cor 7,22; 2Cor 3, 17) e que as primeiras gerações cristãs procurarão viver com entusiasmo, apesar do contexto muitas vezes adverso. Conduz até o cristão a se superar, sob influxo da graça, para optar por uma atitude mais perfeita diante do que já é eticamente bom.²³²

Se olharmos para toda a história dos primórdios da Igreja, são inúmeros os exemplos de jovens que deixaram suas estruturas familiares para se arriscarem na vivência de uma espiritualidade encarnada e vivida na fé. Santos e santas, reconhecidos ou não pelos altares religiosos. Simplesmente pessoas humanas como tantas outras, mas que mesmo em meios às limitações conseguiram identificar a voz

²³¹ Cf. Mc 2, 22.

²³² CNBB, *Ética e Sociedade*, nº 87.

de Deus que os chamavam, dentro de inúmeros contextos das mais variadas formas possíveis.

Um aspecto que na história da Igreja colabora demasiadamente com a Evangelização é justamente o encantamento literário pelas biografias de tantos santos e santas, beatos, mártires de todos os tempos e contextos sociais, que em conformidade com os dias atuais, parece algo tão distante da prática, principalmente pelo medo de não se adequar aos moldes impostos pela sociedade. Mesmo dentro dos espaços religiosos os jovens que demonstram uma busca de santidade precisam ser acompanhados, e não vitimizados pela intensidade com a qual se dá esta busca. Se a vivência da Santidade não for o objetivo da Evangelização das famílias, dos jovens e das jovens, esta evangelização perde o sentido de ser, logo que a santidade é condição inerente para a vivência do cristianismo.

O que deveria ser visto com um certo zelo pastoral, passa a ser uma preocupação pastoral meramente de manutenção das estruturas físicas. Esse encantamento brota sim, do mais profundo do coração humano, que inspirado pela vida destes santos, desejam experimentar e ser um pouco daquilo que muitos deles foram. A vida dos Santos e Santas nasce do amor de Deus, parte de sua capacidade e até mesmo da sua necessidade de acolher os desígnios de Deus e anunciar com suas vidas o Reino, nos passos de Jesus.

O amor será sempre a maior característica que une a humanidade a Jesus Cristo, e assim a envolve em uma dinâmica mistagógica do dom de si à Deus. Para o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Christus Vivit* (2019) referindo-se sobre a natureza do chamado de Deus, cuja dinâmica está na vivência, não só presente, mas potencialmente naquilo que com Ele a jovem e o jovem vocacionado chegarão a ser.

O dom da vocação será, sem dúvida, um dom exigente. Os dons de Deus são interativos e, para os desfrutar, é preciso pôr-me em campo, arriscar. Não será a exigência dum dever imposto por outro de fora, mas algo que te estimulará a crescer e a optar porque esse presente amadureça e se transforme em dom para os outros. Quando o Senhor suscita uma vocação, não pensa apenas no que és, mas em tudo o que poderás, juntamente com Ele e os outros, chegar a ser.²³³

²³³ Cf. ChV, nº 289.

Pugliesi, apontando a reflexão sobre o texto de 1 Cor. 13, feita por Ricoeur diz que, ele “reconhece que o texto ressalta a grandeza do amor, reconhecendo sua dimensão escatológica, como se nele tudo já fosse cumprido [...] Essa é a sua grandeza e o seu mistério²³⁴. O autor segue mensurando que Ricoeur, reconhece o caráter transcendental do amor que é eterno e não conhece limites.

Para Ricoeur duas questões se encontram e se articulam quando dizem respeito ao imperativo do amor: 1) Ao nível dos atos dos discursos, o amor tem uma força ilocucionária dos mandamentos ordinários das relações humanas que pedem por si mesmas um ato de obediência; 2) No nível ético, o amor é comparado aos princípios morais dos quais dependerão outras máximas que lhes são subordinadas [...] Ricoeur, assume a ideia de que o comando de amar é o amor se recomendando a si mesmo²³⁵.

Não são as filosofias ou grandes teorias sobre a fé ou um intelectualismo engessado que não ultrapassam a esfera racional, mas o amor, amor concreto, amor que faz com que aqueles que O seguem desejem ser iguais a Ele na sua capacidade de amar. Amor este que nos faz entender homens e mulheres que na radicalidade de suas vidas deixaram tudo para seguir a Jesus Cristo.

No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão recebida, seu amor serviçal até à doação de sua vida. Hoje, contemplamos Jesus Cristo tal como os Evangelhos nos transmitem para conhecermos o que ele fez e para discernirmos o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias.²³⁶

Mas se esse fascínio pela pessoa de Jesus Cristo é algo inerente à condição humana, é fato, a santidade é possível em meio aos desafios da pós modernidade. Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018), diz que “A santidade é o rosto mais belo da Igreja. Mas, mesmo fora da Igreja Católica e em áreas muito diferentes, o Espírito suscita sinais da sua presença, que ajudam os

²³⁴ PUGLIESI, Giuliano Spanaveli. Amor In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 33.

²³⁵ PUGLIESI, Giuliano Spanaveli. Op. Cit. 2019, p. 34.

²³⁶ Cf. DAp, nº 139.

próprios discípulos de Cristo”²³⁷. Essa santidade que é dever de todo cristão batizado que não precisa necessariamente objetivar a beatificação ou canonização. Continua o Papa, a dizer que é o Espírito Santo de Deus quem se encarrega em derramar a Santidade por todos os cantos do mundo “porque aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente”²³⁸.

Santidade, oração, conhecimento de Deus, atitude de escuta, reconhecer seu chamado, todas essas circunstâncias requerem atitude silenciosa, de que estão aptos para acolher o próprio Deus. Sentir-se solitário em alguns momentos, favorece a dependência de Deus, pois, na medida que se ama, se sente amado, se sentindo amado sente-se cada vez mais necessitado desse amor. Para isso, Pugliesi, sobre Ricoeur diz que

A ideia verdadeiramente genial é então mostrar o mandamento de amar jorrando desse vínculo de amor entre Deus e uma alma solitária [...] Ricoeur, observa que o mandamento do amor coincide com o próprio amor, uma vez que é ao mesmo tempo objeto e sujeito do mandamento²³⁹.

Todos os fiéis em suas mais diversas opções de vida são chamados a trilharem o mesmo caminho que os profetas, discípulos e as primeiras comunidades que nos precederam, pois, nos favorecem uma reflexão sobre o processo e desafios pelos quais aqueles que optam por seguir a Jesus Cristo passam. São João Paulo II resgatando a necessidade de santos e santas presentes e agindo no mundo exorta os leigos e leigas sobre seu papel fundamental e elemento constitutivo da sua dignidade. Diz o Papa pela Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (1988);

A vocação à santidade deverá ser compreendida e vivida pelos fiéis leigos, antes de mais, como sendo uma obrigação exigente a que não se pode renunciar, como um sinal luminoso do infinito amor do Pai que os regenerou para a Sua vida de santidade. Tal vocação aparece então como componente essencial e inseparável de nova vida batismal e, por conseguinte, elemento constitutivo da sua dignidade. Ao mesmo tempo, a vocação à santidade anda intimamente ligada à

²³⁷ Cf. GeE, nº 9

²³⁸ Cf. GeE, nº 6

²³⁹ PUGLIESI, Giuliano Spanaveli. Amor In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 34, 35.

missão e à responsabilidade confiadas aos fiéis leigos na Igreja e no mundo. Com efeito, a própria santidade já vivida, que deriva da participação na vida de santidade da Igreja, representa o primeiro e fundamental contributo para a edificação da própria Igreja, como «Comunhão dos Santos». Um cenário maravilhoso se abre aos olhos iluminados pela fé: o de inúmeros fiéis leigos, homens e mulheres, que, precisamente na vida e nas ocupações do dia a dia, muitas vezes inobservados ou até incompreendidos e ignorados pelos grandes da terra, mas vistos com amor pelo Pai, são obreiros incansáveis que trabalham na vinha do Senhor, artífices humildes e grandes — certamente pelo poder da graça de Deus — do crescimento do Reino de Deus na história.²⁴⁰

Casaldáliga (2008) apresenta algumas pistas que podem ajudar a viver com coerência espiritual e pastoral a fé dentro da dinâmica eclesial onde estamos inseridos e naquilo que somos.

a) Conjugar a fidelidade e a comunhão com a liberdade e profecia; b) viver e defender o pluralismo dos carismas e dos meios; c) superar tanto o complexo de salvadores da pátria/Igreja como o de vítimas perseguidas em casa; d) salvaguardar sempre o testemunho, a coerência, a veracidade. A verdade nos faz felizes, e a liberdade nos faz verazes; e) na inevitável conflitividade com que viveu o próprio Jesus, as primeiras comunidades e a história toda da Igreja. Sendo “signos de unidade” e “sinais de contradição”; f) na oração, na opção pelos pobres, na formação permanente, no intercâmbio, no bom humor e na esperança.²⁴¹

Se olharmos para as histórias dos santos da Igreja, vemos um contexto social amplo e complexo, contexto de marginalização, de guerras, pobreza, doenças, exclusão e exploração do âmbito religioso, contextos não tão diferentes da atualidade. Mas percebe-se na vida destes santos uma busca de conhecer a si mesmo, de auto conhecer em suas próprias limitações, para assim suprir o desejo da graça salvífica como agente motivador de suas ações. O Diretório para a Catequese diz que cada homem ou mulher que “saindo da inquietação que habita em seu coração, por meio da busca sincera pelo sentido de sua própria existência, em Cristo é capaz de

²⁴⁰ Cf. CL, nº 17.

²⁴¹ CASALDÁLIGA, Pedro. *Nossa Espiritualidade*. 4ª ed. - São Paulo: Paulus, 2008, p.49.

se comprometer plenamente; na intimidade com Ele, perceber estar caminhando em veredas da verdade”²⁴².

Os santos e santas apontam o caminho para Jesus Cristo sempre de forma única e peculiar, pois, fizeram de suas vidas uma oferta agradável a Deus sem perder sua identidade humana para que isso acontecesse. Seus testemunhos veem de encontro em fazer presente Cristo na história, apontam para uma vida de santidade cuja espiritualidade se fundamente e se baseia em Cristo vivo e atuante na história humana. A busca e vivência da santidade está também alinhada à busca de si mesmo no sentido de se auto transcenderem para se configurarem a Jesus Cristo, modelo de todas as virtudes sagradas. Papa Francisco convocando a todos à prática da santidade diz:

No fundo, a falta dum reconhecimento sincero, pesaroso e orante dos nossos limites é que impede a graça de atuar melhor em nós, pois não lhe deixa espaço para provocar aquele bem possível que se integra num caminho sincero e real de crescimento. A graça, precisamente porque supõe a nossa natureza, não nos faz improvisamente super-homens. Pretendê-lo seria confiar demasiado em nós próprios. Neste caso, por trás da ortodoxia, as nossas atitudes podem não corresponder ao que afirmamos sobre a necessidade da graça e, na prática, acabamos por confiar pouco nela. Com efeito, se não reconhecemos a nossa realidade concreta e limitada, não poderemos ver os passos reais e possíveis que o Senhor nos pede em cada momento, depois de nos ter atraído e tornado idóneos com o seu dom. A graça atua historicamente e, em geral, toma-nos e transforma-nos de forma progressiva. Por isso, se recusarmos esta modalidade histórica e progressiva, de facto podemos chegar a negá-la e bloqueá-la, embora a exaltemos com as nossas palavras.²⁴³

Seguindo a linha sobre o autoconhecimento nos deparamos com Santa Terezinha do Menino Jesus que tão jovem nutriu um forte desejo de ser santa. Não só santa, mas uma grande santa. Nutria uma inocência espiritual, no sentido de pureza evangélica, na vivência das virtudes via um meio de buscar a santidade, desde os afazeres mais simples e corriqueiros até mesmo na possibilidade de mortificar-se a fim de que não deixasse passar nenhuma possibilidade de agradar a Jesus. Sem mesmo sair dos muros de um convento fora reconhecida por seu amor pela igreja e

²⁴² Cf. DC, 2020, nº 17.

²⁴³ Cf. GeE, nº 50.

seu ardor missionário. Em reconhecimento por suas virtudes foi canonizada no ano de 1927 por Papa Pio XI e por sua vida de oração, a Igreja a reconhece como Padroeira Universal das Missões. Tudo o que se sabe sobre Santa Terezinha está relacionado ao seu desejo de ser toda de Jesus e que não queria viver um momento se quer sem estar em Sua presença.

Dizer que Terezinha viveu de amor por Jesus não é necessário, mas é bom frisar que foi um amor construído através de uma profunda intimidade relacional com o divino amante. Terezinha resgata como via de acesso a Jesus a condição de pequenez, de criança, que se deixa conduzir por Ele. A contemplação diante de Jesus era incansável por parte de Tereza, pois, sabia que somente ali encontrava a paz que seu coração tanto desejava. Não almejava uma busca de santidade construída a partir de teorias ou de grandes atos heroicos, mas o caminho era sempre a simplicidade. Algo que se contrapõe à sociedade atual onde toda e qualquer iniciativa está sendo colocada nos grandes murais das redes sociais.

Nenhuma oportunidade de fazer o bem, era desperdiçada por Terezinha. Entendia que confiança e pobreza atraíam cada vez mais o olhar de Jesus para as almas. A pobreza na vida dos santos tinha caráter de identificação com Jesus que não tinha nem onde reclinar sua cabeça (cf Mt 8,20), mas também o excesso de coisas se tornaria uma prisão para a alma que desejava somente a Deus.

Já vimos que amar implica verdade, pois, são duas características que na espiritualidade assumem caráter de total relevância e essencial condição para tal. Fato este que quando se pensa em Santo Agostinho (354-430), se torna quase impossível não pensar na busca de Deus a partir da interioridade, na busca incessante da própria verdade, como o próprio relata em suas Confissões.

Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu fizeste meu auxílio. Entrei e com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável. Não era essa luz vulgar e evidente a todos com os olhos da carne, ou uma luz mais forte do mesmo gênero. Era como se brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza. Não era uma luz como esta, mas totalmente diferente das luzes desta terra²⁴⁴.

²⁴⁴ AGOSTINHO, Santo. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulinas, 1984, Livro VII.

Os santos nutriam a virtude de reconhecer que sua existência era por bondade de Deus, o sentido real de todas as coisas existentes e seres vivos. Essa relação dos santos com Deus se fortalecia na medida em que se colocavam na total dependência de Deus e ao mesmo tempo quando tomam consciência de si mesmo, de suas fraquezas, de suas limitações, mas também da sua vontade em deixar que Deus use de suas vidas como instrumentos na vida de outras pessoas. A conversão é inevitável para aqueles que se deixaram fascinar por Jesus Cristo, cuja fé não se baseava na materialidade das coisas, mas na íntima certeza de que dentro do coração humano é onde Deus habita e age. Embora houvesse deslizamentos, quedas, medos, receios, incertezas e a dualidade de vontades, características presentes na vida de todos os homens e mulheres chamados por Deus. Nisto Santo Agostinho percebia em si mesmo.

Os pensamentos e reflexões sobre ti eram como os esforços daqueles que desejam despertar, mas vencidos pela profundidade do sono, nele tornam a mergulhar. Ninguém quer dormir constantemente, e todos concordam que é melhor manter-se desperto. Contudo, quando o sono tornar os membros pesados, retarda-se o esforço de acordar e quando a contragosto chega a hora de levantar, aprecia-se ainda mais o sono. Do mesmo modo, estava eu certo de que seria melhor entregar-se a teu amor que ceder à minha paixão²⁴⁵.

Assim, como todo processo vocacional, a consciência e experiência de Deus passa por um processo gradativo, de certezas e incertezas, de coragem e receio, de virtudes e paixões. Mesmo Agostinho passou por uma ascensão gradativa na descoberta do Deus que o chamava. O próprio reconhecia este aspecto de sua vida com afinco.

Admirava-me de agora amar a ti, e não a um fantasma em teu lugar. Mas, ao mesmo tempo, eu não era estável no gozo do meu Deus. Atraído por tua beleza, era logo afastado de ti por meu próprio peso, que me fazia precipitar gemendo por terra. Esse peso eram os meus hábitos carnis; mas tua lembrança me acompanhava, e eu já não duvidava absolutamente da existência de um ser a quem devia estar unido...²⁴⁶.

²⁴⁵ AGOSTINHO, Santo. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulinas, 1984, Livro X, cap. 27, pg. 277.

²⁴⁶ AGOSTINHO, Santo. Op. Cit. 1984, p. 180.

A santidade de Agostinho, evidencia-se assim, como também tem seu sustento na vida de oração de sua mãe Mônica, que não cessava em medir esforços e tempo em rezar pela conversão de seu filho. Já em Francisco de Assis, após passar pela experiência de abandonar riquezas e ser rejeitado pelo próprio pai, se vê na disposição de abraçar Jesus no irmão leproso, e abandonar as suas seguranças e preconceitos. Vemos em Francisco de Assis um amor pela criação que ultrapassa a compreensão humana, a ponto de entender a morte como uma extensão da vida, por isso, a morte vista como uma irmã. Um desapego e vivência da pobreza evangélica e sua completa adesão à Cristo, principalmente Cristo pobre. O próprio Papa Francisco na introdução da Encíclica *Fratelli Tutti* (2020) destaca ter se inspirado em Francisco de Assis ao escrever a Encíclica *Laudato Si* (2015) e agora volta a inspirá-lo por ocasião de sua festa litúrgica a reflexão sobre Fraternidade e a amizade social. Diz o Papa:

Este Santo do amor fraterno, da simplicidade e da alegria, que me inspirou a escrever a encíclica ‘Laudato Si’, volta a inspirar-me para dedicar esta nova encíclica à fraternidade e à amizade social. Com efeito, São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido aos que eram da sua própria carne. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos.²⁴⁷

Para Francisco de Assis o mínimo desprezo à um pobre ou qualquer outra criatura, era como uma ofensa ao próprio Cristo. Sua realidade concreta era Deus e nada se afastava deste princípio. Nesta linha franciscana, o Papa Francisco não deixa a Igreja esquecer de olhar para o pobre como aqueles mais amados por Jesus Cristo e mais necessitados de ajuda. Por ocasião do *III dia Mundial dos Pobres em 2019*, Papa Francisco, assim como Francisco de Assis vê na pobreza uma oportunidade de ressignificação da pobreza como meio de salvação e de santificação daqueles e daquelas que com os pobres escolhem trabalhar. Principalmente quando se entende que atuar com os pobres, não é ser assistencialista, mas “buscar o seu verdadeiro bem. Não é fácil ser testemunha da esperança cristã no contexto cultural do consumismo e do descarte, sempre propenso a aumentar um bem-estar superficial e

²⁴⁷ Cf. FT, nº 2.

efêmero. Requer-se uma mudança de mentalidade para redescobrir o essencial".
 Segue o Papa Francisco.

Aos olhos do mundo, é irracional pensar que a pobreza e a indignidade possam ter uma força salvífica; e, todavia, é o que ensina o Apóstolo quando diz: "Humanamente falando, não há entre vós muitos sábios, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas o que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte. O que o mundo considera vil e desprezível é que Deus escolheu; escolheu os que nada são, para reduzir a nada aqueles que são alguma coisa. Assim, ninguém se pode vangloriar diante de Deus» (1 Cor 1, 26-29). Com os olhos humanos, não se consegue ver esta força salvífica; mas, com os olhos da fé, é possível vê-la em ação e experimentá-la pessoalmente. No coração do Povo de Deus em caminho, palpita esta força salvífica que não exclui ninguém, e a todos envolve numa verdadeira peregrinação de conversão para reconhecer os pobres e amá-los²⁴⁸.

A Campanha da Fraternidade (2020), cujo tema fora embasado no texto do Bom Samaritano (cf Lc 10, 25-37) resgata a imagem de Santa Dulce dos Pobres, santa brasileira, que na sua humildade e simplicidade se viu diante uma comunidade necessitada de cuidados médicos, mas também necessitados da presença de um Deus próximo atento às suas necessidades. Esta santa enfrentou dificuldades até mesmo por parte da Comunidade Religiosa a que pertencia, por inúmeros motivos. Parece algo contraditório, pois, se entendemos a Vida Religiosa como expressão máxima da consagração a Deus, mas essa mesma comunidade nem sempre reconhece a voz de Deus agindo na vida de seus membros.

A santidade na Igreja, como fruto da adesão ao Reino de Deus e do chamado que Deus faz aos homens e mulheres está ao alcance todos, quando estes se colocam à disposição da graça de Deus. Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016) sob inspiração de São Francisco de Assis, também foi exemplo de fé, perseverança e luta pela causa dos mais pobres em suas mais diversas realidades. Assume a luta pela classe operaria, pela mulher, pelos pequenos, marginalizados e periféricos. Ele andava pelas periferias da cidade como se estivesse em sua própria casa. Assim como Francisco de Assis, assim como o Papa Francisco, Dom Paulo fez de sua vocação uma opção pelos mais pobres e a mercê do sistema econômico. Lutou contra a ditadura militar no

²⁴⁸ Cf. III Dia de Oração pelos pobres, 2019, nº 9. Disponível em [III Dia Mundial dos Pobres, 2019: «A esperança dos pobres jamais se frustrará» | Francisco \(vatican.va\)](http://www.vatican.va/news_services/liturgics/2019/03/20190303_III_Dia_Mundial_dos_Pobres_2019_«A_esperanca_dos_pobres_jamais_se_frustrará»_Francisco_vatican.va.html) acesso em 14.12.2020.

Brasil, e deixou-se conduzir pela vontade de Deus no meio do povo. Manzato (2015) ao falar sobre Dom Paulo, diz:

Com Dom Paulo o ideal franciscano assumiu outros ares: é a experiência de toda uma Igreja que volta sua atenção para os pobres e busca encontrar caminhos para sua libertação. Trata-se de pensar uma espécie de macro-caridade, porque é uma ação em benefício de todo o povo que habita a esquecida periferia da cidade e, mais ainda, que é realizada por eles mesmos. Mais do que fazer algo pelos pobres, é fazer com que vivam seu papel de sujeitos de sua própria história. E estes foram aspectos destacados na ação da Operação periferia: a formação de líderes e o protagonismo de leigos e leiga na ação missionária eclesial²⁴⁹.

O Papa Francisco ao escrever a Exortação Apostólica *Christus Vivit* (2019) traz algumas referenciais de santidade para a juventude, alguns santos que ouviram a voz de Deus no auge de sua adolescência e juventude. Sendo eles: “São Sebastião – no século III, São Francisco de Assis; Santa Joana d'Arc; O Beato André Phû Yê; Santa Catarina Tekakwitha, jovem leiga nascida na América do Norte; São Domingos Sávio; Santa Teresa do Menino Jesus; O Beato Zeferino Namuncurá; O Beato Isidoro Bakanja; O Beato Pier Jorge Frassati; O Beato Marcelo Callo; a jovem Beata Clara Badano, que morreu em 1990, “experimentou como o sofrimento pode ser transfigurado pelo amor (...). A chave da sua paz e da sua alegria era a total confiança no Senhor e a aceitação também da doença como expressão misteriosa da sua vontade para o seu bem e para o bem de todos”²⁵⁰.

Papa Francisco após enfatizar a memória destes santos que em nome da fé entregaram suas vidas, ainda segue exortando aos jovens sobre a esperança como meio de escapar das armadilhas que matam os sonhos de desejos da juventude. Segue o Papa na referida Exortação Apostólica *Christus Vivit* (2019):

Não deixes que te roubem a esperança e a alegria, que te narcotizem para te usar como escravo dos seus interesses. Ousa ser mais, porque o teu ser é mais importante do que qualquer outra coisa; não precisas de ter nem de parecer. Podes chegar a ser aquilo que Deus, teu Criador, sabe que tu és, se reconheceres o muito a que estás chamado. Invoca o Espírito Santo e caminha, confiante, para a grande meta: a santidade. Assim, não serás uma fotocópia; serás plenamente

²⁴⁹ MANZATTO, Antonio. In. Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns: Pastor das periferias, dos pobres e da justiça. (Org. Professor Valdir e Padre Ticão). São Paulo: Casa da Terceira Idade Tereza Bugolim, 2015. P, 259.

²⁵⁰ Cf. ChV, nº 51-62.

tu mesmo. Para isso, precisas de reconhecer uma coisa fundamental: ser jovem não significa apenas procurar prazeres transitórios e sucessos superficiais. Para a juventude desempenhar a finalidade que lhe cabe no curso da vida, deve ser um tempo de doação generosa, de oferta sincera, de sacrifícios que custam, mas tornam-nos fecundos.²⁵¹

Assim, como a Dom Paulo, tantos outros referenciais de santidade contemporâneos fizeram de suas vidas uma oportunidade singular em testemunhar sua fé em Jesus Cristo. Pessoas como, Dom Helder Câmara (1909-1999); Ir. Doroty Stangy (1931-2005), martirizada, assassinada à sangue frio; Dom Pedro Casaldàliga (1928-2020), Dom Henrique Soares (1963-2020), este vitimado pela Pandemia do Covid-19. O que estas pessoas têm em comum? Jesus Cristo! Uma resposta simples de se dar, mas tão complexa de se vivenciar, logo que Jesus Cristo é um projeto de vida, uma constância vital para a existência humana e eclesial.

Algumas características da vida dos Santos devem ser resgatadas como meio de confronto perante as diversas ações pastorais da Igreja do tempo presente; a maneira como se administra os bens comuns; a forma com que os mais pobres e marginalizados são tratados; o temor a Deus no desenrolar dos diversos ministérios e serviços pastorais; por fim, a concepção e valorização da vida de cada um passaria a assumir caráter de sacramento dentro do agir pastoral e eclesial. Cabe aqui ressaltar que os Santos não foram pessoas escolhidas por Deus por serem perfeitos, mas sim porque descobriram na perfeição de Deus as respostas para as suas imperfeições. Mas tudo começa pela transformação de si mesmo, da intimidade e da conversão pessoal, e principalmente pelas exigências do contexto em que se vive.

A experiência vocacional que realmente brota de uma ação originária do próprio Deus, tem caráter serviçal, de abertura à um Outro ou aos outros, de entrega livre e da busca constante de estar cada vez mais na presença de Deus e de deixar-se conduzir pelo sopro do Espírito Santo. O homem e a mulher que se coloca nesta cainhada vocacional e missionária precisa urgentemente reconhecer que o agente motivador para que sua vocação amadureça é o mesmo que dá sentido e se torna o fim último de ser, o próprio Jesus Cristo. Manter os olhos fixos no Senhor, não é só

²⁵¹ Cf. ChV, nº 107-108.

uma frase de cunho romancista, mas uma necessidade para que não haja desvios, subterfúgios e consequências que levam à morte da vocação ou daquilo que a sustenta.

Se pensarmos em uma vocação pautada no seguimento radical à Jesus Cristo, consequentemente homens e mulheres consagrados se permitirão viver uma experiência de morte e de pequenas e grandes renúncias. Morte de planos, sonhos de infância, desejo de conquistas e posses, de reconhecimento por seus méritos pessoais, de uma formação profissional que talvez os levassem a conhecer o mundo inteiro com experiências inúmeras, para se permitirem permanecer no silêncio de um claustro, dentro de confessionário repleto muitas vezes de dores, de pecados que humanamente atemorizam por suas gravidades, para se esconderem e se deixar esconder dentro uma batina branca cobrindo as próprias limitações. Se permitirem viver uma vida comunitária regrada pela obediência à outro dentro do contexto da Vida Religiosa. Tudo isso alcança seu ápice na contemplação da graça de Deus, e como Maria poder dizer diariamente e com toda liberdade interior “O Senhor fez em mim maravilhas, Santo é o seu Nome” (cf Lc 1, 47s), reconhecendo aquilo que Ele faz por toda a humanidade.

3.2 Reino de Deus que se expressa no amor e na justiça

Ter o Reino de Deus como herança é ter a Verdade como ponto de partida e como condição, pois, um discurso religioso que não parta da verdade não passa de palavras lançadas ao vento, que não causam impacto na vida de quem prega, muito menos convence a quem ouve. A justiça assim, como foi na boca dos profetas da antiguidade precisa ser uma constância na ação evangelizadora da Igreja da atualidade, sendo está sinal visível do Reino de Deus aqui na terra, por isso, deve estar sempre preparada para os desafios oriundos de sua própria identidade, a de ser sinal do Reino de Deus. Optar pelo Reino de Deus em seu percurso de libertação, implica a vivência de um contexto de oposição. Reino de Deus e libertação enquanto processo de salvação, são duas realidades que se relacionam entre si e que devem viver em constante diálogo.

A justiça tem necessariamente conotação de Reino de Deus, não se pode separar essas duas realidades tênues que no discurso de Mateus encontra evidência.

“Buscai em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6, 33). Nisto nos ajuda a refletir o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018): “A tua identificação com Cristo e os seus desígnios requer o compromisso de construíres, com Ele, este Reino de amor, justiça e paz para todos”²⁵².

Antes mesmo do que aquilo que estamos acostumados a ouvir, o Reino de Deus não é um dizer ou um meramente professar da fé nos altos púlpitos e diante de grandes públicos, mas um fazer, um colocar-se, na prática daquilo que a própria fé exige de cada homem e mulher que se coloca no caminho do Divino Mestre. Cabe aqui lembrar que o chamado dirigido por Deus é para todos, mas Deus não chama simplesmente para ocupar os espaços e bancos dos templos sagrados, mas chama para um sair, um ser sinal, um estar no meio do povo e com o povo assumir suas lutas e celebrar suas vitórias.

Muitos dos discursos religiosos que ouvimos principalmente nas grandes mídias colocam o materialismo como algo contrário à fé, tanto que faz com que aqueles que ouvem queiram desfazer-se de seus bens, levando muitos ao endividamento e perda de sua dignidade em nome de uma falsa ideia de relacionamento com Deus, como se Deus se alegrasse com o sacrifício dessas pessoas, enquanto outras vivem com luxuosidade adquirida sobre a fé ingênua dos mais pobres e ignorantes. Mas um outro fator se faz necessário estar em nossas reflexões que é justamente o espiritualismo, onde o relacionamento com Deus é de forma unilateral, entre o fiel e Deus, sem que este passe pelo crivo do olhar o outro, os mais pobres ou para as diversas situações caóticas que vivem muitas famílias. Segundo Comblin (2004) esse é sim um dado preocupante:

A maior tentação dos cristãos não é o materialismo, mas o espiritualismo. É fazer do cristianismo um caminho de vida espiritual distante do mundo material, com um programa de atividades internas, feitas de emoção, de sentimentos, de ideias ou puramente religiosas fora da rede das atividades diárias e fora das dinâmicas do mundo – espécie de programa de saída deste mundo material, para viver um mundo feito de puro espírito, longe da matéria considerada como obstáculo, feio ou tentação.²⁵³

²⁵² Cf. GeE, nº 25.

²⁵³ COMBLIN, José. *Op. Cit.*, 2004, p.175.

A atual conjuntura favorece aos cristãos à tendência de uma fé do discurso e de uma experiência intimista, de cunho individualista, onde ao invés da inserção no mundo para transformá-lo, sugere uma *fuga mundi*, “endemonizando” toda e qualquer ação que fuja do conceito que se cria ao redor dessa forma de viver a fé. Vive-se com tanta sede do que é do alto, mas se esquecem de que o Próprio Deus quis que seu Filho se fizesse homem e experimentando de nossa humanidade, fizesse deste mundo um lugar melhor, onde o Reino se concretiza pela prática da justiça e do respeito à vida. Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018) expõe de forma contextualizada tal realidade preocupante:

Mas é nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista; ou então relativizam-no como se houvesse outras coisas mais importantes, como se interessasse apenas uma determinada ética ou um arrazoado que eles defendem. A defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada, porque neste caso está em jogo a dignidade da vida humana, sempre sagrada, e exige-o o amor por toda a pessoa, independentemente do seu desenvolvimento. Mas igualmente sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, no tráfico de pessoas, na eutanásia encoberta de doentes e idosos privados de cuidados, nas novas formas de escravidão, e em todas as formas de descarte. Não podemos propor-nos um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo, onde alguns festejam, gastam folgadoamente e reduzem a sua vida às novidades do consumo, ao mesmo tempo que outros se limitam a olhar de fora enquanto a sua vida passa e termina miseravelmente.²⁵⁴

Jesus Cristo é o cumprimento da vontade de Deus, a palavra que fez carne, a Boa Nova do Reino, o próprio Reino de Deus. Nele se cumpre o tempo, se realizam as promessas, se fundamentam as alianças e N'ele toda a verdade encontra plena realização. “O prazo se cumpriu. O Reino de Deus está chegando. Convertam-se e creiam no Evangelho” (Mc 1,15). Jesus pregava o Reino unicamente por amor, por compaixão “Vendo às multidões, tomou-se de compaixão por elas porque estavam exaustas e prostradas como ovelhas sem pastor” (Mt 9, 36;15.32). O Evangelho do amor só pode ser vivido e anunciado por amor, pela ética e pela ótica da compaixão.

²⁵⁴ Cf. GeE, nº 101.

Segundo a Carta de São Paulo aos Romanos: “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5). Esse amor é o amor com que Deus nos ama, e nos faz amar, a Ele e aos irmãos. Quem ama a Jesus Cristo, quem o descobriu como Paulo, percebe, no mesmo instante, a urgência de comunicá-lo, porque aquele Cristo vivo que encontrou, é o Cristo que deve ser anunciado para todos os povos. Esse amor por todos os homens deve nos conduzir a meta, que é a construção do Reino de Deus, que deve germinar em todos os lugares, abrangendo todos os povos, raças e nações.

O Reino de Deus resume toda a proposta de Jesus. É uma nova ordem de acontecimentos e projeções que estarão sempre de acordo com o projeto de Deus para a nossa história, onde reine a justiça, a paz e o amor entre as pessoas. O Reino de Deus pode ser comparado a humanidade sem pecado, uma humanidade que se espelha na relação estabelecida entre as três pessoas da Santíssima Trindade. O Reino de Deus não tem definição, ele acontece na História e na Humanidade. O Cristo torna presente o Reino, depois do seu batismo, manifestando a sua vocação messiânica. “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isto que fui enviado” (Lc 4, 43).

A voz do Senhor continua a nos chamar como discípulos missionários e nos desafia a orientar toda a nossa vida a partir da realidade transformadora do Reino de Deus que se faz presente em Jesus Cristo, ele é “o Reino de Deus que procura demonstrar toda a sua força transformadora em nossa Igreja e em nossas sociedades”²⁵⁵. Acolhemos com muita alegria essa boa notícia. Reino de Deus e justiça na Sagrada Escritura são realidades que se manifestam precisamente pela misericórdia. São João Paulo II na Carta Encíclica *Dives in Misericordia* (1980) cita que:

A justiça divina revelada na cruz de Cristo é a medida de Deus, porque nasce do amor e se realiza no amor, produzindo frutos de salvação. A dimensão da divina Redenção não se verifica somente em ter feito justiça ao pecado, mas também no fato de ter restituído ao amor uma nova força criativa, graças à qual o homem tem novamente acesso à plenitude de vida e de santidade que provém de Deus. Desse modo, a redenção traz em si a revelação da misericórdia na sua plenitude. O mistério pascal é o ponto culminante da revelação e da atuação da

²⁵⁵ Cf. DAp. Nº 387.

misericórdia, capaz de justificar o homem e de restabelecer a justiça como realização do desígnio salvífico de Deus. Até o homem que não crê, poderá descobrir nele a eloquência da solidariedade com o destino humano, bem como a harmoniosa plenitude da dedicação desinteressada à causa do homem, à verdade e ao amor.²⁵⁶

Pensar uma justiça divina que se revela na cruz, vendo um inocente morrer sem pecado algum, parece ter mais a ver com injustiça do que tal. Mas a justiça divina não parte de conceitos humanos e nem é pré-estabelecida por leis que garantam direitos, mas não os direitos dos mais pobres, mas de quem tem mais força, status e dinheiro. A justiça que socialmente temos nem sempre leva em consideração as condições de vida que muitas pessoas têm, muitas vezes, colocam fardos nas costas de um povo que nem eles mesmos suportariam carregar.

Para muitos, principalmente para uma minoria, justiça está relacionada a salvaguardar propriedades enormes, o acúmulo de riquezas, nem que para isso coloca-se atrás das grades, pobres e indefesos que sucumbem por um espaço simplesmente para sobreviver. Reino de Deus sem qualidade de vida dos próprios filhos de Deus não existe. Na Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (1990), São João Paulo II aponta e faz uma comparação ao entender Reino de Deus sem ser em consonância com a Igreja. Diz o Papa:

Hoje fala-se muito do Reino, mas nem sempre em consonância com o sentir da Igreja. De facto, existem concepções de salvação e missão que podem ser designadas “antropocêntricas” no sentido redutivo da palavra, por se concentrarem nas necessidades terrenas do homem. Nesta perspectiva, o Reino passa a ser uma realidade totalmente humanizada e secularizada, onde o que conta são os programas e as lutas para a libertação sócio econômica, política e cultural, mas sempre num horizonte fechado ao transcendente. Sem negar que, a este nível, também existem valores a promover, todavia estas concepções permanecem nos limites de um reino do homem, truncado nas suas mais autênticas e profundas dimensões, espelhando-se facilmente numa das ideologias de progresso puramente terreno. O Reino de Deus, pelo contrário, “não é deste mundo (...) não é daqui debaixo” (Jo 18, 36).²⁵⁷

²⁵⁶ Cf. DM, nº 7.

²⁵⁷ Cf. RM, nº 17.

As bem aventuranças de Jesus são chaves para compreendermos a realização do primado do Reino de Deus, tendo a misericórdia como mensagem central de toda sua ação, pois, são as “bem aventuranças que nos fazem participantes da natureza divina”²⁵⁸. A igreja é chamada a ser misericordiosa em todos os setores sociais que ela atingir, mas uma misericórdia verdadeira, cujo sentido está no resgate da dignidade humana. Nisto Papa São João Paulo II, ao falar sobre a Misericórdia Divina (1980), diz que:

O verdadeiro significado da misericórdia não consiste apenas no olhar, por mais penetrante e mais cheio de compaixão que seja, com que se encara o mal moral, físico ou material. A misericórdia manifesta-se com a sua fisionomia característica quando *reavalía, promove e sabe tirar o bem de todas as formas de mal* existentes no mundo e no homem. Entendida desta maneira, constitui o conteúdo fundamental da mensagem messiânica de Cristo e a força constitutiva da sua missão. Desta mesma maneira entendiam e praticavam a misericórdia os discípulos e seguidores de Cristo. A misericórdia nunca cessou de se manifestar nos seus corações e nas suas obras, como prova particularmente criadora do amor, que não se deixa «vencer pelo mal», mas vence «o mal com o bem». É que o rosto genuíno da misericórdia seja sempre descoberto de maneira nova. Não obstante vários preconceitos, a misericórdia apresenta-se como particularmente necessária nos nossos tempos.²⁵⁹

A adesão ao projeto do Reino de Deus, explicitado nas Bem-Aventuranças, é feita através da graça de Deus que age no mundo. Neste sentido, o Reino acontece no cotidiano do povo, nas comunidades, na história humana. E ainda, outras categorias do Reino que são a paz, a justiça e o perdão. Essas categorias são características, são virtudes universais enquanto realidades de comunhão e de salvação. A alegria é sinal do Reino de Deus. A reabilitação, solidariedade e partilha, são sinais do Espírito Santo, que promovem a construção do Reino.

A primeira bem-aventurança se refere aos pobres em espírito ou pobres com o espírito (v3), (...) a bem-aventurança da pobreza se refere aqueles/as que assumem a pobreza como um modo de vida alternativo ao império (4,8-10), que rompe com o ídolo do dinheiro, da riqueza e do domínio está apto para entrar no Reino do Céu, porque excluiu da sua vida a injustiça. As três bem-aventuranças seguintes se referem à dolorosa situação daqueles que precisam da libertação. A promessa está no futuro: ‘Felizes os mansos’ (v. 5) (...) são aqueles

²⁵⁸ Cf. CIC, nº 1721.

²⁵⁹ Cf. DM, nº 6.

que, movidos pela força de Jesus, o Servo Sofredor, são capazes de defender o que é seu sem usar de violência (Sl 37, 11). Violência, não! Resistência, sim! (...) 'Felizes os que têm fome e sede de justiça' (v. 6), ou famintos e sedentos... Essa bem-aventurança resume as duas anteriores. Sem justiça o ser humano está em situação de morte. O reinado de Deus que é a prática da justiça, significa sociedade humana, vida digna. Isto acontecerá pela prática concreta. Daí vêm as outras três bem-aventuranças que indicam uma atividade em relação ao próximo. A respectiva promessa vem no futuro. 'Felizes os misericordiosos' (v. 7), ou os que sente na pele o problema do outro e prestam ajuda. Não se trata simplesmente de sentimento, mas de verdadeiro culto a Deus. E esse culto é criar laços de solidariedade a partir da prática da justiça e da misericórdia. (...) 'Felizes os puros de coração' ou os retos, 'porque verão a Deus' (v. 8) Trata-se da integridade ou retidão, (...) onde tal comportamento cria novas relações, onde há confiança mútua, porque há transparência entre as pessoas. (...) Essa bem-aventurança ultrapassa a Lei do puro e impuro, que exige pureza ritual para entrar no Templo, lugar da habitação de Deus. Em Jesus Deus está presente no povo. As pessoas que assim age estão promovendo a paz. 'Felizes os que promovem a paz' (v. 9) ou os que trabalham pela paz. (...) Essa bem-aventurança dá o rumo da prática das duas anteriores. Quem faz este trabalho é verdadeiramente filho de Deus, porque está agindo de maneira semelhante ao Pai. A última bem-aventurança completa a primeira. (...) 'Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu' (v.10). A comunidade dos pobres que luta pela justiça a partir da prática da misericórdia, mexe com os interesses dos poderosos, daí a perseguição. O justo incomoda (cf. Sl 54,5). Mateus reforça esta última bem-aventurança, que trata da felicidade de ser perseguido por causa da justiça e mais ainda: perseguido 'por causa de mim'²⁶⁰.

O Reino de Deus se apresenta, buscando a origem conceitual deste termo, cujas características são: as curas, o perdão, a compaixão, a fé, a conversão, a liberdade, a inclusão social, a justiça e a paz, cujas exigências são; a adesão radical ao projeto do Reino de Deus, que é um compromisso ético, que transforma as relações humanas em amor, perdão, fraternidade, solidariedade, libertação e justiça, fazendo com que os homens se ajudem mutuamente. Essas exigências estão contidas nas bem-aventuranças, que visam apresentar o Reino de Deus e eliminar o mal da sociedade. A Igreja sendo a fiel discípula de Jesus Cristo tem como missão: anunciar, proclamar, germinar, viver o Reino de Deus, suscitando a fé que gera a esperança e a caridade.

As bem aventuranças desvendam o objetivo da existência humana, o fim último dos atos humanos. Deus nos chama à sua própria bem-

²⁶⁰ CNBB. *Ele está no meio de nós! O Semeador do Reino: Evangelho de Mateus*. São Paulo, Paulus, 1998, p.47-49. (Doc. Da CNBB).

aventura. Este chamado se dirige a cada um pessoalmente, mas também a toda Igreja, povo novo, formado por aqueles que acolheram a Promessa e nela vivem na fé.²⁶¹

Os sinais da presença do Reino de Deus, no evangelho, são feitos pela linguagem dos milagres, que não é uma ação mágica, mas resultado de uma ação entre os homens e Deus. Analisando o milagre por um enfoque antropológico, ele tem a ver com a saúde do corpo. Saúde das mãos, que nos dá a dignidade do trabalho, comunicação e a expressão; a saúde das pernas, que é caminhar na própria história, ser livre, não ser manipulado; a saúde dos olhos, que é a recuperação da fé, olhar o mundo com os olhos da fé; a saúde do falar; que é o restituir a realidade da expressão do ser humano e por fim, a questão da ressurreição, que é: a glorificação total do ser humano, esse é o maior sinal do Reino de Deus.

Em Cristo ressuscitado, o Reino cumpre-se e é proclamado por seus seguidores que anunciam o mistério da redenção, o Querigma. Nas palavras de Paulo VI, registradas através da Exortação Dogmática *Lumen Gentium* (1964), vê-se que a Igreja é em Cristo “o sacramento ou o sinal e instrumento de íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, ela deseja oferecer aos fiéis e a todo o mundo um ensinamento mais preciso sobre a sua natureza e sua missão universal”²⁶².

A partir do momento que temos como paradigma a fé, a prática da justiça e o amor que Cristo teve, somos chamados a testemunhar, a viver a justiça com todos, principalmente com mais pobres e marginalizados, os excluídos da sociedade. Sendo assim, em fidelidade a Cristo vemos a urgência da instauração do Reino de Deus, visando uma sociedade justa e fraterna, cujas relações são baseadas no amor, no direito e na justiça. A Igreja atenta aos sinais dos tempos, reatualiza o mistério de Cristo encarnado na História, tornando presente o Reino de Deus, mas isso quando ela é capaz de abandonar estruturas caducas e engessadas em si mesma e sair em socorro daqueles que mais sofrem vitimadas pelos pecados sociais.

A Igreja é chamada a proclamar o anúncio profético do amor, derrubando o estatuto que leva a todo tipo de opressão, assim como qualquer outro fator de caráter

²⁶¹ Cf. CIC, nº 1719.

²⁶² Cf. LG, nº 1

separatista. É o momento em que a Igreja deve ir em auxílio dos padecentes, auxílio este que já vai tarde, pois quem sente na pele as consequências do pecado social, sabe como isto é grave, sabe o que é sofrer, ser abandonado, jogado e excluído da sociedade. A Igreja deve ser uma das instituições norteadoras da vida destas famílias, auxiliando-as como defensora dos fracos e marginalizados. Pois, ela deve derrubar essa estrutura que leva a opressão e à exclusão.

Aos olhos da fé vemos uma Igreja samaritana, que vai ao encontro daqueles que estão caídos pelas estradas da vida, levantando-os, cuidando de suas feridas, resgatando a dignidade destas pessoas, que tem seus rostos deformados pela violência e seu ser fragmentado pelas mazelas sociais. Uma Igreja que se inclui no seio da história, liberta de todo tipo de escravidão. Uma Igreja que durante a pandemia de 2020 trabalhou ativamente para cuidar da vida dos irmãos, levou consolo e se fez solidária. E assim, com ela um dia dizer: Chega de marcar a nossa história humana com o sofrimento dos mais fracos!

Como sinal visível do Reino de Deus, a Igreja deve promover os valores do Reino, de paz, de justiça, de liberdade e de verdadeira fraternidade, promovendo e favorecendo o diálogo inter-religioso e o ecumenismo entre todos os povos e culturas. O Reino de Deus não está separado da Igreja que tem a missão de anunciar e evangelizar todos os povos. A Igreja por assim dizer é o próprio sinal do Reino de Deus agindo na história, com seu anúncio profético que leva à conversão, formando comunidades onde todos se sintam acolhidos, amadurecendo a fé, a esperança e a caridade, sendo verdadeiro sacramento de salvação, testemunhando o diálogo com a humanidade numa busca de justiça e de paz. Ela tem o dever de prever uma ação catequética que resgate na humanidade uma religiosidade das tendas, da mobilidade, da ação profética, da pregação da Palavra que vai além do intelectualismo. Uma igreja constante na fé, vivenciada e partilhada a tal ponto de que toda e qualquer forma de desigualdade desapareça de nossa sociedade. “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu pai que está nos céus” (Mt 7, 21). A vontade de Deus é que seus filhos tenham vida, e que nos amemos com ações, pois estas sim transformam e suscitam outras iniciativas de transformação em massa.

Sendo o corpo místico de seu divino mestre, a Igreja realiza o Reino de Deus, pois Ela é as mãos que libertam, que acariciam, que levantam o caído, que curam as

enfermidades dos sofredores, que alimentam a quem tem fome, que dão esperança a quem perdeu a esperança; que é o clamor de quem não tem voz e nem vez, que é o motivo da vida de quem perdeu o sentido da sua existência; que é a luz que ilumina e nos faz enxergar o caminho que Jesus percorreu rumo ao Pai, vencendo as trevas da ignorância e do pecado, o qual é o grande mal que aflige o mundo. Assim percebemos que a Igreja é o fermento que leveda, que transforma a sociedade, fazendo-a perceber os valores do reino presente.

A igreja é chamada a mergulhar e beber da fonte da caridade, que emana do coração da Trindade que nas suas relações, de criar, libertar, santificar, salvar, remir, perdoar e amar, se revela na história como o Deus do Amor que combate toda a forma de escravidão sob o jugo do pecado. Pecado este que é a própria negação da Caridade e a negação dos valores do Reino de Deus. A Igreja é o fermento do amor, que com o seu testemunho derruba os estatutos que leva a opressão e conseqüentemente leva à morte. A igreja existe para servir à humanidade, como sinal concreto da caridade e da prática da justiça e do amor.

Sendo a Igreja dos pobres, promotora da justiça, da partilha, da solidariedade, da compaixão e da dignidade humana, ela é a seta que nos conduz a construção do Reino de Deus, que deve florescer em todos os lugares. A Igreja deve ser sinal do Reino de Deus. A missão é o testemunho de si, onde Ela deve: “evangelizar os pobres; [...] proclamar a remissão aos presos, recuperar a vista aos cegos, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar o ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19). Com isto Ela suscita a fé que gera a esperança e a caridade. Com a comunicação da Palavra de Deus vemos a conversão, cujo ato de fé, suscita o compromisso que se volta para a vida cotidiana, havendo um relacionamento, entre a fé e a vida.

3.3 Algumas Considerações

Se analisarmos com profundidade o verdadeiro significado da vivência e irrupção do Reino de Deus na terra, veremos uma infinidade de tentativas que Deus faz para que o homem se encontre e se reencontre no seio da Trindade. Este capítulo favorece uma reflexão acerca das vocações como oportunidades de vivenciar de maneira singular o relacionamento com Deus e estreitar tal laço de modo que homens e mulheres possam viver a própria vida de Deus em sua plenitude. As vocações na

Igreja foram e ainda são ao longo dos séculos, um dom de Deus que deu vida concreta, pelas vidas humanas aos valores que o seu Filho Jesus trouxe à terra. A vivência radical dos conselhos evangélicos, por homens e mulheres que abraçam o sonho do Reino de Jesus deixam traços do amor de Deus na história da humanidade.

O Reino de Deus é um Reino de concretude, de transformação social, do “ver acontecer”, que requer ação e também doação daqueles que chamados, compreenderam seu papel na centralidade da ação evangelizadora da Igreja. Por vezes, sociedade se perde na busca desenfreada de compensações pessoais, sem objetividade alguma, homens e mulheres demasiadamente necessitados em serem reconhecidos a qualquer custo mesmo que suas ações não alcancem nenhum mérito para tal. Se prestando a situações desumanizantes e que por vezes, leva ao vazio de sua própria essência. Essa tendência embora tão comum em nossa sociedade materialista se vê na tentativa de adentrar os espaços religiosos, levando os jovens, homens e mulheres à uma busca desenfreada por uma espiritualidade midiática, das emoções a flor da pele e de um compromisso só do corpo presente, sem que isto os insiram em um contexto transformador do universo que o envolve. Por isso, a necessidade de mantermos cada vez mais fixos nossos olhos e pensamentos em Cristo e deixar-se cativar por sua Mensagem de vida.

Deixar-se interpelar por um Reino que se desdobra na prática do amor e da justiça, pressupõe caminhar para uma sociedade cujos valores são pautados na ética do amor. Uma fé consistente requer renúncias e fidelidade, caso contrário os estragos causados em nome de “uma religiosidade medíocre” não serão diferentes daqueles causados por esse mundo tão difamado no próprio discurso religioso. Há sim, que retomar a pedagogia do caminho de Emaús e sentir arder nosso coração quando ouvirmos a Sagrada Escritura, há sim que transformar esta sociedade em uma civilização do amor, onde os jovens, os cristãos, a humanidade ainda poderão sonhar, mesmo que vivam de esperança em esperança.

Através da Exortação Apostólica Pós Sinodal *Christus Vivit* (2019) Papa Francisco ressalta o valor de sonhar, não só, mas perseverar nestes sonhos. “Devemos perseverar no caminho dos sonhos. Para isso, é preciso ter cuidado com uma tentação que muitas vezes nos enganam: a ansiedade”. Continua a dizer aos Jovens e conseqüentemente a todo povo, que é necessário ter esperança, pois, “os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e determinação,

renunciando às pressas”. E ao mesmo tempo faz um alerta, pois, “é preciso não se deixar bloquear pela insegurança: não se deve ter medo de arriscar e cometer erros; devemos, sim, ter medo de viver paralisados, como mortos ainda em vida [...]. O Papa segue, dizendo que embora haja erros, sempre haverá a possibilidade de se levantarem, em erguerem a cabeça e recomeçarem, “porque ninguém tem o direito de te roubar a esperança”²⁶³.

Por ocasião do 57º dia Mundial de Oração pelas Vocações Papa Francisco faz uma profunda reflexão sobre o episódio da tempestade acalmada. Sem deixar de ressaltar a coragem de tantos homens e mulheres que consagram suas vidas ao Reino, de maneira íntegra e completa, mas que encorajadas pelo Divino Mestre são capazes de respondê-lo, pois, entendem que esse chamado vem do próprio Deus. Diz o Papa, que “a realização de nós mesmos e dos nossos projetos de vida não é o resultado matemático do que decidimos dentro do nosso eu solado; pelo contrário, trata-se, antes de tudo da resposta a uma chamada que nos chega do Alto”. Mas, sabem que “Aquele” que nos move, também nos direciona ao caminho a seguir, encorajando-nos a subir e a permanecer firmes no barco, mesmo quando a tempestade se fizer forte é Ele, diz o Papa que “tornar-nos capazes até de caminhar sobre as águas tumultuosas”²⁶⁴.

Os desafios são inúmeros quando se trata de seguir na radicalidade os passos do Divino Mestre, através da Igreja, muitas vezes tão vitimada por projeções sociais, mas a graça de Deus é abundante para e sobre aqueles que realmente buscam um servir por amor, através da sua vivência vocacional. O amor sempre será o princípio do agir de Deus e consequentemente daqueles que se deixam tocar por esse amor. O amor não deve compactuar com as fraquezas, misérias e pecados humanos, que são os ídolos: o poder, status e dinheiro. Havendo a abertura ao amor, são eliminadas essas fraquezas. O amor deve ser total, fazendo-se práxis. A vivência do amor é essa radicalidade, que dá base ao Reino de Deus, que é a opção pelo amor como princípio de vida e pela vida, amar até os nossos inimigos, esse é o toque do amor de Deus,

²⁶³ Cf. ChV, nº 142.

²⁶⁴ Mensagem para o 57º dia mundial de oração pelas vocações, 2020. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20200308_57-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html Acesso em 09.09.2020.

que toca todas as afeições humanas, as crianças, jovens, índios, pessoas sofridas, operários deformados pela falta de amor, que são revitalizadas, no amor de Deus pela mediação humana.

A caridade evangélica faz com que tenhamos no nosso agir o mesmo amor ao próximo, que Deus tem por nós, pois a essência dessa virtude é o próprio Jesus Cristo, que nos alimenta na eucaristia, nos fortalecendo, com este amor. A maior ato de fé em Deus é dar testemunho desse amor com retidão e clareza. Viver a vocação é viver a graça de Deus agindo na vida humana, de modo que os olhos possam contemplar as transformações, os braços alcançar os seus efeitos, os ouvidos apreender tal condição, o coração abarcar a totalidade desse amor de quem sabe em quem depositou sua esperança.

Muito se ouve no senso comum que nada alcança sua verdade ou seu valor se não for de coração sincero. E de fato, as palavras de Jesus devem sempre ecoar nos ouvidos de homens e mulheres ao declarar que “é do coração que procedem más intenções...” (Mt 15, 19). Se olharmos atentamente o texto em que Jesus alerta sobre a proximidade do Reino e a conversão é condição (cf Mt 4, 17), veremos também uma alerta sobre possibilidade de não se adentrar a este Reino, seja por não ser como crianças (cf Mt 16,4), seja pela dureza de coração (cf Atos 28, 27), sejam pela não prática da justiça (cf Mt 5,20), mas também pela hipocrisia em que a aparência vale mais que a essência, onde cumprir preceitos se torna mais importante do que servir uns aos outros pelo valor da vida, quando auto promover-se se torna mais importante do que socorrer os mais pobres em suas necessidades. Não devemos ser assim, mas fazer de nossas ações um serviço ao outro, como correspondência de um amor a Deus que ama a todos sem distinção.

Não se consegue viver em sociedade, sem se deixar tocar por aquilo tudo que ela vivencia ou oferece. A sociedade moderna e pós moderna alinha toda sua ação sobre a dinâmica estética, mas que, delonga-se sobre uma forte crise ética. Paga-se qualquer preço para viver uma falsa ilusão de felicidade plena, de auto realização humana, financeira e social, e demasiadamente se perdem numa crise de valores que levam muitos ao suicídio ou situações desumanizantes e caóticas. Dentro da esfera religiosa não é diferente, pois, uma religiosidade que não parta de uma experiência pessoal de Jesus Cristo, no sentido amplo de sua concepção, será cada vez mais nociva à uma demanda vocacional enferma, frágil e inconstante, como se

caminhassem como ovelhas sem pastor, mas que o Pastor está sempre presente e chamando a todo tempo para que voltem para si seus olhares e não soltem sua mão.

Partindo destes pressupostos, pode-se declarar definitivamente que o pessimismo não é característica do cristianismo, por isso, também é do coração humano que brotam as maiores riquezas que podem transformar as relações, os gestos de solidariedade que podem reconstruir a sociedade, a amizade que ultrapassa qualquer barreira imposta, o amor que vence a morte e faz do homem e mulher pessoas vocacionada à santidade que “é um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível da realização da missão de salvação na Igreja”²⁶⁵ A ressurreição nasce de um coração aberto ao amor, que se permite nascer pela celebração litúrgica do Natal e renascer pela graça do Batismo inserido no mistério Pascal, para uma realidade epistêmica, aberta à graça do Espírito Santo, como autor de toda ação da Igreja no mundo. “O coração consegue ver além dos fatos; vê seu encadeamento com a totalidade; discerne significações e descobre valores”²⁶⁶

A igreja, como via principal da presença do Reino no mundo atual, se torna lugar de encontro, de construção, onde a paz passa a ser consolidada para que uma comunidade fraterna seja construída e alicerçada na pessoa do Cristo, mas na responsabilidade prática de todos os seus membros, de forma gratuita. Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti* (2020). “Quem não vive a gratuidade fraterna, transforma a sua existência num comércio cheio de ansiedade: está sempre a medir aquilo que dá e o que recebe em troca”²⁶⁷, afinal Deus é graça na vida da comunidade e por graça age em toda sua história. Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965) vemos essa realidade da igreja como tal;

Quando a Igreja, em virtude da sua missão divina, prega a todos os homens o Evangelho e lhes dispensa os tesouros da graça, contribui para a consolidação da paz em todo o mundo e para estabelecer um sólido fundamento para a fraterna comunidade dos homens e dos povos, a saber: o conhecimento da lei divina e natural. É, portanto, absolutamente necessário que a Igreja esteja presente na comunidade das nações, para fomentar e estimular a cooperação entre os homens; tanto por meio das suas instituições públicas como graças à inteira e

²⁶⁵ Cf. CL, nº 7.

²⁶⁶ BOFF, Leonardo. Direitos do coração: como reverdecer o deserto. São Paulo: Paulus, 2015, p. 174-175.

²⁶⁷ Cf. Ft, nº 140.

sincera colaboração de todos os cristãos, inspirada apenas pelo desejo de servir a todos.²⁶⁸

E em ação de graças, por estar realizando o projeto do Reino de Deus, a Igreja deve cantar o Hino da Caridade da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios que:

[...] é feito para estar na boca da Igreja enquanto tal. É a Igreja inteira que deve dizer com São Paulo: 'Ainda que falasse as línguas dos homens e dos anjos... Ainda que tivesse o dom da profecia e a plenitude da fé de modo a poder deslocar montanhas... Ainda que distribuísse todas as minhas substância...' Se a Igreja é ela mesma o corpo da ágape, então é dela que se deve dizer aquilo que se diz da ágape na sequência do texto: a Igreja é paciente, a Igreja é benigna, a Igreja não é invejosa, a Igreja não se vangloria, não se incha. A Igreja não perde a paciência. A Igreja em tudo acredita, em tudo espera, tudo suporta.²⁶⁹

Pois ela, a caridade, sabe e tem esperança na plena concretização histórica onde o mal será vencido, por isso tudo espera e tudo suporta, só que não com os braços cruzados, mas instaurando o Reino de Deus, aqui, ali, acolá, em todos os lugares, com seu fermento de vida e de esperança, revitalizando a humanidade, em uma total doação de si ao Reino. A vocação renova-se a cada dia pelo sim constante e generoso a Deus nas oportunidades que a vida oferece de maneira concreta pela voz da Igreja em suas mediações que são os bispos, superiores, provinciais, coordenadores, párocos e demais representatividades.

Sempre é a Deus que obedecemos e servimos, mas Ele nos fala via pessoas concretas e humanas e isto exige fé. Dizer sim é sinal de coragem, de confiança e de extrema entrega, se esta última for acompanhada pela fidelidade ao ser amado, que é o próprio Jesus, o próprio Reino feito carne, feito um de nós e em cada Eucaristia, não só no meio de nós, mas vivo em nós, dentro de cada homem e cada mulher que se coloca no caminho do divino mestre ciente de que este caminho pressupõe carregar e tomar a cruz de cada dia. "Quanto mais alguém é capaz de uma entrega

²⁶⁸ Cf. GS, nº 89.

²⁶⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *Obediência*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

total, maior e mais forte é o amor. Tal entrega supõe extrema coragem, uma experiência de morte, pois, não retém nada para si e mergulha totalmente no outro”²⁷⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo aprofundar e oportunizar uma reflexão sobre a Teologia das vocações, a partir da contribuição literária de alguns pensadores como Paul Ricoeur, Jean Luc Marion e do Magistério da Igreja, principalmente dos documentos Pontifícios. Serviu-se da Revelação de Deus na história como ponto de partida de toda relação estabelecida com o homem e o universo que o cerca, possibilitando compreender como este fenômeno do chamado vocacional se dá e em perceber como o ser humano acolhe este chamado e a ele responde.

Por um viés antropológico, ampliou-se olhar sobre o ser humano nas dimensões; orgânica, psicológica, afetiva, religiosa, histórica, espiritual, ontológica e ainda, sua relação com o Deus que o criou, amou conduziu e o salvou. Uma Salvação que perpassa a cruz de Seu Filho. Em Jesus, a obediência ao Pai, que conduzido pelo Espírito Santo assumi a natureza humana, revelando assim a presença paterna e amorosa de um Deus que chama homens e mulheres para segui-Lo.

Este seguimento revela o desejo de Deus de que todos almejem e busquem a Santidade como um projeto de vida, alinhado à uma proposta de verdadeira fraternidade, à uma concepção de um Reino de paz e amor que se desdobra na prática da Justiça. Viu-se que essa dinâmica relacional de Deus com o homem é baseada na proximidade, no diálogo, no respeito, na valorização da vida e no resgate da dignidade central da pessoa humana. A vida passa a ser o grande e mais sublime dom que Deus dispõe à humanidade. O próprio Jesus diz que veio “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). A vida do homem passa a estar entrelaçada à vida do próprio Cristo, que com Ele a humanidade é chamada a morrer, mas também a ressuscitar para uma nova vida que há de vir, e que pela fé já a antecipa de forma concreta e absoluta na medida que a humanidade se coloca nesse peregrinar e entender que com ela Deus também se faz um peregrino. O profetismo e o discipulado

²⁷⁰ BOFF, Leonardo. Direitos do coração: como reverdecer o deserto. São Paulo: Paulus, 2015, p.184.

se tornam a maneira mais consistente de seguimento para se compor uma comunidade capaz de testemunhar a graça vivificante de Deus e em comunidade a busca da santidade como objeto de toda a sua ação.

Situou-se que a santificação da vida humana é marca indelével do desejo do coração de Deus, vida que se estende desde o nascimento até a Páscoa eterna, onde chamados a viver de acordo com a Vontade do próprio Deus, este homem se coloca como defensor da vida em todas as suas instâncias. Na Sagrada Escritura, vemos inúmeros personagens e grandes santos e santas, que dentro de seus diversos contextos sociais se colocaram contra toda e qualquer estrutura ou iniciativa que venha colocar o valor da vida em questão. A vida é um valor inegociável, nada pode sucumbir o seu valor.

Viu-se a necessidade de resgatarmos a dimensão do profetismo na história humana, pautado na Palavra de Deus, que orienta e inspira homens e mulheres a buscarem sentindo para sua existência, a viverem intensamente e com significado. Na boca dos profetas da antiguidade as denúncias eram justamente para combater as injustiças sociais, e a tudo que pudesse privar do usufruto do dom da liberdade. O profeta não é um homem que sonha à partir do vazio, do nada ou da fantasia, o profeta sonha aquilo que Deus deseja para seu povo, ele é o porta voz de Deus diante do povo, com o povo e para o povo.

No do diálogo com Pilatos, vemos Jesus reafirmando sua identidade como aquele que veio dar testemunho da Verdade e que quem é da verdade escuta a sua voz (cf I Jo 2,5). Neste episódio, Jesus se revela como o Filho de Deus, mas também como o Filho do Homem, apresentando uma verdade Antropológica, a verdade de um Deus que amou até o fim, apontando a verdade do valor supremo e mais sublime da vida; a verdade da Revelação de um Deus presente, amoroso e que desde sempre caminha com a humanidade; de um Deus que se faz pequeno e frágil como uma criança; de um Deus que revela na pessoa de Jesus um modelo de acolhida a vontade do Pai, de mestre da verdade, da vida, da Justiça e do amor; revela-nos a Verdade de um Deus que se revela amando, dando sua vida por todos nós; a verdade de um Mestre que se coloca a serviço dos pequenos, dos pobres, dos sofredores, dos torturados, esquecidos da história e marginalizados pela sociedade; a verdade da Ressurreição, do Perdão, da reconciliação, por fim, a verdade do seu Reino. Jesus é o próprio Reino de Deus e que com homens e mulheres dispostos a segui-Lo

assumem sua corresponsabilidade para com a Obra da criação. Deus é humilde! Deus escolheu, em Jesus o caminho e estilo de vida a simplicidade.

Na medida que o homem toma consciência da existência de Deus e da Revelação do Seu projeto de Salvação, escuta a sua voz e se coloca em um processo de discernimento e escolha do bem-cuidar da vida em suas diversas instâncias. Essa relação só é possível pela intimidade e busca da Sabedoria como dom. Os sábios nos textos sagrados, são aqueles que amam a Deus e o próximo, que iluminados por Deus, com consciência da vontade de Deus, agem com amor, um amor que vê além das aparências, que vê o coração, a essência, um amor que valoriza o contexto, que age em defesa da vida, um amor que valoriza a pessoa, o ser humano e a história de cada um. A encarnação do Verbo é prova desse amor que valoriza a natureza humana, pois, Deus quis ter uma carne humana, e assim sendo, através dele santifica toda a natureza humana em sua integralidade.

Se apropriando de uma expressão de tantos Santos e santas, *a humanidade é vocacionada ao Céu*, chamado do grande amor de Deus. Através de Jesus, vemos com clareza a possibilidade e concretude de que o céu começa aqui e agora, se concretiza em nossas ações pastorais e celebrações litúrgicas, mas lá será nossa Pátria definitiva, onde o pecado e a morte não terão peso sobre a vida humana. Da finitude da vida humana experimenta-se ao infinito, do êxodo da vida terrena a vida celeste, do encontro definitivo da criatura com o Criador, do grande milagre da vida, do confronto da grandeza de Deus e pequenez humana, da experiência definitiva do amor, da misericórdia de Deus que ultrapassa todos os limites da nossa concepção intelectual ou tentativas teológicas de mensurar tal realidade.

O gozo triunfal da verdadeira liberdade de filhos e filhas de Deus, será visto como uma libertação de todo peso, necessidade ou até mesmo da obrigação de se encaixar nos moldes sociais. A liberdade é percebida quando o homem por algum motivo não a tem, liberdade de alma, liberdade de consciência, liberdade de escolha, liberdade de amar e para amar, liberdade para promover a justiça e a dignidade humana, liberdade dos entraves cognitivos, liberdade religiosa, liberdade filosófica, liberdade teológica, liberdade de poder fazer a vontade de Deus, liberdade de construir o Reino de Deus, liberdade de dar a vida por uma causa sem que por isso sofra-se repressões ou tenha sua vida ceifada precocemente, liberdade de promover a paz, liberdade do ser na sua integralidade e que possibilita homens e mulheres a

viverem o chamado de Deus para estarem em comunhão plena com Ele e com as pessoas ao redor. Esse resgate da liberdade humana possibilita o exercício de amar no sentido amplo, no respeito às adversidades, valorizando cada pessoa chamando-a à conversão, à intimidade com Deus; ao respeito à sacralidade das experiências construídas e adquiridas em cada história e almejada em cada projeto de vida.

A liberdade sempre foi um valor inegociável desde o início da criação, por ela muitos deram a vida, perderam literalmente a cabeça, muitos torturados, presos, ameaçados, sofreram assédios morais, mas nem por isso ousaram desistir de suas crenças e valores de transformação do mundo, países e civilizações. É fato, que muitos levantaram historicamente a bandeira de que mesmo que se prenda o corpo, a alma sempre será como pássaro disposto a alçar voo, tanto porque seu destino é o céu, a liberdade, é Deus. Somos chamados e vocacionados à liberdade como fruto de uma formação humana, da consciência ontológica e Antropológica, da certeza libertadora da Revelação divina, do sentido e ressignificação do valor da vida, da transfiguração histórica, do respeito místico da memória de nossos antepassados que em muitas instancias sociais lutaram para a que hoje nossa liberdade fosse possível.

Somente quem goza de verdadeira liberdade é capaz de encaminhar ou assumir a missão numa sociedade injusta e promover a justiça; numa sociedade sem esperança promover a esperança, numa sociedade de guerra promover a paz, transformando ações em uma cultura de paz; numa sociedade de fome, promover a solidariedade, numa sociedade de mentiras promover a verdade, numa sociedade de morte, promover e defender a vida, numa sociedade de falta de amor promover o amor, numa sociedade sem Deus anunciar e testemunhar a boa Nova do Reino a todos os recantos da terra, por fim, numa sociedade desumana tornar-nos cada vez mais imagens e semelhança de Deus, para vivermos com mais dignidade o compromisso ético com a sociedade à qual estamos inseridos. Sejam sal da terra, luz no mundo, sejam sinais de amor, de bondade e de misericórdia da presença do Senhor. Num júbilo triunfal, dizer como São Francisco “Senhor, fazei de nós, instrumentos de vossa Paz”.

Ser chamados e interpelados à justiça e ao amor requer cuidado e vigilância, assim como a vivência da fé, tem necessariamente suas implicações éticas, uma opção pelo reto caminho e pela reta intenção. Não há como se fugir dessa relação. Toda reflexão até aqui realizada resume-se em duas essenciais e grandes vertentes:

Jesus Cristo e seu Reino. Ou entendemos que a vida de Jesus não é só um modelo literário a ser seguido e admirado como a Nelson Mandela (1918-2013) que considerado por muitos como um rebelde fez de suas lutas uma constância no reconhecimento da dignidade de seu povo e do seu direito de viver. Não diferente dos profetas da Sagrada Escritura, Mandela também teve suas batalhas pessoais e perseguições devido as suas convicções morais e éticas.

Um outro modelo inspirador e histórico foi Gandhi (1869-1948) que lutou pela independência da Índia, uma nação politeísta, em seus aspectos político, social e religioso. São inúmeros os exemplos de pessoas que fizeram em suas mais diversas opções religiosas ou doutrinárias a diferença por onde passaram. Precisamos compreender urgentemente, que o Reino de Deus é sobretudo um projeto a ser vivido, testemunhado e implantado. Caso contrário passaremos décadas e mais décadas tentando reconstruir o mal feito pela falta de compreensão desta verdade única e absoluta: Deus criou homens e mulheres como fruto de seu amor e de sua misericórdia.

Cabe aqui finalizar dizendo que “O amor se orienta sempre pelo outro. Significa uma aventura abraâmica, a de deixar a sua própria realidade e ir ao encontro do diferente e estabelecer uma relação de aliança, de amizade e de amor”²⁷¹. Tudo o que a igreja é em sua essência ou deve ser em seu agir pastoral será sempre um orientar-se pelo e para o outro. Reino de Deus é reino onde a justiça e a paz possam reinar.

Deixar-se interpelar por um Reino que se desdobra na prática do amor e da justiça, pressupõe caminhar para uma sociedade cujos valores são pautados na ética do amor. A justiça é um fator presente desde a concepção da vida humana, dado presente antropologicamente nas raízes da formação das sociedades e implica verdade. A virtude da verdade e da justiça sempre fizeram um paralelo diante da dinâmica da fé. Uma fé consistente requer renúncias e fidelidade, caso contrário os estragos causados em nome de “uma religiosidade medíocre” não serão diferentes daqueles causados por esse mundo tão difamado no próprio discurso religioso. Há sim, que retomar a pedagogia do caminho de Emaús e sentir arder o coração quando

²⁷¹ Boff, Leonardo. Direitos do coração: como reverdecer o deserto. São Paulo: Paulus, 2015.

ouvirmos a Sagrada Escritura, há sim que transformar esta sociedade em uma civilização do amor, onde os jovens, os cristãos, a humanidade ainda poderão sonhar, mesmo que vivam de esperança em esperança, sem deixar-se vencer pelo desânimo e pela ansiedade.

BIBLIOGRAFIA

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *12º Plano Arquidiocesano de Pastoral 2017-2020: urgências da evangelização na cidade*. Disponível em <http://arquisp.org.br/sites/default/files/arquivos/12o_plano_arquidiocesano_de_pastoral_2017-2020.pdf> Acesso 13 nov. 2020.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*. 14ª ed. – São Paulo: Paulus, 2019, 2208p.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia TEB: Nova Edição*. 12ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2010, 2448p.

BLANK, Renold J. *Deus na história: centros temáticos da Revelação*/Renold J. Blank. São Paulo: Paulinas, 2005, p.71.

BOFF, Leonardo. *Direitos do Coração*. São Paulo: Paulus, 2015.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*/ Leonardo Boff, Frei Betto. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016, 496p.

CANTALAMESSA, Raniero. *Obediência*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

CARDEDAL, Olegario González de. *El Quehacer de la teología. Génesis, estrutura, Misión*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008, p. 99.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Nossa Espiritualidade*. 4ª ed. - São Paulo: Paulus, 2008, p.49.

CASTILHO, Edson. *Voltar-se para o essencial: uma reflexão sobre a educação em valores*. Campinas – SP: Arte Brasil, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 19ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 1999, 944p.

CAVALEIRO, Renan Mashio. Jesus Cristo. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p.163-164.

CELAM *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 18ª Reimpr. (2019). – São Paulo: Paulus/Paulinas; Brasília-DF: Edições CNBB, 2019, 312p.

CENCINI, Amedeo. *Construir cultura vocacional*: Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 25 (Coleção Pastoral vocacional)

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2020 – Texto-Base*. Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”. – Brasília-DF: Edições CNBB, 2019, 116p.

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo* (cf. Mt 5, 13-14). (Documentos da CNBB nº 105). – Brasília-DF: Edições CNBB, 2016, 152p.

CNBB. *Diretrizes Gerais da ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010*. (Documentos da CNBB nº 87). – Brasília-DF: Edições CNBB, 2008, 144p.

CNBB. *Diretrizes Gerais da ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. (Documentos da CNBB nº 109). – Brasília-DF: Edições CNBB, 2019, 96p.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil 1995-1998*. – São Paulo: Paulinas, 1995.

CNBB. *Ele está no meio de nós! O Semeador do Reino: Evangelho de Mateus*. (Documentos da CNBB). - São Paulo, Paulus, 1998, p.47-49.

CRB. *Novas Gerações e Vida Religiosa. Pesquisa e análise prospectivas sobre a Vida Religiosa no Brasil*. Márcio Fabris dos Anjos (org). Aparecida - SP: Sextante, 2004.

COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. (Coleção Comunidade e missão) – São Paulo: Paulus, 2008, p.12.

COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. – São Paulo: Paulus, 2004, p.71.

COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. 3ª ed. – São Paulo: Paulus, 1998, (Temas de atualidade), p.240-241.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Imago Dei*. Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html> Acesso 13 nov. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*. In: Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações. 31ª ed. Introdução e índice analítico de Frei

Boaventura Kloppenburg OFM. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier OFM. - Petrópolis: Editora Vozes, 2015, 744p.

CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. 2ª ed. Trad. Francisco Catão. - São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*. In: Mensagens, discursos e documentos. 2ª ed. Trad. Francisco Catão. - São Paulo: Paulinas, 2007.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 1995, 944p.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Dignitatis Humanae*. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. - São Paulo: Paulus, 1997, 736p.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Diretório para a Catequese*. Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. (Documento da Igreja, nº 61). - Brasília-DF: Edições CNBB, 2020, 304p.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. - São Paulo: Paulus, 1997, 736p.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Laudato Sí*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos – Documento Final. (Documento da Igreja, nº 51). - Brasília-DF: Edições CNBB, 2018, 112p.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Presbyterorum Ordinis*. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. - São Paulo: Paulus, 1997, 736p.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Redemptoris Missio*. In: Encíclicas de João Paulo II. 2ª ed. - São Paulo: Paulus, 2020, 1300p.

FASANO, Ettore Murbach. *Ética*. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 107.

FRANKL, VICTOR E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. Trad. Ivo Stuard Pereira. Ed ampl., incluindo o posfácio “A desfiguração da logoterapia”. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, VICTOR E. *Um psicólogo no Campo de concentração*. Tradução de Walter O. Schulpp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre, Sulina, 1987; São Leopoldo, Sinodal, 1987. 174p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. - São Paulo: Paz e Terra, 1997, p.133.

GOULART, José Dias. *Vocação para servir: siga a sua e saiba por quê*. - São Paulo: Paulus, 2003. (Comunidade e Missão), p.53.

HAUGHT, John F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulinas, 1998. (Teologia sistemática), p. 31.

JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. Exortação Apostólica de João Paulo II sobre a vocação dos leigos na Igreja e no mundo. 4ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 1989, 120p.

JOÃO PAULO II. *Dives in Misericordia*. Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a misericórdia divina. (Documentos Pontifícios nº 21). - Brasília-DF: Edições CNBB, 1980, 72p.

JOÃO PAULO II. *Evangelium Vitae*. Carta Encíclica de João Paulo II sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. (Documentos Pontifícios nº 139). - São Paulo: Paulinas, 1998, 211p.

JOÃO PAULO II. *Familiales consortio*. Exortação Apostólica de João Paulo II sobre a função da família cristã no mundo hoje. 5ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 1989, 96p.

JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão. (Documentos Pontifícios nº 160). - São Paulo: Paulinas, 1998, 144p.

JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*. Exortação Apostólica pós-Sinodal de João Paulo II sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no Mundo. 4ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 1996, 168p.

KANG, Yerem. Revelação. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 258.

LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Libertação: Roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987b. (Coleção fé e realidade).

LUONGO, Fernando de Oliveira. Teoria da Justiça. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p.277-278.

MALHEIROS, Thomaz Budavari. *Economia do dom*. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 92.

MARION, Jean Luc. In: XAVIER, Donizete José (Org.). *O testemunho como linguagem do indizível*. Um objeto inobjetável e sua jurisdição de possibilidades a partir da fenomenologia de Jean-Luc Marion. Teoliterária V. 10, nº 21. São Paulo: PUC, 2020, p. 206-226.

MARTINEZ DIÉZ, Felicísimo. *Vida religiosa: carisma e missão profética*. Trad. Valdir José de Castro. – São Paulo: Paulus, 1995, p. 63 (Tempo de libertação)

MANZATTO, Antonio. In. *Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns: Pastor das periferias, dos pobres e da justiça*. (Org. Professor Valdir e Padre Ticão). São Paulo: Casa da Terceira Idade Tereza Bugolim, 2015. P, 259.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: Uma contribuição para a Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONDIN, Battista. *O Homem, quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. Trad. R. Leal Ferreira e M.A.S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980. (Coleção Filosofia), p. 61.

OPAS. Organização de Pesquisa Pan Americana da Saúde. *Folha informativa - Suicídio*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 22 mai. 2020.

PAPA BENTO XVI. *Caritas in Veritate*. Carta Encíclica do Santo Padre Bento XVI sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. (Documentos do Magistério). 5ª ed. – São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2011, 88p.

PAPA BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. Carta Encíclica do sumo Pontífice Bento XVI aos Bispos, Presbíteros e Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o Amor Cristão. (Documentos Pontifícios nº 189). 8ª ed. – São Paulo: Paulinas, 2006, 88p.

PAPA FRANCISCO. *Amoris Laetitia*. Exortação apostólica pós-Sinodal do Sumo Pontífice Francisco sobre o amor na família. (Documentos Pontifícios nº 2020. – São Paulo: Paulinas, 2016, 280p.

PAPA FRANCISCO. *Christus Vivit*. Exortação Apostólica pós-Sinodal do Francisco para os jovens e para todo o povo de Deus. – São Paulo: Paulus, 2019, 120p.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice Francisco sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. (Documentos Pontifícios nº 198). – São Paulo: Paulinas, 2013, 232p.

PAPA FRANCISCO. *Fratelli tutti (Todos irmãos)*. Carta Encíclica do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. (Documentos do Magistério). – São Paulo: Edições Loyola, 2020, 144p.

PAPA FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate*. Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre o chamado à santidade no mundo atual. – São Paulo: Paulus, 2018, 88p.

PAPA FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco por ocasião da Santa Missa na Solenidade de Pentecostes*. Basílica de São Paulo: Vaticano, 31 mai. 2020. Disponível em www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200531_homelia-pentecoste.html Acesso em 05 jun. 2020.

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. (Documentos Pontifícios nº 201). – São Paulo: Paulinas, 2015, 200p.

PAPA FRANCISCO. *Lumen Fidei*. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco aos Bispos, aos Presbíteros, aos Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé. (Documentos Pontifícios nº 197). – São Paulo: Paulinas, 2013, 88p.

PAPA PAULO VI. *Dei Verbum*. Constituição Dogmática sobre a revelação divina. (Documentos Pontifícios nº 37). 19ª ed. – São Paulo: Paulinas, 1998, 32p.

PAPA PAULO VI. *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo hoje. (Documentos Pontifícios nº 41). – São Paulo: Paulinas, 1998, 144p.

PEREIRA, Simone. *Amar: chamado divino, vocação humana*. São Paulo: Paulinas, 2008 (Coleção horizonte).

PÍE NINOT, Salvador. *Teologia Fundamental (Trad): 7 (ágape)*- Salamanca: Ed. Secretariado Trinitário. 2009.

PUGLIESI, Giuliano Spanaveli. Testemunho In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Loyola, 2019, p. 33 – 34.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: Introdução ao curso de Cristianismo*. Trad. Alberto Costa. (Coleção Teologia Sistemática). - São Paulo: Paulus, 1989, P.22.

RICOEUR, Paul. *Leituras 3: Nas fronteiras da Filosofia*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996. p, 167.

RICOEUR, Paul. *Amor e justiça*. Paul Ricoeur; Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

RICOEUR, Paul. *Na escola da fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2009. (Coleção "Textos filosóficos").

RUBIO, Afonso Garcia. *Elementos de Antropologia Teológica*. Salvação Cristã: Salvos de quê e para quê? 4. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2007, p.40.

RULLA, Luigi M. *Antropologia da Vocação Cristã*. (Bases Interdisciplinares) - São Paulo: Edições Paulinas, 1987, p.308.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. – São Paulo: Paulus, 2002, 464p.

SCHERER, Odilo Pedro. *Justo Sofredor*: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo. - São Paulo: Edições Loyola, 1995, p.258.

TEMPESTA, Orani. Vocação, resposta do homem a Deus/CNBB. (Página da CNBB). Redação 16.08.2018. Disponível em: < <https://www.cnbb.org.br/vocacao-resposta-do-homem-a-deus/> > Acesso em: 17.12.2020.

VALENTINI, Renato Bulbaarelli. Liberdade. In: XAVIER, José Donizete (Org.). *Paul Ricoeur de A a Z*: uma contribuição de estudantes para estudantes. São Paulo: Loyola, 2019, p.184-185.

VIDA E AÇÃO. *Papa pede que as pessoas não cedam ao medo*. [Jornal eletrônico]. Redação, 12 abr. 2020. Disponível em <www.vidaacao.com.br/papa-pede-que-as-pessoas-nao-cedam-ao-medo> Acesso em: 05 jun. 2020.